

Joanício Fernando Bauwelz (Org.)

Sobre a reconstrução do “nós”

Laboratório de estudos sobre ecumenismo e diálogo inter-religioso



A Igreja tem uma vocação, aquela de ser o Sacramento do Filho para o mundo e, entre suas quatro notas características, uma certamente é a mais desafiadora: a UNIDADE. Os esforços contínuos do Ecumenismo têm sido o de alertar e buscar meios para que a Igreja possa refletir e buscar a realização da vontade de Nosso Senhor Jesus Cristo que suplica ao Pai: “Pai Santo, guarda-os em teu nome, o nome que me deste, para que eles sejam um, como nós somos um” (Jo17,11). Os textos reunidos nesta produção técnica são o resultado de um trabalho de pesquisa, apresentação e debate sobre Ecumenismo e diálogo Inter Religioso, feito durante os anos de 2018 e 2019 no Instituto de Filosofia e Teologia Mater Ecclesiae - IFITEME - da diocese de Ponta Grossa – Pr. A riqueza destes textos está na multiplicidade de seus escritores. Em um mesmo ambiente acadêmico não estão apenas os estudantes de graduação do Curso livre de Teologia do Instituto, que habitualmente são seminaristas em vista ao sacerdócio. Nesta reflexão estão presentes, também, leigos engajados na vivência da fé e da promoção do Reino de Deus em suas comunidades, com sua bagagem profissional, familiar e social, ajudam a ampliar os horizontes, por vezes limitados, da presença da Igreja no mundo. Assim, entre seminaristas da diocese, freis missionários menores, um diácono permanente e um casal de leigos, o contato inicial com a realidade Ecumênica ganha a contribuição necessária de variados pontos de vista orientados para um objetivo em comum, aquele de entender, aprofundar e contribuir para a reconstrução do “nós”. O objetivo é gerar fiéis sensíveis ao diálogo cristão nos diversos estratos da vida da Igreja, que contribuam para a edificação da unidade.



Sobre a reconstrução do “nós”

Comitê editorial da



Série
Teologia em Diálogo

Cassio Murilo Dias da Silva, PUCRS, Brasil.

Geraldo Luiz Borges Hackmann, PUCRS, Brasil.

Irineu J. Rabuske, PUCRS, Brasil.

Manuel Hurtado, FAJE, Brasil.

Marileda Baggio, PUCRS, Brasil.

Roberto Hofmeister Pich, PUCRS, Brasil.

Jéferson Ferreira Rodrigues, IHU/Unisinos, Brasil

Nythamar Fernandes de Oliveira, PUCRS, Brasil

Sobre a reconstrução do “nós”

Laboratório de estudos sobre ecumenismo e diálogo inter-religioso

Organizador:

Joanício Fernando Bauwelz



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Margoni

Fotografia de Capa: Sergio Souza - [instagram.com/serjosouza](https://www.instagram.com/serjosouza)

Correção: Estanislau Rodrigues de Almeida.

Revisão: Leandro Lira e Bergson Vilalba

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Série Teologia em Diálogo - 9

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

BAUWELZ, Joanicio Fernando (Org.)

Sobre a reconstrução do “nós”: Laboratório de estudos sobre ecumenismo e diálogo inter-religioso [recurso eletrônico] / Joanicio Fernando Bauwelz (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

180 p.

ISBN - 978-65-87340-22-7

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Ecumenismo; 2. Diálogo; 3. Inter-religioso; 4. Coletânea; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 200

Índices para catálogo sistemático:

1. Teologia 200

Sumário

Introdução	9
Joanicio Fernando Bauwelz	
1	13
As quatro notas da Igreja	
Joanicio Fernando Bauwelz	
2.....	27
Ecumenismo: do Concílio Vaticano II, até os dias de hoje	
Rafael Moreira	
3.....	41
Uma perspectiva sobre diálogo inter-religioso e ecumenismo nos passos do Papa Francisco	
Jose Carlos Messias Martins	
4.....	56
O ecumenismo no Brasil	
Rodrigo Ribas	
5.....	67
Sobre o ecumenismo no Brasil	
Josáurea de Fátima Vloet Katzenwadel	
6.....	92
O ecumenismo na diocese de Ponta Grossa	
Alexandre Spena Regueira	
7.....	106
Ecumenismo na diocese de Ponta Grossa, a partir de uma visão católica e luterana	
Felipe Lucas Mendes	

8	119
Algumas questões cristológicas de ecumenismo	
Charles Magalhães Sales	
9	134
Questões eclesiológicas dentro do ecumenismo	
José Barbosa	
10	144
Diálogo inter-religioso fora do cristianismo	
Wellington Henrique Alves Nogueira	
11	157
Exclusivismo, inclusivismo e pluralismo	
Oswaldo Carlos Katzenwadel	

Introdução

Joanício Fernando Bauwelz

A Igreja tem uma vocação, aquela de ser o Sacramento do Filho para o mundo e, entre suas quatro notas características, uma certamente é a mais desafiadora: a UNIDADE. Os esforços contínuos do Ecumenismo têm sido o de alertar e buscar meios para que a Igreja possa refletir e buscar a realização da vontade de Nosso Senhor Jesus Cristo que suplica ao Pai: “Pai Santo, guarda-os em teu nome, o nome que me deste, para que eles sejam um, como nós somos um” (Jo17,11).

Os textos reunidos nesta produção técnica são o resultado de um trabalho de pesquisa, apresentação e debate sobre Ecumenismo e diálogo Inter Religioso, feito durante os anos de 2018 e 2019 no Instituto de Filosofia e Teologia *Mater Ecclesiae* - IFITEME - da diocese de Ponta Grossa – Pr.

A riqueza destes textos está na multiplicidade de seus escritores. Em um mesmo ambiente acadêmico não estão apenas os estudantes de graduação do Curso livre de Teologia do Instituto, que habitualmente são seminaristas em vista ao sacerdócio. Nesta reflexão estão presentes, também, leigos engajados na vivência da fé e da promoção do Reino de Deus em suas comunidades, com sua bagagem profissional, familiar e social, ajudam a ampliar os horizontes, por vezes limitados, da presença da Igreja no mundo. Assim, entre seminaristas da diocese, freis missionários menores, um diácono permanente e um casal de leigos, o contato inicial com a realidade Ecumênica ganha a contribuição necessária de variados pontos de vista orientados para um objetivo em comum, aquele de entender, aprofundar e contribuir para a reconstrução do “nós”. O objetivo é gerar

fiéis sensíveis ao diálogo cristão nos diversos estratos da vida da Igreja, que contribuam para a edificação da unidade.

Quando a proposta destes textos surgiu, um estudo sobre as quatro *notae ecclesiae* ajudou num entendimento mais aprofundado sobre a natureza primeira da Igreja. Este texto vem reproposto nesta coletânea de artigos, visto que serviu de ponto de partida para os demais, é um texto básico escrito por mim durante os estudos para o mestrado.

O primeiro a trazer suas contribuições é Rafael Moreira, que se ocupou em fazer uma abordagem do Ecumenismo a partir do Concílio Vaticano II com a *Unitatis Redintegratio*, e dos Papas Conciliares e posteriores. Seu estudo serve para perceber a evolução do pensamento do catolicismo a partir de seu *aggiornamento* teológico-pastoral, também, na tomada de posição dentro do discurso ecumênico.

Em continuidade com o tema o Frei Jose Carlos Messias Martins assume em seu texto uma dedicação maior ao caminho percorrido pelo Papa Francisco no estabelecimento do diálogo, manifesto em suas Encíclicas, Exortações apostólicas e em suas viagens aos lugares onde estão presentes, também as religiões não cristãs. Existe uma mensagem de busca para construir uma história de harmonia.

A reconstrução da Unidade é um tema importante no cristianismo presente no Brasil. É esta a temática do texto de Rodrigo Ribas, que recorre a história para demonstrar como os primeiros séculos ficaram marcados com um sinal negativo na relação entre as igrejas cristãs. A boa disposição em mudar este panorama, contudo, é o que marca positivamente a história recente dos esforços ecumênicos. A Josáurea de Fátima, participa com seu texto nesta mesma reflexão. Com uma abordagem que parte dos conflitos entre as religiões presentes no país e das rotas para amenizar tais conflitos. Ambos demonstram como o diálogo pela unidade é agora uma realidade concreta. Citam os organismos e instituições presentes no Brasil que veem pela busca do respeito e da aproximação daqueles que professam a fé no Cristo Salvador. Renovo aqui a beleza da participação de uma mulher,

leiga, esposa e agente de evangelização neste laboratório que versa sobre fé, igualdade e diálogo.

Os textos que vem em continuidade são contribuições muito significativas, o primeiro do Alexandre Spena Regueira e o outro do Felipe Lucas Mendes. São participações que acrescentam em muito na apresentação do ecumenismo na diocese de Ponta grossa. Poucos materiais existem até aqui e que qualificam o trabalho desenvolvido nas cidades dos Campos gerais que formam a Diocese de Ponta Grossa. Alexandre Spena Regueira apresenta o panorama de praticamente 200 denominações religiosas presentes na região, o material precedente ao seu que versa sobre o assunto e as autoridades e organismos que se destacaram e se destacam atualmente no diálogo ecumênico. Em complemento ao texto de Regueira vem a pesquisa de Felipe Lucas Mendes que trouxe uma forma diversificada de abordagem, indo entrevistar diretamente personagens chave do Ecumenismo em Ponta Grossa: o atual bispo diocesano Dom Sergio Arthur Braschi e o Pastor da Igreja de Confissão Luterana no Brasil, que é membro de uma iniciativa ecumênica existente em Ponta grossa.

Os dois textos que aprofundam a reflexão sobre o ecumenismo em Ponta Grossa foram sempre o centro para o qual as pesquisas feitas neste estudo apontaram. Partindo de uma visão teológica e histórica universal, passando pelas atividades em âmbito nacional ir descendo até o mais próximo que é a realidade local. As apresentações dos textos e o profícuo debate gerado ao redor de cada tema fizeram participar a todos um entendimento mútuo, complementar e progressivo. Espero, com muita sinceridade, que a Diocese de Ponta Grossa possa ser enriquecida por estas contribuições e que juntamente com as demais denominações cristãs presentes nesta região possa estar sempre aberta ao caminho de reconstrução da Unidade do cristianismo. Deixo aqui um agradecimento especial ao Alexandre e ao Felipe por seus esforços.

A contribuição do texto do Frei Charles Magalhães Sales sobre algumas questões cristológicas foi um ulterior passo na construção da aprendizagem sobre os temas até aqui propostos. Partindo da oração de

Jesus em João 17, 21-23 Frei Charles rememora a vivência dos primeiros cristãos que foram testemunhados em Atos 4,32 como sendo “um só corpo e uma só alma”. Assim, os modelos teológicos de unidade da trindade e da unidade dos primeiros cristãos aparece como um contrastante e triste contratestemunho ao mundo nas divisões existentes.

Para além das questões cristológicas, existem ainda aquelas eclesiológicas. José Barbosa, diácono permanente, contribui com mais um texto na grande linha progressiva deste estudo. Um dos elementos de seu texto que não deve passar inobservado é aquele que recorda o papel e figura de Maria.

Frei Wellington Henrique Alves Nogueira é quem inaugura o segundo percurso destes estudos: aquele que reflete sobre o diálogo inter-religioso, ou seja, a reflexão sobre as religiões, para além das fronteiras do cristianismo. As diferenças no modo de pensar e de conceber a religião nas diversas formas dela no mundo é o tema central deste estudo. São as evidentes diferenças que geram os conflitos e divisões entre as religiões, as antipatias e o desprezo. É a descoberta do significado de humanidade que estende uma ponte para superar as diferenças e passar para a busca das semelhanças e paridades. Todas têm em vista a busca de um elemento em comum: a paz. É justamente a busca de uma cultura de paz que pode serenar os ânimos e acalmar as “guerras” da diferença. Na busca de demonstrar as pontes para o diálogo inter-religioso é que Osvaldo Carlos Katzenwadel, também ele leigo, apresenta três formas de pensar o diálogo: exclusivismo, inclusivismo e pluralismo.

Para concluir ficam os agradecimentos aos colaboradores deste projeto, cada autor que compôs o todo desta obra. Uma contribuição a mais na estrada longa e difícil da reconstrução do “nós” dentro do diálogo ecumênico e inter-religioso. E para você que está buscando aqui conhecer mais sobre a desafiadora, mas desejável construção da Unidade, aproveite este estudo.

As quatro notas da Igreja

*Joanicio Fernando Bauwelz*¹

Introdução

Este trabalho de pesquisa apresentado a primeira vez na disciplina de Questões de Eclesiologia referente ao PPG de Teologia da PUCRS, e que aqui vem reproposto como abertura para o debate ecumênico que se segue, tem como objeto aprofundar o entendimento sobre as *notae Ecclesiae*, ou seja, as quatro propriedades teológicas fundamentais da Igreja: una, santa católica e apostólica. Não se pode deixar de dar todo o mérito ao Teólogo Medard Kehl, pois, toda a estrutura da reflexão é conforme ao seu livro *La Chiesa*.

É no credo nisseno-constantinopolitano que se pode encontrar de forma bem clara este artigo de fé que apresenta as afirmações essenciais sobre a natureza e a missão da Igreja. Tais afirmações apresentam uma relação de reciprocidade (circularidade) entre as propriedades. Existe uma distinção na interpretação das quatro notas da Igreja entre, por exemplo, os teólogos protestantes e católicos. Nesta pesquisa, o objetivo é centrar especificamente na interpretação católica. Desta forma será possível fazer uma delimitação do tema.

¹ Sacerdote da Copiosa Redenção, doutorando em Teologia pela PUCRS.

1 Apresentação das *Notae ecclesiae*

Para compreensão das propriedades que tornam concretamente visível a Igreja, a partir da confissão de Fé de 381, chamada nisseno-constantinopolitana, que professa “cremos na Igreja una, santa, católica e apostólica”, é preciso deixar claro a abordagem a ser usada. Isso porque, como afirma KASPER² “em função de sua compreensão diferenciada de igreja, as igrejas protestantes as interpretam de maneira diferente da Igreja Católica e das igrejas ortodoxas”. Neste artigo, a atenção será dada à abordagem Católica. Isto, porque, segundo a compreensão protestante as quatro notas da Igreja “devem ser entendidas como propriedades exercidas da Igreja oculta apreensível só na fé”³. Lutero acrescentou às *notae ecclesiae* as chamadas notas externas da Igreja visível, que são: a pregação pura do evangelho e a administração dos sacramentos, a oração, a cruz e o sofrimento. Calvino, por sua vez, cita também a ordem eclesiástica.

Desde o primeiro século a Igreja reza invocando sobre seus fiéis, que sejam unidos em Cristo, santificados e reunidos nos quatro cantos do mundo. Esta se torna a missão da Igreja. É esta a oração das comunidades do primeiro século depois de Cristo:

Lembra-Te, Senhor, da tua Igreja,
 livra-a de todo o mal,
 e aperfeiçoa-a no teu amor.
 Reúne-a dos quatro cantos do mundo,
 e santifica-a no reino que Tu lhe preparaste.
 Porque teu é o poder e a glória
 pelos séculos dos séculos. Amém!
 Que venha a graça e passe este mundo! Amém!
 Hosana, ó Filho de David!
 Aquele que é santo, que venha!
 Aquele que não o é, que mude o seu coração!
 Maranatha. Vem Senhor Jesus! Amém! ⁴

² KASPER, W. *A Igreja Católica*. 2012, p. 203.

³ KASPER, 2012, p. 203.

⁴ *Didaquê* 10,5-6.

Existe em cada uma das notas da Igreja um caráter específico. Para melhor proceder metodologicamente é necessário analisá-las de forma individual, e isso será feito respeitando a ordem apresentada no Símbolo. A primeira é *credo unam ecclesiam*.

2 *Unidade, pelo Espírito Santo*

O princípio de unidade e unicidade da Igreja reside na unidade e unicidade de Deus trindade. O dom da vida divina que nos é comunicado vai acolhido na fé que liberta da subjetividade abrindo-a para a acolhida do outro. A fé gera assim, a *congregatio fidelium* e conduz o crente a acolher a vida divina no evento sacramental. No sacramento, a unidade da Igreja é gerada e expressa. A Igreja é, portanto, a comunhão gerada e renovada pela vida trinitária, acolhida pela fé na Palavra e nos sacramentos. A unidade vinda do alto constitui a Igreja na sua universalidade, como Igreja de Deus presente nos vários lugares e situações históricas: a *Ecclesia Una* é a Igreja universal e as Igrejas locais. Princípio de unidade da Igreja é o Espírito Santo⁵.

2.1 *Communio* e instituição

Para compreender a unidade da Igreja é preciso antes justificar teologicamente o caráter institucional da Igreja na eclesiologia da *communio*.⁶ O conceito sociológico que define uma instituição é um complexo de formas e atividades, típicas de uma entidade social (grupo, associação, etc.), que tem uma origem histórica e permanece suficientemente estável: funções, tradições, ritos, usos, normas morais, atos jurídicos, poderes, etc. Estas atividades institucionais garantem estabilidade, unidade, capacidade de ação e adaptação da comunidade.

⁵ Cf. KEHL, M. *La Chiesa*, 1995, p. 373.

⁶ Constituição Dogmática *Lumen Gentium* n. 3, 4, 7 e 9.

A aplicação, na Igreja, deste conceito se manifesta no seu caráter institucional lá onde as suas fundamentais ações típicas (*martyria*, *leitourgia* e *diakonia*) assumem uma forma objetiva, autônoma no que diz respeito aos sujeitos individualmente, universalmente vinculante (normativa) e representativa (em nome de toda a comunidade). Existem instituições primárias (Escrituras, Credo, Tradição, Sacramentos, Ordenamento jurídico, estrutura, etc.)⁷ que pertencem à autocompreensão da Igreja Católica. A Igreja não subsiste pela espontânea vontade dos indivíduos, mas pelo chamado à unidade de Cristo e do seu Espírito: por isso existem legitimamente determinados elementos institucionais formais da fé comum.

2.2 O Espírito no carisma e na instituição

O Espírito Santo se manifesta na Igreja não somente nos carismas pessoais dos cristãos individualmente, mas também nas estruturas permanentes da Igreja, de forma que não há oposição entre carisma e instituição.

2.2.1 O institucional como sinal do Espírito identificador

O Espírito ajuda a Igreja a identificar-se com a mensagem originária do Evangelho e a encontrar a própria identidade como comunidade de Jesus Cristo, servindo-se ainda, das formas institucionais⁸:

1) Vínculos com as origens: A Igreja primitiva anunciava que o Espírito do Ressuscitado é o Espírito do Jesus histórico e crucificado: somente nesta identificação da fé no Ressuscitado se encontra a identidade especificamente cristã. Mas esta identidade se encontra mediante o serviço da Igreja (anúncio, sacramentos etc.). Com o passar do tempo estas ações se institucionalizam, como

⁷ Cf. KEHL, 1995, p. 376.

⁸ Cf. KEHL, 1995, p. 377.

por exemplo, com as confissões, fórmulas de fé fixas, ritos etc. O significado teológico institucional tem, então, como elemento, o serviço da comunidade chamada a encontrar na história a sua identidade mediante a identificação com a mensagem salvífica precedente.

2) O específico da unidade formal: a competência cognitiva e de decisão de uma autoridade formal se funda sobre o fato de que é sua tarefa manter a identidade e a unidade necessárias para que uma comunidade possa agir em relativa independência das opiniões dos membros individualmente. De outra parte, a relativa independência tem um claro limite: o *consensus fidelium*, onde opera o Espírito Santo.

3) A Instituição sinodal: depois do Vaticano II o âmbito institucional compreende, também, as estruturas sinodais nas quais todos os fiéis possam dar o seu aporte. A força identificadora do Espírito se manifesta nas instituições na capacidade de cumprir o seu serviço ao evangelho, sem medo diante das novas situações históricas, para encontrar nela a identidade na fé comum.

2.2.2 O institucional como sinal do Espírito integrante

O Espírito Santo introduz os crentes individualmente e as igrejas na unidade da *communio sanctorum* e da *communio Ecclesiarum*, servindo-se ainda das estruturas institucionais⁹.

Continuidade sincrônica com o presente da fé na única Igreja universal: já na época neotestamentária encontramos um ministério institucionalizado de direção para a unidade da comunidade. Sucessivamente surgem estruturas a serviço da unidade da Igreja universal: bispos, concílios, ministério petrino, e mais ainda as confissões de fé, dogma etc. Através destas instituições da Igreja universal, as igrejas locais são integrantes na unidade universal da única Igreja.

2.2.3 O institucional como sinal do Espírito libertador

O Espírito livra o fiel da necessidade de dever buscar a salvação sozinho, servindo-se de modo particular das estruturas institucionais. A

⁹ Cf. KEHL, 1995, p. 386.

liberdade dos filhos de Deus não se realiza somente de forma imediata com o dom do Espírito dado a cada um, mas também através da mediação eclesial. As formas institucionais são chamadas a serem sinal e instrumento desta libertação, mediante o seu serviço de identificação e de integração.

A identificação de cada nova situação da fé com a sua origem e a sua Tradição livra a comunidade da necessidade de ter que projetar a própria identidade de modo novo em cada momento histórico. A integração com a fé una e universal libera os fiéis da necessidade de construir cada vez a própria unidade somente a partir das experiências de fé dos próprios grupos.

3 Santidade da *communio sanctorum*

A Igreja é santa porque é a Igreja de Deus. Ela não pode perder a sua santidade mesmo quando é marcada pelo pecado dos seus membros. O significado sacramental desta nota está justamente na participação dos fiéis nos santos mistérios da Igreja (sacramentos). *Communio* indica a *communicatio* e a *participatio* dos fiéis ao corpo e sangue de Cristo oferecidos no sacrifício que estão presentes sacramentalmente por meio do Espírito nos santos sinais (*sanctorum*).

Podemos falar ainda de um significado pessoal. A *Communio* indica, também, a união pessoal daqueles que comungam ao corpo de Cristo e são por ele santificados (*sanctorum*). Existe, desta forma, uma relação de reciprocidade entre os dois significados. Assim sendo, surge um terceiro significado importante para falar da santidade, o significado escatológico¹⁰. Nesta comunhão dos santos pertencem todos os santificados por Cristo no passado, no presente e no futuro, e ainda aqueles que participam de modo definitivo e seguro na vida do Ressuscitado. A partir do século V o termo santos indica os beatos que chegaram no céu. A santidade estará conectada

¹⁰ Cf. KEHL, 1995, p. 391.

ao contexto da recompensa pela perfeição ética obtida com a graça. Unida pela Igreja peregrina com a Igreja Celeste.

3.1 Santidade: Igreja santa e pecadora

Quando se abre espaço para a ação do Espírito Santo,¹¹ se manifesta a verdadeira natureza, a vocação e missão recebida por Deus como Igreja “Santa”. Quando se fecha ao Espírito se manifesta somente a oposição, presente na história, mas já derrotada em linha de princípio de Cristo, contra a santidade operada pelo Espírito. O pecado não poderá nunca prevalecer sobre a ação do Espírito e não poderá destruir a comunidade santa de Deus. Isso se refere à Igreja na sua totalidade e não aos indivíduos. A santidade da Igreja é ancorada sobre os santos e, sobretudo em Maria, exemplar símbolo real da Igreja santa. Sinais infalíveis da ação do Espírito são: o anúncio da Palavra de Deus e a administração dos sacramentos.

A Igreja é *communio sanctorum*, comunhão dos santos, ou seja, comunidade de todos os que receberam a graça regeneradora do Espírito, pela qual são filhos de Deus, unidos a Cristo e chamados santos. Uns caminham ainda nesta terra, outros morreram e purificam-se também com a ajuda das nossas preces. Outros gozam já da visão de Deus e intercedem por nós. A comunhão dos santos também significa que todos os cristãos têm em comum os dons santos, em cujo centro está a Eucaristia, todos os outros sacramentos que a ela se ordenam e todos os outros dons e carismas¹².

Todos os membros são responsáveis uns pelos outros, eles se sustentam e são sustentados reciprocamente. Na celebração eucarística os crentes são libertados pelo Espírito Santo do pecaminoso “ser por si” pelo ser conformados ao modo de Cristo no “ser pelos outros”. Este vínculo de

¹¹ LG 15.

¹² cf. *Catecismo da Igreja Católica*. 1993, n 950.

solidariedade se pode exprimir de formas diferentes: a oração de intercessão, a ajuda, a aceitação do sofrimento a favor da Igreja, a obediência a uma vocação do Espírito etc.

3.2 *Ecclesia semper purificanda*

É apenas de maneira escatológica que a Igreja se apresente já “sem manchas e rugas” (Ef 5,27). No tempo a Igreja tem a característica de estar sempre se purificando e durante sua história muitos movimentos renovadores surgiram, como é o caso do monasticismo e das reformas. KASPER¹³ afirma que “em todos os tempos foram os santos que renovaram a Igreja. Eles sempre conseguiram fazer com que a santidade imperecível, própria da Igreja, voltasse a brilhar”.

4 Catolicidade para o mundo

O termo “católico” compreende tanto o significado de plenitude (na verdade e autenticidade) quanto aquele de universalidade. O fundamento teológico da Catolicidade está na universal vontade salvífica de Deus. A catolicidade mais que dimensão quantitativa, é uma propriedade constitutiva, que qualifica a unidade da Igreja em relação a sua origem na Trindade e ao seu destino no universo reconciliado. A Igreja católica atua no tempo como participação do homem na vida divina. Como uma espécie de “povo” que se pode encontrar na sua presença universal-sacramental, lá onde o homem se deixa preencher pelo Espírito do amor de Deus.

4.1 Povo de Deus e Igreja Católica

Para a salvação é necessária, além da participação na unidade universal ao povo de Deus, também uma precisa relação com a Igreja católica¹⁴.

¹³ KASPER. 2012, p. 229.

¹⁴ LG 13; UR 3.

Para esta compreensão é necessário entender o problema da relação entre a forma universal (povo de Deus, Corpo místico de Cristo) e forma institucional da Igreja. Algumas teses sustentadas nos últimos quatro séculos afirmam que a igreja é a comunidade dos crentes que aceitam a profissão de fé, recebem os sacramentos, conservam a unidade institucional-hierárquica com a Igreja católica. Roberto Bellarmino sublinha a imagem de que esta realidade se dá sob o governo do Romano Pontífice. Mais tarde, Pio XII na *Mystici corporis*¹⁵ repreende esta teoria, trazendo em evidência os elementos visíveis da pertença.

Posteriormente, no Concílio Vaticano II, surgirão algumas correções importantes. A *Lumen Gentium* e a *Unitatis Redintegratio* colocaram as premissas por uma abertura ecumênica, sobretudo nos seguintes pontos: a identidade entre povo de Deus e Igreja católica romana é superada. A relação é expressa com o *subsistit* e não com o *est*, o termo “romana” é abandonado. As outras confissões são chamadas Igrejas e comunidades eclesiais, sem precisar quais¹⁶. Com elas, a Igreja Católica é em uma *communio* (não plena) ou *coniunctio*¹⁷.

Uma teologia muito integradora é aquela da pertença por graus ou ordenamentos dos indivíduos à Igreja de Jesus Cristo¹⁸: os fiéis católicos são plenamente incorporados - para alguns cristãos existe um vínculo ou *communio* dentro do povo de Deus, para os não cristãos existem modos diferentes de orientação ao povo de Deus. E por fim, é importante trazer presente os critérios espirituais de pertença à Igreja. Especialmente no que diz respeito a ter o Espírito Santo¹⁹. Vejamos de maneira mais aprofundadas estes modelos interpretativos sistemáticos.

¹⁵ DHZ 3802.

¹⁶ LG 15; UR 13-24.

¹⁷ LG 15.

¹⁸ LG 13-16.

¹⁹ LG 14.

4.2 Modelo dos Círculos concêntricos

O primeiro é o modelo conciliar dos círculos concêntricos, que apresenta nos círculos mais externos os crentes anônimos, homens que sem culpa não tem um conhecimento explícito de Deus e se esforçam, com a graça divina, de conduzir uma vida reta²⁰. No círculo sucessivo estão as religiões não cristãs que buscam um Deus desconhecido nas sombras e nas imagens. Homens que, sob o influxo da graça, se esforçam para cumprir a vontade de Deus, conhecida através da consciência²¹. De modo particular, os muçulmanos e os hebreus.

Seguem as comunidades que professam a fé no Deus trino com forma eclesial-institucional, designado como Igrejas ou comunidades eclesiais. A comunhão entre estas Igrejas é chamada de *coniunctio* ou *communio*²².

4.3 A Igreja concreta como “causalidade final”

A fé da Igreja como causa final da relação com Deus, que tem um significado salvífico e existe também fora de Cristo e da Igreja institucional. Desde sempre a salvação se dá fora de Cristo e da Igreja, mas, não sem eles e independente deles. Em vista da reconciliação universal, existem formas diferentes de participação à universal e definitiva mediação salvífica de Cristo. Porque esta ação salvífica é acolhida explicitamente na fé da Igreja, a comunidade destes crentes torna presente a reconciliação da criatura com Deus e entre eles. Por isso, a Igreja é tornada participativa do caráter de causa final do evento Cristo. Em Cristo, o amor de Deus se dá historicamente concreto e abriu um espaço universal onde é possível a participação nEle.

²⁰ LG 16; GS 42.

²¹ LG 16.

²² LG 15; UR 3.

4.4 *Subsistit in Ecclesia catholica* (LG 8)

O círculo mais interno é diferenciado na medida em que nas diversas Igrejas se encontram todos os elementos decisivos pela *communio*. A Igreja Católica é a realização da Igreja universal de Cristo que tem a dotação mais plena. O termo *subsistit* é traduzido por alguns como “se realiza”, mas esta tradução é pouco geral e pouco iluminadora: nas outras Igrejas também se realiza a Igreja de Cristo. O sentido de *subsistit* deve ser que a Igreja de Cristo é concretamente realizada na Igreja Católica. Nela encontra a sua forma de existência. Somente os católicos são plenamente incorporados na sociedade da Igreja²³. Somente por meio da Igreja católica se pode obter toda a plenitude dos meios de salvação²⁴. Isto se deve entender não em sentido existencial (fé e amor) mas, social-estrutural. A Igreja Católica, de fato, se edifica estruturalmente a partir da Eucaristia que representa e comunica no mundo de modo mais claro a *communio* do corpo de Cristo²⁵. Ao seu serviço estão os colégios episcopais e o ministério petrino, não como estruturas puramente externas, mas, com uma qualidade sacramental teológica, que deriva da Eucaristia.

4.4.1 De que forma a Igreja de Cristo “subsiste” na Igreja Católica apostólica romana?

Com a expressão “subsiste em” se entende dizer que somente na Igreja Católica a Igreja de Cristo continua a existir com toda propriedade e elementos estruturais que não pode perder²⁶. Ao mesmo tempo, fora da Igreja Católica estão não só elementos eclesiais, mas Igrejas particulares onde se edifica a Igreja de Deus graças à celebração eucarística, e existem comunidades eclesiais que são análogas à Igreja particular, enquanto a

²³ LG 14.

²⁴ UR 3.

²⁵ KEHL. 1995, p. 397.

²⁶ KEHL. 1995, p. 399.

única Igreja de Cristo é presente e opera nela para a salvação de seus membros.

5 Apostolicidade na reunião e na missão

A apostolicidade é a propriedade pela qual a identidade dos princípios e dos meios de unidade confiados por Cristo aos apóstolos permanece na Igreja através do tempo. Conforme afirma KASPER²⁷ “o atributo “apostólico” como descrição da essência da Igreja ainda não ocorre no Novo Testamento. Deparamo-nos com ele pela primeira vez, em Inácio de Anti-oquia”. A Igreja é conservada pelo Espírito na tradição da fé e da vida que a constitui e deriva dos apóstolos.

Por um lado, a Igreja é portadora da missão e da tradição apostólica; por outro existem serviços aos quais é confiado como encargo especial, o cuidado pela identidade apostólica da Igreja. A Tradição, que tem a função de *regula fidei*, tem também ela, este serviço. “A apostolicidade da Igreja significa isto: não pode haver outro Evangelho (...), estamos ligados à fé transmitida de uma vez para sempre (Jd 3), à doutrina e ao legado apostólicos (...) e temos de passá-lo adiante fielmente”²⁸. Desta forma, a apostolicidade exprime a vocação e missão da Igreja, conforme afirma a LG 17:

Pregando o Evangelho, a Igreja atrai os ouvintes a crer e confessar a fé, dispõe para o Batismo, liberta da escravidão do erro e incorpora-os a Cristo, a fim de que n'Ele cresçam pela caridade, até à plenitude. E a sua ação faz com que tudo quanto de bom encontra no coração e no espírito dos homens ou nos ritos e cultura próprios de cada povo, não só não pereça, mas antes seja sanado, elevado e aperfeiçoado, para glória de Deus, confusão do demónio e felicidade do homem.

A Igreja começa no Pentecostes. A partir daí ela se compreende especial participante das ações de Deus em Cristo. É por este contato imediato

²⁷ KASPER. 2012, p. 239.

²⁸ KASPER, 2012, p. 240.

com a Revelação no “tempo apostólico” que a Igreja explica a sua obrigação em conservar a “tradição apostólica” e desenvolve a teologia do Vaticano II da *Communio*. Levando sempre em conta o princípio da tradição viva e as leis do desenvolvimento histórico.

Dentro da questão da apostolicidade aparece o tema que muitas vezes é controverso, da sucessão apostólica. Encontra-se pela primeira vez o conceito “sucessão” na carta de Clemente a Corinto, mas é Ireneu de Lião quem organiza a doutrina da sucessão.

Ao colocar, na *Lumen Gentium*, antes dos capítulos sobre a hierarquia e o laicato, o capítulo sobre o Povo de Deus, o Vaticano II superou a concepção de Igreja como "sociedade desigual", que favorecia aquela distância entre hierarquia e laicato, que o NT não conhecia e que se revelou prejudicial para o testemunho cristão no mundo. A noção de Povo de Deus, com efeito, exprime a profunda unidade, a comum dignidade e a fundamental habilitação de todos os membros da Igreja à participação na vida da Igreja e à corresponsabilidade na missão. Antes e além de toda e qualquer diferenciação carismática e ministerial, está a condição cristã, que é comum a todos os membros da Igreja. MÜLLER²⁹ comentando sobre o Laicato afirma:

De igual modo a missão dos leigos (LG 33) é uma realização imediata da natureza apostólica da Igreja. O apostolado dos leigos não consiste em uma delegação da missão apostólica através dos Bispos, mas em uma participação original da missão comum da Igreja apostólica, em razão do Batismo e da Confirmação.

A missão Apostólica acontece na vida da Igreja de diversas formas. Tanto ministério ordenado como nos diversos carismas vividos nos institutos de vida consagrada e na missão dos leigos. A apostolicidade da Igreja é missão de todo batizado, cada um naquilo que lhe é próprio.

²⁹ MÜLLER, 2015, p. 405.

Considerações finais

A Igreja, sacramento universal da salvação é, em Cristo, o sacramento ou o sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano convocada à santidade. Ser o sacramento da união íntima dos homens com Deus é o primeiro objetivo da Igreja e sua missão. Visto que a comunhão entre os homens está enraizada na união com Deus, a Igreja é também o sacramento da unidade do gênero humano. Nela, esta unidade já começou, pois ela congrega homens de toda nação, raça, povo e língua. Ao mesmo tempo, a Igreja é sinal e instrumento da plena realização desta unidade que ainda deve vir.

A unidade, a santidade, a catolicidade e a apostolicidade da Igreja tornam visível aquilo que ela é, em primeiro lugar, um mistério de comunhão, que reflete, com as limitações de seus membros e os limites do tempo e do espaço, o mistério da comunhão trinitária. A comunhão trinitária torna-se, então, fonte da vida e da missão da Igreja, modelo de suas relações e meta última de sua peregrinação.

Referências

- CATECISMO *da Igreja Católica*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1962-1965, Cidade do Vaticano. In: VIER, Frederico (Coord. Geral). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 29, ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DIDAQUÉ: catecismo dos primeiros cristãos. 4º ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- KASPER, Walter. *A Igreja Católica*. São Leopoldo: Unisinos, 2012. p. 203.
- KEHL, Medard. *La Chiesa: trattato sistematico di ecclesiologia cattolica*. Milano: San Paolo, 1995.
- MÜLLER, Gerhard L. *Dogmática Católica: Teoria e prática da Teologia*. São Paulo: Vozes, 2015.

Ecumenismo: do Concílio Vaticano II, até os dias de hoje

*Rafael Moreira*¹

1 A problemática do ecumenismo

Quando se fala sobre o Ecumenismo, primeiramente se faz necessário que a problemática seja conhecida, para que de fato o ecumenismo possa ser uma solução. Sendo assim, não basta ficar apenas em simples conceitos, sem conseguir perceber o que realmente está envolvido nessa realidade. O Ecumenismo é uma resposta à situação atual que está presente desde muitos anos atrás e que se prologará por muito tempo.

Antes de tudo: cristianismo “aberto” quer indicar a situação histórica atual, na qual o cristianismo se encontra. Existem forças históricas novas ou que retomaram novo vigor, valores culturais e religiosos com os quais o cristianismo deve aceitar um confronto. O cristianismo não pode limitar-se mais a considerar estas forças e estas realidades como simples fatos ou valores “mundanos”, como realidades indiferentes que não merecem particular atenção. Tais valores têm para o cristianismo uma significação e, além disso, eles não estão diante do cristianismo, na maior parte dos casos, numa relação pacífica e de recíproco reconhecimento.²

¹ Sacerdote da Diocese de Ponta Grossa/PR, formado em Filosofia e Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia *Mater Ecclesiae*, da mesma Diocese. raffa1omoreira@hotmail.com.

² RAHNER, Karl. *Religião Absoluta?* 1971, p.97.

Ao se falar de ecumenismo, antes de mais nada, deve-se saber o que realmente se trata. Não é simplesmente deixar que a Igreja se perca de sua essência para poder entrar em contato com outras religiões, ou aceitar todas as realidades que aparecem, mas se abrir a um diálogo, buscando o bem comum e a unidade dos cristãos querida por Jesus Cristo.

A Igreja não se prende dentro de um templo, mas sim faz parte da vida de um Povo, de maneira que esse mesmo povo é Corpo místico de Cristo³, portanto, não há como fechar os olhos para as mudanças, como se nada estivesse acontecendo.

Diante da realidade que se apresenta, a Igreja se posiciona e exorta aos fiéis como se comportar ante o Ecumenismo.

Visto que hoje em muitas partes do mundo, mediante o sopro da graça do Espírito Santo, pela oração, pela palavra e pela ação, se empreendem muitas tentativas daquela plenitude de unidade que Jesus Cristo quis, este Santo Sínodo exorta os fiéis católicos a que, reconhecendo os sinais dos tempos, solícitamente participem no trabalho ecumênico.⁴

A Igreja se abrindo às novas realidades, também abre uma nova possibilidade de encontro e de unidade com outras Igrejas cristãs. Que, como afirma o próprio concílio, também possuem pontos que conduzem para a Salvação e os quais são fundamentos para uma vida Cristã.

Ademais, alguns – e até muito e exímios elementos ou bens, com os quais, em conjunto, a própria Igreja é edificada e vivificada, podem existir fora do âmbito da Igreja Católica: a Palavra escrita de Deus, a vida da graça, a fé, a esperança, a caridade e outros dons interiores do Espírito Santo e elementos visíveis. Tudo isso, que provém de Cristo e a Cristo conduz, pertence por direito à única Igreja de Cristo.⁵

Esse reconhecer que as outras religiões também possuem elementos que podem conduzir à Jesus, abre a possibilidade para o diálogo, a busca

³ Cf. *Lumen Gentium*, n.7.

⁴ *Unitatis Redintegratio*, n. 4.

⁵ *Unitatis Redintegratio*, n. 3.

por encontrar pontos em comum, que levem a uma unidade de meta, ou seja, que mesmo as Igrejas cristãs, caminhando de maneiras diferentes, podem levar a um único objetivo que é Cristo.

Contudo, é necessário fazer presente que a Igreja mesmo aberta, e percebendo que há nas outras Igrejas cristãs tais elementos, se assume como aquela que plenamente possui os fundamentos para a Salvação.

Portanto, mesmo as Igrejas e Comunidades separadas, embora creiamos que tenham deficiências de forma alguma são destituídas de significação e importância no mistério da salvação. O Espírito Santo não recusa empregá-las como meios de salvação, embora a virtude desses derive da própria plenitude de graça e verdade confiada à Igreja Católica.⁶

A mesma afirmação sobre a única Igreja de Cristo encontra-se na afirmação conciliar que diz:

Esta é a única Igreja de Cristo que no Símbolo confessamos una, santa, católica e apostólica; que nosso Salvador depois de sua ressurreição entregou a Pedro para apascentar (Jo 21, 17) e confiou a ele e aos demais apóstolos para a propagar e reger (cf. Mt 28,18 ss), levantando-a para sempre como “coluna e fundamento da verdade” (1 Tm 3,15). Essa Igreja, constituída e organizada neste mundo como uma sociedade, subsiste na Igreja católica governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em comunhão com ele, embora fora de sua visível estrutura se encontrem vários elementos de santificação e verdade, estes elementos, como dons próprios à Igreja de Cristo, impelem à unidade católica.⁷

A Igreja, portanto, se coloca a partir do Concílio Vaticano II, como aquela que possui a plenitude dos elementos que conduzem à Salvação, a única Igreja de Cristo. Contudo, não se vê como a única detentora do Mistério, e excluindo da Salvação aqueles que professam sua fé cristã em Igrejas separadas.

⁶ Ibidem. n. 3, p. 313.

⁷ CONSTITUIÇÃO Dogmática. *Lumen Gentium*, sobre a Igreja. In: Compêndio Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n.8, p. 47.

2 Discussão, debate e diálogo

Dentro da *Unitatis Redintegratio*, quando se fala de ecumenismo, se usa o termo diálogo. Esse diálogo é a ferramenta que possibilita um real ecumenismo entre os cristãos.

Contudo, como todo e qualquer termo, se não for bem compreendido, ao invés de ferramenta para um bom desenvolvimento, pode ser mais um ponto que aumente a divisão entre os cristãos. Mas o que realmente é o diálogo, a que se refere?

O que se pensa em muitos casos, é que diálogo é sinônimo de discussão ou de debate, e pode ser trocado por tais, todavia, há uma grande diferença entre eles e que é necessário saber para desenvolver essa relação entre os cristãos.

Na discussão, percebe-se que o lado emocional se sobrepõe a razão. [...]. O simples ato de se encontrar com outra pessoa faz com que usemos da comunicação. No entanto, se este encontro estiver permeado por conflitos mal resolvidos e disputas de egos, o lado emocional dos envolvidos terá um peso determinante no desenrolar da “discussão”.⁸

Na discussão, há sim, uma comunicação, todavia, na maioria das vezes não se pode afirmar que essa é um diálogo, pelo fato de que, as partes envolvidas, estão mais sob uma influência emocional, ou próprios interesses. A discussão pode levar a uma separação maior, pois, uma vez o emocional afetado, a comunicação pode alterar-se tanto, de maneira que ao invés da busca por um consenso, há uma busca por agredir o outro.

Há também aquilo que se chama de debate:

No debate, há um confronto de teses, plataformas e/ou grupos, sendo que sempre vai existir aquele que ganha e o que perde. [...] a proposta do debate não favorece que as pessoas entendam que a vontade da equipe deve se sobrepor ao individual. Se faço com que minha ideia sempre prevaleça frente à

⁸ VERÇOZA, Ricardo. *Ideia de Marketing*. Discussão, debate ou diálogo: quando os conceitos interferem nas nossas relações.

equipe da qual faço parte, vou provocar (com muitas chances) possíveis ressentimentos, pois alguns podem se sentir desprestigiados.⁹

O debate é algo que acontece frequentemente, e ainda se acha que é ecumenismo, colocando alguns líderes religiosos frente a frente, para debaterem sobre a religião ou sobre outro assunto. Contudo, não há a intenção de se chegar a um consenso, mas sim, mostrar que um está certo e que o outro está errado, ou simplesmente destruir o outro, seja sua própria pessoa, ou mesmo sua religião.

E, por fim, há o diálogo, que expressa e que consegue fornecer os meios para uma comunicação saudável entre as partes, para se chegar a um consenso.

No diálogo, a busca é pelo consenso. [...]. O que se almeja alcançar que todos compreendam que aquela ideia ou ideal é necessário para o desenvolvimento e aprendizado. O diálogo é o passaporte para que muitos atritos possam ser resolvidos, para que o respeito aconteça com frequência e para que a liberdade de expressão possa se fazer presente.¹⁰

Há uma grande diferença entre esses três termos e o seu desenvolvimento.

Na discussão e no debate, o que se busca, são pontos na maioria das vezes subjetivos, ou seja, apenas o olhar pessoal daquele que está se comunicando. Há, portanto, uma contradição quanto àquilo que se pretende chegar, ou seja, se uma pessoa diz que é a favor da pena capital, e outra diz que não, então, uma vai tentar convencer a outra que seu ponto é o correto, e que o mundo deve seguir aquilo, tentando sair como vencedor e muitas vezes usando de força para tal.

Já no diálogo há outra realidade. São duas ou mais pessoas que, diante de um único objetivo, trilham caminhos diferentes para se chegar a tal, ou seja, duas pessoas sonham pela paz, mas uma pensa em fazer uma caminhada em prol de tal anseio, outra, por sua vez, utilizar os meios de

⁹ Ibidem.

¹⁰ Ibidem.

comunicações. Não há, assim, uma luta entre duas forças, mas há a possibilidade de se relacionarem, e entrando em um consenso, cada um a seu jeito, busquem pela mesma meta.

Em linhas gerais, o diálogo existe tanto entre pessoas como entre grupos, desde o momento em que cada participante, ao mesmo tempo que escuta responde, busca compreender e fazer-se compreender, pergunta e se deixa interrogar, entrega-se e recebe o outro, a propósito de uma situação, de uma investigação, de uma atividade, com o fim de avançarem juntos para uma comunidade maior de vida, de visão e de realizações.¹¹

Assim, podemos compreender o que realmente é, e como é possível que aconteça o ecumenismo. São Igrejas cristãs, que cada um pelo seu caminho, possuem no seu diálogo, ao menos um ponto em comum, que faz com que rumem para o mesmo lugar.

3 Ecumenismo

A Igreja, no Concílio Vaticano, com olhos voltados para o tema, e para a realidade que estava se apresentando no contexto da época, define o Ecumenismo com a seguinte fórmula:

Por “Movimento Ecumênico” se entendem as atividades e iniciativas suscitadas e ordenadas em favor das várias necessidades da Igreja e oportunidades dos tempos, no sentido de favorecer a unidade dos cristãos. Tais são: primeiro, todos os esforços para eliminar palavras, juízos e ações que, segundo a equidade e a verdade, não correspondem à condição dos irmãos separados e, por isso, tornam mais difíceis as relações com eles; em seguida, o “diálogo” iniciado entre peritos e competentes nos encontros de Cristãos de diversas Igrejas ou comunidades organizadas em espírito religioso. [...]. Então essas Comunhões conseguem também uma colaboração mais ampla em certos serviços que toda consciência cristã exige em vista do bem comum e, onde é permitido,

¹¹ CAMBÓN, Enrique. *Fazendo Ecumenismo*. 1994, p. 126.

reúnem-se em oração unânime. Enfim, todos examinam sua fidelidade à vontade de Cristo acerca da Igreja e, na medida do necessário, iniciam vigorosamente o trabalho de renovação e de reforma.¹²

Olhando para tal definição conciliar sobre o Ecumenismo, se percebe claramente que antes de ter ações, ou simplesmente uma boa convivência, é necessário estar aberto para o diálogo entre as religiões, ou seja, buscar entre as divergências de doutrina e de vida, pontos em comum que possam dar sustento para uma caminhada em paridade.

Esse passo que a Igreja dá, é tão profundo e significativo, que não apenas chama a atenção para os equívocos das outras denominações cristãs, mas se preocupa com seu próprio interior orientando seus fiéis a buscarem cada vez mais a perfeição nos ensinamentos da Igreja e de Cristo, para serem cada vez mais testemunhas fiéis.

É sem dúvida necessário que os fiéis católicos, na ação ecumênica, se preocupem com os irmãos separados, rezando por eles, comunicando-se com eles sobre assuntos da Igreja, dando os primeiros passos em direção a eles. Mas, sobretudo, examinem, com espírito sincero e atento, o que dentro da própria Família católica deve ser renovado e realizado, para que sua vida dê um testemunho mais fiel e luminoso da doutrina e dos ensinamentos recebidos do Cristo através dos Apóstolos.¹³

Entre tantos pontos que essa relação mais profunda entre cristãos pode proporcionar, um muito importante, é o aprofundamento e um olhar mais dinâmico da própria fé, ou seja, cada vez que se entra em um diálogo, o modo de olhar para a doutrina, para o modo de celebrar a fé é feito com mais serenidade e consciência, aumentando assim o encantamento pela Igreja de Cristo.

E isso deve iluminar a mente das pessoas quando se fala de renovar, porque não é lançar a doutrina, ou a Igreja, com toda a sua tradição fora, mas sim buscar elevá-la cada vez mais à perfeição da unidade.

¹² *Unitatis Redintegratio*, n. 4.

¹³ *Unitatis Redintegratio*, n. 4.

Toda renovação da Igreja, consiste essencialmente numa fidelidade maior à própria vocação. Esta é, sem dúvida, a razão do movimento para a unidade. A Igreja peregrina é chamada por Cristo a essa reforma perene. Dela necessita perpetuamente como instituição humana e terrena. Tanto assim que se, em vista das circunstâncias das coisas e dos tempos, houve incorreções, que na moral, que na disciplina eclesiástica, quer mesmo no modo de enunciar a doutrina – o que deve ser cuidadosamente distinguido do próprio depósito da fé – seja reta e devidamente reformado em tempo oportuno.¹⁴

Quando se fala sobre Ecumenismo, não é uma moda, ou um pensamento modernista, mas sim algo profundo da Igreja, que deve buscar cada vez mais, elucidar nas ações, aquilo que é por sua essência, local de encontro e fraternidade, local de comunhão com Deus Uno e Trino, e com os irmãos, que pelo batismo fazem parte do mesmo Corpo, o qual a cabeça é o próprio Cristo, fundamento da Unidade.

4 Papas pós-conciliares e o ecumenismo.

Após o Concílio Vaticano II, a Igreja passou por um *aggiornamento*, e abriu-se para a realidade. Grandes passos foram dados, principalmente dentro do Ecumenismo.

Mesmo durante o Concílio acontece um grande momento marcante quando o Papa Paulo VI se encontra com o Patriarca Atenágoras I, de Constantinopla em 1964, para pedir perdão aos erros passados e a busca pela comunhão. Deste diálogo em 1967, em visita de Atenágoras I a Paulo VI em Roma, acontece a suspensão da excomunhão recíproca que havia acontecido no ano de 1054.¹⁵

Paulo VI exprime essa realidade da unidade também na *Evangelii Nuntiandi*:

¹⁴ *Unitatis Redintegratio*, n. 6.

¹⁵ Cf. AGOSTINHO, José Roberto. *História da Igreja Contemporânea*.

Como evangelizadores, nós devemos apresentar aos fiéis de Cristo, não já a imagem de homens divididos e separados por litígios que nada edificam, mas sim a imagem de pessoas amadurecidas na fé, capazes de se encontrar para além de tensões que se verifiquem, graças à procura comum, sincera e desinteressada da verdade. Sim, a sorte da evangelização anda sem dúvida ligada ao testemunho de unidade dado pela Igreja. Nisto há de ser vista uma fonte de responsabilidade, como também de reconforto.¹⁶

O sucessor de Paulo VI, João Paulo II, aumentou ainda mais esses laços de relações e diálogos para o aumento do Ecumenismo.

Além de inúmeros encontros com líderes cristãos, escreve ainda a *Ut unum sint*, onde trata sobre o empenho ecumênico fazendo profundas afirmações para a caminhada das Igrejas cristãs.

Agradeço ao Senhor por nos ter inspirado a prosseguir pelo caminho difícil, mas tão rico de alegria, como é o caminho da unidade e comunhão entre os cristãos. Os diálogos interconfessionais a nível teológico deram frutos positivos e palpáveis: e isso encoraja-nos a continuar para diante.¹⁷

Percebe-se a gigantesca dimensão do ecumenismo que nasce com João Paulo II, pela maneira que ele vê esse caminho, mesmo que difícil, não apenas como algo de natureza humana, ou de acordo entre pessoas, mas como inspiração de Deus, ou seja, parte do projeto de Deus para a humanidade, viver na alegria da unidade e da comunhão.

Mas, além das divergências doutrinárias a resolver, os cristãos não podem ignorar o peso das *atávicas incompreensões* que herdaram do passado, dos *equivocos e preconceitos* de uns relativamente aos outros. Não raro, depois, a *inércia*, a *indiferença* e um *conhecimento recíproco insuficiente* agravam tal situação. Por este motivo, o empenho ecumênico deve fundar-se na conversão dos corações e na oração, ambas induzindo depois à *necessária purificação da memória histórica*.¹⁸

¹⁶ *Evangelii Nuntiandi*, n. 77.

¹⁷ *Ut Unum Sint*, n. 2.

¹⁸ *Ibidem*.

Ele ainda exorta a todos a se voltarem ao passado com olhares de misericórdia, mas não sem antes converter os corações marcados pelos cismas, e por tudo aquilo que trazem consigo, e voltarem a se encontrar nas orações, como pessoas que querem não simplesmente jogar as tradições vividas, mas purificá-las e encontrar o valor real que se encontra dentro de cada uma.

Bento XVI também não fica estagnado frente ao ecumenismo, mas o assume como um dos pontos grandes pontos a lutar em seu pontificado como ele mesmo afirma:

Sendo eu mesmo proveniente deste País, conheço bem a situação dolorosa que a ruptura da unidade na profissão da fé causou a tantas pessoas e famílias. Também por este motivo, imediatamente após a minha eleição para Bispo de Roma, como Sucessor do Apóstolo Pedro, manifestei o firme propósito de assumir a recuperação da unidade plena e visível dos cristãos como uma prioridade do meu Pontificado.¹⁹

Bento XVI, ainda aponta o que concretamente conduz ao ecumenismo, ou seja, indica os pontos específicos que fundamentam esse diálogo.

Não é o se omitir de proclamar ou anunciar a verdade que se crê, ou por boa convivência se esvaziar do depósito da fé confiada a Igreja para um bom relacionamento, mas é o próprio batismo, ou seja, o estar inserido no Corpo de Cristo, que podem levar a essa unidade. Assim sendo, aquilo que se professa, seja um único Batismo, Jesus como o Senhor, também se revela e se torna visível nas ações, porque se busca um ponto em comum que leva a construir ao invés de se fixar nas diferenças.

Penso que não existem dúvidas em considerar-nos verdadeiramente irmãos, que nos amamos e nos sentimos juntos testemunhas de Jesus Cristo. Esta fraternidade é em si, como penso, um fruto muito importante do diálogo, do qual

¹⁹ BENTO XVI, Papa. *Discurso do papa bento XVI por ocasião do encontro ecumênico no palácio episcopal de colônia*. 2005.

devemos nos sentir felizes e que deveríamos continuar a praticar. A fraternidade entre os cristãos não é simplesmente um vago sentimento nem sequer nasce de uma forma de indiferença em relação à verdade. Ela está fundada, como Vossa Excelência acaba de dizer, sobre a realidade sobrenatural do único Baptismo, que nos insere no único Corpo de Cristo (cf. *1 Cor* 12, 13; *Gl* 3, 28; *Cl* 2, 12). Juntamente confessamos Jesus Cristo como Deus e Senhor; juntos reconhecemo-lo como único mediador entre Deus e os homens (cf. *1 Tm* 2, 5), realçando a nossa comum pertença a Ele (cf. *Unitatis redintegratio*, 22; *Ut unum sint*, 42). A partir deste fundamento essencial do Baptismo, que é uma realidade que provém d'Ele, uma realidade no ser e, depois, no professar, no crer e no agir, partindo deste fundamento decisivo, o diálogo deu os seus frutos e continuará a dá-lo.²⁰

A essas indicações dos papas anteriores, de não se prender ao passado, e almejar um futuro de diálogo, o Papa Francisco reafirma quando diz que “A unidade dos cristãos não é um ecumenismo de ‘marcha ré’, não obriga ninguém a renegar a própria história de fé; nem é possível tolerar o proselitismo, que envenena o caminho ecumênico”.²¹ Sendo que ele ainda exorta fortemente para buscar o Ecumenismo, o diálogo, não apenas como algo humano, mas sim como ação do próprio Espírito Santo, que é fonte de toda unidade.

Deve-se recordar que quando caminhamos juntos nos sentimos como irmãos: Rezamos juntos, colaboramos no anúncio do Evangelho e no serviço aos unidos[...] Todas as diferenças teológicas e eclesiológicas que dividiram os cristãos serão superadas ao longo deste caminho. Não sabemos como e quando, mas ocorrerá segundo o que o Espírito Santo queira sugerir pelo bem da Igreja.²²

Pode-se perceber que desde o Vaticano II, seguindo os papas, há um caminho cheio de desejo de superar as dificuldades e buscar com o diálogo a unidade dos cristãos, de maneira que todos sejam como um, fazendo das

²⁰ Ibidem.

²¹ PICHEL, Miguel Pérez. Acidigital. *Papa Francisco explica o verdadeiro sentido do ecumenismo*.

²² PICHEL, Miguel Pérez. Acidigital. *Papa Francisco explica o verdadeiro sentido do ecumenismo*.

dificuldades não como obstáculos, mas sim como algo que impulsiona os cristãos, a superarem as diferenças em busca da vontade de Deus.²³

Por fim, o Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos, nos aponta algumas indicações e uma análise da realidade atual do Ecumenismo, que traz alguns pontos positivos, mas inúmeros desafios que dificultam ou até mesmo o impedem.

Como ponto positivo foi apontado o interesse dos católicos em conhecer as outras religiões cristãs, sendo que algo que vem crescendo cada vez mais é a realidade do ecumenismo espiritual. Seja pela Semana de Oração pela Unidade de cristãos, seja pela própria partilha de lugares de culto, ações conjuntas em festas solenidades e até mesmo em momentos civis.²⁴

E como dificuldades há a dificuldade do entendimento sobre o batismo recíproco e sua práxis, e ainda a concepção de que o Ecumenismo compromete a fé católica, nascendo uma inadequação dentro da Igreja, sendo que do outro lado há aqueles que têm o medo de serem absorvidos pela Igreja Católica.²⁵

Conclusão

Conclui-se, portanto, que o ecumenismo não é um movimento para simplesmente unir pessoas. Mas é algo que vai além de atitudes humanas, e de um querer humano. É a atitude de pessoas que reconhecendo a ação de Deus na história, buscam nas diversidades de cada um encontrar pontos em comum que os conduzam para uma unidade.

Tal unidade vai muito além de uma boa convivência, mas é um buscar a vontade e o plano salvífico de Deus, que é a união daqueles que creem no Salvador Jesus Cristo.

E é esse avanço que nasce com a Igreja, ou seja, dar um passo para buscar a reaproximação com os irmãos separados, mesmo que não em

²³ Ibidem.

²⁴ Cf. FARREL, D. Brian. Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos. *O ecumenismo nos dias de hoje: a situação na Igreja Católica: Resultados de uma sondagem do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos.*

²⁵ Ibidem.

plenitude, mas convictos de que o pedido do Senhor para todos serem um, seja pelo menos buscado.

Por fim, ainda há muito que crescer no ecumenismo, de todos os lados, primeiramente compreendendo que ecumenismo não é lançar toda uma tradição fora, e suprimir uma Igreja em favor de outra, mas sim se reunir em oração, vivendo o respeito e o amor recíprocos.

Referências

CONSTITUIÇÃO Dogmática. *Lumen Gentium*, sobre a Igreja. In: Compêndio Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DECRETO. *Unitatis Redintegratio*, sobre o Ecumenismo. In: Compêndio Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

JOÃO PAULO II, Papa. *Ut Unum Sint*, sobre o empenho Ecumênico. Roma, 1995. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.html. Acesso em 13 mar. 2018.

PAULO VI, Papa. *Evangelii Nuntiandi*, sobre a Evangelização no mundo contemporâneo. Roma, 1975. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em 13 mar. 2018.

BENTO XVI, Papa. *Discurso do papa bento XVI por ocasião do encontro ecumênico no palácio episcopal de colônia*. Colônia, 2005. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2005/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20050819_ecumenical-meeting.html. Acesso em: 13 mar. 2018.

CAMBÓN, Enrique. *Fazendo Ecumenismo*, uma exigência evangélica e uma urgência histórica. Trad.: Nadja Palmeira. São Paulo: Cidade Nova, 1994.

FARREL, D. Brian. Pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos. *O ecumenismo nos dias de hoje: a situação na Igreja Católica*: Resultados de uma sondagem do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_do_c_20041121_farrell-ecumenismo_po.html. Acesso em: 13 mar. 2018.

PICHEL, Miguel Pérez. *Aci digital. Papa Francisco explica o verdadeiro sentido do ecumenismo*. Disponível em: <http://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-explica-o-verdadeiro-sentido-do-ecumenismo-22218/>. Acesso em: 15 mar. 18.

RAHNER, Karl. *Religião Absoluta?* In: *Ecumenismo das religiões, o catolicismo obrigado a sair do seu gueto*. Trad.: Darcy Corrêa Fortes. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

VERÇOZA, Ricardo. *Ideia de Marketing*. Discussão, debate ou diálogo: quando os conceitos interferem nas nossas relações. Disponível em: <http://www.ideiademarketing.com.br/2013/12/20/discussão-debate-ou-diálogo...>. Acessado em: 10 de março de 2018.

Uma perspectiva sobre diálogo inter-religioso e ecumenismo nos passos do Papa Francisco

*Jose Carlos Messias Martins*¹

Introdução

*O diálogo e a unidade são sempre obras do Espírito Santo*². São essas as palavras do Papa Francisco, para percebermos a importância dos momentos de comunhão diante da sociedade em que vivemos. O Espírito Santo que sempre agiu na Igreja, hoje continua agindo e realizando entre os indivíduos a possibilidade de momentos dialogais que possam formar laços de unidade. Sob a luz do Espírito Santo o ecumenismo sempre vai ser uma contribuição para a unidade dos povos.

O pontificado do Papa Francisco tem sido marcado muito por encontros ecumênicos e inter-religiosos, tanto no o Vaticano como nas suas viagens, que vem acontecendo a vários países. Percebe-se que o Papa quer uma Igreja sempre aberta ao diálogo, e que possa deixar de vez o exclusivismo religioso que está presente há tanto tempo na Igreja, impedindo que ela se abra a testemunhos da fé cristã de diferentes denominações religiosas e também à política e à sociedade. A Igreja deve abrir as portas e deixar entrar ar novo da realidade que estamos vivendo atualmente. Vê-se que o

¹MARTINS, Jose Carlos Messias- Frei. Graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia *Mater Ecclesiae* da Diocese de Ponta Grossa (IFITEME). Graduando em Teologia pelo IFITEME - PG. Artigo de pesquisa apresentado para obtenção de nota final da disciplina de Ecumenismo e Diálogo Inter - religioso do curso de Teologia, do IFITEME - PG em 2019, sob orientação do Prof. Pe. Fernando Bauwelz, CR.

² Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html> Acesso em 21/05/2019.

Papa surge como uma nova esperança para a Igreja, para o diálogo e para o movimento ecumênico.

O pensamento do Papa Francisco está sempre de acordo com a construção de um mundo melhor; ele trata muito bem isso quando fala sobre a casa comum, ou melhor, sobre o cuidado que devemos ter para com nosso mundo em sua encíclica *Laudato Si*; realmente, podemos descobrir inumeráveis formas de comunicação, e tudo sendo realizado através da abertura ao diálogo. O diálogo é uma necessidade que faz o indivíduo aprender a aceitar o outro com suas diferenças e maneiras de viver neste mundo. Portanto, o diálogo e os momentos ecumênicos que procuram a paz e a justiça social são um compromisso ético que criam novas condições sociais dentro da Igreja e dentro da sociedade.

Para o Papa Francisco o diálogo nunca vai ser um sincretismo conciliador. Como também não é simplesmente uma abertura diplomática que diga sim a tudo para evitar problemas. Mas o diálogo sempre vai ser um meio para fazer surgir amor onde há ódio, perdão onde há ofensa e também que haja luz onde há trevas.

O programa do Papa Francisco, desde quando era arcebispo de Buenos Aires, é bem simples: se seguirmos a Cristo, compreenderemos que espezinhar a dignidade de uma pessoa é pecado grave. Para o Papa Francisco a pior coisa que pode acontecer na Igreja é aquilo que Lubac³ chama de mundaneidade espiritual, que significa pôr-se a si mesmo no centro.

1 Sumo pontífice, francisco

Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, o primeiro papa americano e da ordem dos jesuítas, nasceu na capital da Argentina no dia 17 de dezembro de 1936, filho de emigrantes piemonteses.

³ O Jesuíta Francês Henri-Marie Lubac foi cardeal. Sua principal contribuição para a vida da Igreja foi o modo de entender o fim sobrenatural do homem e sua relação com a graça. Suas ideias tiveram influências no Concílio Vaticano II. Ingressou na Companhia de Jesus aos 17 anos de idade. Estudou Filosofia na Inglaterra e na França. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Henri_de_Lubac. Acesso em: 15/05/2019

Obteve o diploma de técnico químico, e depois escolheu o caminho do sacerdócio. Tendo feito toda sua preparação e estudos, foi ordenado presbítero no dia 13 de dezembro de 1969, pelo arcebispo Dom Ramon. No dia 22 de abril de 1973 emitiu os votos perpétuos na ordem dos jesuítas à qual ainda pertencem.

Destaca-se que o Papa Francisco ainda como arcebispo de Buenos Aires, que é uma diocese com mais de três milhões de habitantes, pensou num projeto missionário centrado na comunhão e na evangelização, tendo como base quatro finalidades: comunidades abertas e fraternas; protagonismo de um laicato consciente; evangelização destinada a cada habitante da cidade e assistência aos pobres e aos enfermos. Percebe-se que Francisco, mesmo ainda não sendo Papa, já tinha o objetivo de uma Igreja geradora do diálogo e de atos ecumênicos entre todas as classes sociais.

Foi eleito Papa no dia 13 de março de 2013, escolhendo o nome de Francisco; é o 266º Papa na história da Igreja Católica Apostólica Romana.

2 Conceito de diálogo dentro da igreja e das igrejas

No pontificado do Papa Francisco é forte a característica do diálogo de maneira mais ampla e mais profunda. O diálogo estabelece relações entre as pessoas, a sociedade, as diferentes Igrejas, as religiões e as culturas dos povos.

Para o Papa Francisco, segundo Elias Wolff⁴, o diálogo é um modo de ser cristão e ser Igreja, configurando a própria identidade humana e religiosa. O Papa Francisco possui um carisma especial, profundamente ecumênico e gerador de diálogo, que possa gerar bons frutos dentro da Igreja e da sociedade. Percebe-se que diálogo é conteúdo da própria fé no Deus Trindade, que é a verdadeira comunhão de amor em sua relação Pai-Filho-Espírito Santo, formando uma verdadeira relação com toda a humanidade. Para o Papa Francisco, o diálogo é uma exigência *ad intra* na Igreja

⁴ Elias Wolff é doutor em Teologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-PR. Especialista em Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso.

pela sua comunhão e participação. Também é uma exigência *ad extra* que, segundo Elias (2018), é uma opção da Igreja conciliar, assumida no pontificado do Papa Francisco, e serve para o bom desenvolvimento de sua missão.

Percebe-se que, para o Papa Francisco, o diálogo é um elemento formativo do ser cristão, do ser Igreja e da sua missão no mundo. O diálogo não é uma estratégia ou um *jeitinho* para arrumar as coisas que não estão bem. A verdadeira tônica dentro da visão de diálogo na lógica de pensamento do Papa Francisco é baseada nos seguintes pontos: caminhar juntos, participar e conviver em harmonia.

Nessa direção que uma Igreja em saída e em diálogo segue, percebe-se que o Papa Francisco assume um processo de conversão pastoral para toda a Igreja. Vê-se que o diálogo “é uma condição privilegiada para a Igreja ampliar e aprofundar sempre mais tanto a sua autoconsciência quanto o conhecimento das realidades que a interpelam na missão”⁵. Dentro desse contexto, Papa Francisco nos fala que é necessário que o nosso testemunho se concentre no âmago da nossa fé, no anúncio do amor de Deus que se manifestou em Cristo, seu Filho. O Papa Francisco compreende que, para termos um diálogo dentro da Igreja, temos que compreender o mundo e o universo em que vivemos. Assim ele nos fala na sua encíclica *Laudato Si'*⁶. “neste universo, composto por sistemas abertos que entram em comunicação uns com os outros, podemos descobrir inumeráveis formas de relação e participação.”⁷

Vê-se que um ponto forte para o diálogo no pontificado do Papa Francisco nasce do Concílio Vaticano II⁸. O Concílio, para a Igreja, foi um grande estudo para o diálogo, com a proposta de termos uma Igreja com

⁵ Cf. WOLFF, Elias. *Igreja em Diálogo*. p. 10.

⁶ *Laudato Si'* é uma carta encíclica escrita pelo Papa Francisco que fala sobre o cuidado da casa comum.

⁷ LS 79.

⁸ O Concílio Vaticano II, foi o XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi convocado no dia 25 de dezembro de 1961, através da bula papal “*Humanae salutis*”, pelo Papa João XXIII. Foi iniciado no dia 11 de outubro de 1962, também pelo Papa João XXIII. Foi encerrado após a realização de quatro sessões no ano de 1965 no papado de Paulo VI.

sua própria identidade e que sejamos uma Igreja missionária, em saída e que possamos chegar em todas as culturas.

Como é possível compreender o diálogo dentro das Igrejas?

O diálogo entre as Igrejas permite compreender que “cada comunhão cristã estabelece um vínculo mais ou menos imediato entre esta ou aquela verdade e o fundamento”. Isso significa, em primeiro lugar, que o diálogo entre as Igrejas deve verificar a fidelidade dessas instituições em sua organização e doutrina, à verdade de Cristo e à sua vontade para a comunidade de seus discípulos. A eclesiologia é um complexo estruturado de doutrinas. Assim, o diálogo entre as Igrejas procede de um modo ordenado, por etapas, estabelecendo consensos sobre o que as une no “núcleo” ou “fundamento” da fé.⁹

Percebe-se que a partir do momento em que as Igrejas respeitam seus valores entre si, elas são geradoras de diálogo, pois fortalecem cada vez mais as suas relações e conseguem tratar de suas questões mais divergentes. Com essa forma de pensamento, é possível compreender que sempre há níveis de comunhão diferentes entre as Igrejas.

3 As encíclicas e as exortações apostólicas do sumo pontífice

As encíclicas são usadas pelo Papa para exercer seu magistério ordinário dentro da Igreja; no pontificado do Papa Francisco que teve início no dia 13 de março de 2013, até os dias atuais ele escreveu duas encíclicas, que são: *Lumen Fidei* que contém alguns pontos sobre o diálogo entre fé e razão e a *Laudato Si'* que destaca o diálogo no meio ambiente político. Também temos as exortações apostólicas, que são os documentos lançados pelo Papa antes da elaboração de uma encíclica, o que acontece após um Sínodo da Igreja presente no mundo. Assim veremos alguns pontos desses documentos do Sumo Pontífice que falam sobre o diálogo e os momentos ecumênicos presentes na Igreja.

⁹WOLFF, Elias. *Igreja em Diálogo*. pp.62-63.

3.1 *Lumen Fidei*

Este documento, traz presente no número 32, sobre diálogo entre fé e razão, ensina que, através do ato da fé toda à Igreja dialogue com todos os seus membros e com todos os que estão em busca de uma comunhão. Mas faz-se necessário que todos os cristãos compreendam o que é a Igreja em uma visão salvífica de Deus na história da humanidade e ao diálogo com todos os irmãos cristãos e não cristãos.

Portanto o Papa Francisco escreve:

A fé cristã, enquanto anuncia a verdade do amor total de Deus se abre para a força desse amor, chega ao centro mais profundo da experiência de cada homem, que vem à luz graças ao amor e é chamado ao amor para permanecer na luz. Movidos pelo desejo de iluminar a realidade inteira a partir do amor de Deus manifestado em Jesus e procurando amar com este mesmo amor, os primeiros cristãos encontraram no mundo grego, na sua fome de verdade, um parceiro idôneo para o diálogo. (LF ,2013, pg.41)

Percebe-se que a fé, quando é geradora de um anúncio da verdade, abre espaço para que o amor seja espalhado, e que chegue em todos os corações. Assim foi o que fizeram os primeiros cristãos, através do mundo grego; em busca da verdade, eles aproveitaram para espalhar o diálogo e sua fé em Cristo. Gerando-se o verdadeiro encontro da mensagem evangélica com um mundo do pensamento filosófico, ou seja, o encontro-diálogo entre a fé e a razão, fizeram com que o Evangelho chegasse a todos os povos. Nesse contexto o Papa afirma que a *“luz da fé ilumina todas as nossas relações humanas, que podem ser vividas em união com o amor e a ternura de Cristo”*.

A partir do momento em que a pessoa se encontra com a verdade, mas uma verdade que não esmague o indivíduo, ou seja, uma verdade que nasça do amor e que não endureça os nossos corações, a segurança da fé põe-nos a caminho e torna possível o testemunho e o diálogo com todos os povos.

3.2 *Laudato Si'*

Neste documento o Papa Francisco é bem esclarecedor quando fala para procurarmos delinear grandes percursos de diálogo que nos ajudem a sair da espiral de autodestruição. O nome com que o Papa identifica essa carta encíclica é muito significativo pois nos faz compreender a relação que temos com Jesus: *Laudato Si', mi Signore*, que significa, Louvado seja, meu Senhor. O Papa se dirige “a cada pessoa que habita neste planeta”¹⁰, para “entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum”.¹¹

Por um diálogo e uma transparência que proporcionem bons resultado é preciso que:

A previsão do impacto ambiental dos empreendimentos e projetos requer processos políticos transparentes e sujeitos ao diálogo, enquanto a corrupção, que esconde o verdadeiro impacto ambiental de um projeto em troca de favores, frequentemente leva a acordos ambíguos que fogem ao dever de informar e a um debate profundo (L S',2015, pg.147).

Portanto, o Papa nos apresenta o diálogo sobre a maneira como estamos construindo o mundo, que é nossa casa comum. Percebe-se que é necessário o diálogo para que haja sinceridade e verdade nas discussões dentro dos ambientes políticos e científicos e que todos estão sujeitos ao diálogo. É indispensável um diálogo entre as próprias ciências. O fechamento nos impede de enfrentar adequadamente os problemas do meio ambiente, ou seja, da nossa casa comum, no planeta. Que seja um diálogo aberto e que respeite os movimentos ecológicos. Que, diante das dificuldades com a nossa casa, possa nos obrigar-nos, a todos, a pensar sempre no bem comum e que continuemos a construir um mundo melhor pelo caminho do diálogo.

¹⁰FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*, n 3.

¹¹*Ibidem*.

3.3 *Evangelii Gaudium*

Diante desse documento do Papa Francisco, percebe-se que o tema do diálogo é bastante abordado e também a sua própria postura. Na *Evangelii Gaudium* o Papa escreve a palavra diálogo 56 vezes e fala que existem três campos de diálogo em que a Igreja precisa estar presente, que são: o diálogo com os estados, com a sociedade e o diálogo com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica. É hora de saber participar de uma cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro. Dentro do diálogo entre fé e razão, o Papa Francisco deixa claro que a fé não tem medo da razão; pelo contrário, procura-a e tem confiança nela, porque “a luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus”¹²

O Papa Francisco, usando uma passagem bíblica “que todos sejam um só”¹³, pede que o compromisso ecumênico corresponda a essa oração que veio do próprio Cristo, Filho do Deus vivo e verdadeiro. Se os cristãos superassem suas divisões de Igreja a credibilidade do anúncio cristão seria muito maior na sua evangelização. Sob a luz da fé, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso são uma contribuição para a unidade da família humana, tanto cristã como não cristã.

Observa-se que o diálogo inter-religioso é uma chave de abertura para a verdade e o amor, caracterizando os crentes das religiões não cristãs; é uma condição necessária para a paz no mundo e, também, é um dever para os cristãos. É através do diálogo que aprendemos a aceitar o outro com suas diferenças e maneiras de viver neste mundo. O diálogo que procura a paz e a justiça social é um compromisso ético que cria novas condições sociais dentro da Igreja e da sociedade.

Dentro da visão de diálogo dos atos ecumênicos realizados pelo Papa Francisco, o diálogo é um processo amável e cordial, e é sempre preciso observar que há um vínculo essencial entre diálogo e anúncio do Evangelho, levando a Igreja a manter uma boa relação até mesmo com aqueles

¹² *Evangelii Gaudium*, p. 135.

¹³Jo 17,21

que não são cristãos. Segundo o Papa, os não cristãos, fiéis à sua consciência, podem, por gratuita iniciativa divina, viver “justificados por meio da graça de Deus” e assim “associados ao mistério pascal de Jesus Cristo”¹⁴

Para entender o sentido do diálogo ecumênico com as outras Igrejas, em sua encíclica o Papa afirma o seguinte:

Só para dar um exemplo, no diálogo com os irmãos ortodoxos, nós, os católicos, temos a possibilidade de aprender algo mais sobre o significado da colegialidade episcopal e sobre a sua experiência da sinodalidade. Através de um intercâmbio de dons, o Espírito pode conduzir-nos cada vez mais para a verdade e o bem. (EG, 2013, pg. 137/138).

Conclui-se que, para o Papa Francisco, a Igreja Católica tem sempre uma grande possibilidade de aprender sobre a abertura do diálogo com nossos irmãos na fé. Iluminados pelo Espírito Santo que opera na diversidade da Igreja o diálogo é uma grande oportunidade de crescimento.

3.4 *Amoris Laetitia*

Neste documento o Papa Francisco fala sobre o amor na família. Aí o diálogo é visto como um instrumento privilegiado e indispensável para viver, exprimir e maturar o amor na vida matrimonial e familiar. É através de algumas atitudes de amor que se torna possível o diálogo autêntico. Há necessidade de reservarmos um tempo que seja valioso para escutar, com muita paciência, o que o outro quer comunicar. Com isso o diálogo acontece em primeiro lugar entre as pessoas, e o Papa sempre nos mostra elementos “fazer silêncio interior, despojar-se das pressas, colocar de lado as próprias necessidades e urgências e dar espaço para o outro”¹⁵. Para gerar o diálogo é necessário ter sempre algo sobre o que falar. Quando não existe algo para dizer, a conversa se torna aborrecida e inconsistente, e o diálogo fica cada vez mais pobre.

¹⁴ *Evangelii Gaudium*, p. 141.

¹⁵ *Amoris Laetitia*, p. 136.

4 Viagens do Papa Francisco

Durante o seu pontificado, o Papa Francisco já realizou inúmeras viagens; em todas elas percebe-se claramente que ele sempre teve a intenção de levar uma mensagem de paz de amor e geradora de diálogo. Em algumas dessas viagens destaca como assunto principal de sua visita a determinado país, o diálogo inter-religioso e ecumênico entre fiéis das Igrejas e também entre pessoas que não professam a fé no cristianismo.

4.1 Visita do Sumo Pontífice ao Marrocos

No dia 30 de março de 2019, o Papa Francisco iniciou uma breve visita ao Marrocos¹⁶, país em que a maioria de sua população é muçulmana; seu objetivo era falar do diálogo com o Islã e, também de migração, que são vistos como dois assuntos-chave de seu pontificado. O Papa, sendo o líder espiritual de 1,3 bilhão, de católicos foi convidado pelo rei Mohamed VI para fazer a visita com o pensamento conectado no desenvolvimento do diálogo inter-religioso. Segundo o Papa, *os cristãos e muçulmanos são irmãos no mundo que precisam de paz*. Percebe-se que o interesse do Papa é manter laços de amizade com o ambiente muçulmano. Em Marrocos há cerca de 30.000 católicos e o Papa quer visitar as menores comunidades que muitas vezes são esquecidas. Para receber o Papa, foi providenciada desde a pintura de edifícios até a arrumação de jardins e ruas.

As boas vindas ao Pontífice no Marrocos foram com tâmaras e leite de amêndoa oferecidos pelo rei Mohamed VI. O Papa e o rei Mohamed VI fizeram uma procissão para uma grande esplanada em Rabat¹⁷, que reuniu cerca de 25 mil pessoas para ouvir os discursos de ambos os líderes. Com essa viagem o interesse do Papa é dar esperança às minorias cristãs e aos

¹⁶ Marrocos, oficialmente Reino de Marrocos é um país soberano localizado na região do Magrebe, no norte da África. Marrocos é caracterizado por um interior montanhoso acidentado, grandes extensões de deserto e um longo litoral ao longo do Oceano Atlântico. Disponível: <https://www.google.com/search?q=pais+marrocos&oq=pais+marrocos&aqs=chrome..69j57j0l5.11740j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 16/05/2019.

¹⁷ Rabat, é a capital de Marrocos e a segunda maior cidade do país, tem cerca de 1,6 milhões de habitantes. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rabat>. Acesso em: 16/05/2019.

muçulmanos convertidos. Para Chakid Benmoussa¹⁸, a visita do Papa ao Marrocos é importante porque se quer lutar contra o fanatismo, a intolerância e também representa um momento para o diálogo que é um ponto muito positivo para as religiões, os povos e as civilizações.

4.2 Papa Francisco em visita à Bulgária

Nesta viagem que aconteceu no mês de maio do ano 2019, o Papa recordou entre os católicos que a Igreja precisa continuar gerando os filhos de que essa terra precisa, e sempre manter atento um ouvido no Evangelho e o outro no coração do povo.

Em seu discurso, o Papa Francisco afirmou que “*conviver com vocês germinou uma forte amizade com os irmãos ortodoxos e isso o impeliu por uma estrada capaz de gerar a tão suspirada e frágil fraternidade entre as pessoas e as comunidades*”¹⁹. Assim, para o Papa, cada religião é chamada a promover harmonia e concórdia que possam contribuir para o crescimento de uma cultura e de um ambiente no respeito da pessoa humana e da sua dignidade, das civilizações e tradições diferentes, rejeitando toda a violência e coação.

O objetivo desta viagem foi, também, encorajar os governantes da Bulgária a continuar a criar condições para que as pessoas, sobretudo os jovens, não sejam obrigados a emigrar.

O Papa concluiu essa viagem com as seguintes palavras:

Não cansem de ser uma Igreja que continua a gerar, por entre contradições, amarguras e necessidades, os filhos de que esta terra precisa hoje, nos começos do século XXI, mantendo um ouvido atento ao Evangelho, e o outro ao coração do seu povo²⁰.

¹⁸Chakid Benmoussa é embaixador do Marrocos em Paris.

¹⁹Disponível: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-05/papa-bulgaria-ponte-oriente-ocidente-raizes-cristas-boas-vindas.html> Acesso: 15/05/2019.

²⁰Idem.

Portanto precisamos ser uma Igreja que esteve sempre em diálogo e que ela possa ser geradora de um anúncio do Evangelho sempre com o coração aberto para anunciar e escutar a Boa Nova do reino de Deus.

4.3 Ao Azerbaijão

Essa viagem do Papa Francisco ao Azerbaijão²¹ que aconteceu em outubro de 2016, é uma atitude de buscar a unidade dos cristãos através de gestos de fraternidade, e a valorização do diálogo com as demais religiões como antídoto contra o ódio e a violência.

É um exemplo do caminho que o Papa Francisco pretende percorrer no âmbito ecumênico e no diálogo entre as religiões. Em um encontro com os presbíteros, religiosos e seminaristas em Tbilisi²², o Papa respondeu a um seminarista que falava sobre as dificuldades nas relações entre os cristãos das diferentes confissões; disse o Papa: “Nunca brigar! Ser aberto, ser amigo. Existe um grande pecado contra o ecumenismo que é o proselitismo”²³. Não podemos nunca fazer proselitismo com os ortodoxos. Pois eles são nossos irmãos discípulos de Jesus Cristo. Também nunca devemos condenar. Vamos criar amizades, caminhar juntos, rezar uns pelos outros e fazer obras de caridade. É esse o verdadeiro ecumenismo”²⁴. Aqui se percebe que o Papa Francisco fala de um ecumenismo do povo. E espera os passos concretos para chegar a compartilhar o cálice no altar; é importante multiplicar as oportunidades para trabalhar juntos.

²¹ Azerbaijão, oficialmente República do Azerbaijão, é um país transcontinental na região do Cáucaso, situado no cruzamento entre o Leste Europeu e o Sudoeste Asiático. É delimitado pelo Mar Cáspio ao leste, a Rússia ao norte, a Geórgia a noroeste, Armênia no Oeste e o Irã ao sul.

Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Azerbaij%C3%A3o> Acesso em : 20/05/2019.

²² Tbilisi, antigamente mais conhecida por seu nome russo, Tiflis, é a capital e a maior cidade da Geórgia. Situada às margens do rio Cura, sua área é de 726 km², e sua população, de 1 152 500 habitantes. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tbilisi>. Acesso dia: 20/05/2019.

²³ Proselitismo é o intento, zelo, diligência, empenho de converter uma ou várias pessoas, ou determinados grupos, a uma determinada causa, ideia ou religião. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proselitismo> . Acesso dia: 20/05/2019.

²⁴Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/560872-ecumenismo-e-dialogo-inter-religioso-francisco-e-os-outros-papas> Acesso em 20/05/2019.

Essa viagem ao Azerbaijão foi significativa porque destacou o diálogo com as outras religiões. Segundo o Papa, em seu discurso em uma mesquita com a presença dos muçulmanos, o diálogo não é *sincretismo conciliador*. Também não é *uma abertura diplomática que diga sim a tudo para evitar problemas...* “Dialogar com todos é o nosso meio para fazer surgir amor onde há ódio, perdão onde há ofensa”²⁵.

Em meio aos conflitos pelos quais as religiões estão passando, o Papa diz que precisamos *ser auroras de paz, ecos de diálogo que ressoam incansavelmente, caminhos de encontro e reconciliação*. Na mesquita de Baku o Papa explicou que as religiões são chamadas a edificar a cultura e a paz. Portanto, durante essa viagem, o objetivo do Papa foi espalhar uma cultura de amor e esperança para que sempre aconteça o diálogo entre todas as pessoas.

Conclusão

O trabalho do Papa Francisco em seu pontificado, que teve início no ano de 2013, demonstra que ele tem se declarado um Papa ecumênico e que está aberto a todo e qualquer tipo de diálogo, tanto religioso como político. Com sua teologia simples e ao mesmo tempo com pensamentos profundos, o Papa Francisco tem conquistado muita gente com o seu sorriso no rosto e uma linguagem popular. Todos podem compreender o que ele quer da Igreja e para a Igreja. Assim, através de suas viagens até mesmo a países que não professam a fé católica ou que não são cristãos tem conquistado pessoas do mundo inteiro.

A leitura deste texto é um trabalho sempre renovador porque ele ainda está em atividade como Papa da Igreja. Mas como podemos perceber, o Papa, durante seu pontificado, já trouxe para a humanidade sentimentos de esperança, alegria, amor, acolhimento, solidariedade, diálogo e de sentido à vida na presença de Jesus Cristo na vivência do

²⁵Idem

Evangelho. O Papa Francisco reacendeu a esperança de que é possível realizarmos o movimento ecumênico e o diálogo inter-religioso dentro e fora da Igreja, disponível a dar continuidade à proposta feita pelo Concílio Vaticano II, e percebendo que esse concílio teve e tem um grande significado dentro do caminho ecumênico

Para concluir este trabalho, aqui trago uma frase do Papa Francisco que deixa bem claro o seu trabalho em âmbito do ecumenismo e do diálogo e que convida a todos para ser promotores do diálogo, voltados para um compromisso do bem comum “ Lanço a todos um convite urgente para renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta”, palavras do Papa presentes em sua encíclica *Laudato Si'* número 14. Segundo o Papa, apenas as pessoas que dialogam podem construir pontes e vínculos.

Referências

FRANCISCO, Papa. *Amoris Laetitia*, Exortação apostólica sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. *Evangelii Gaudium*, Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho do mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. *Laudato Si'*, Carta encíclica sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. *Lumen Fidei*, Carta encíclica sobre a luz da fé. São Paulo: Paulinas, 2013.

INSTITUTO Humanitas Unisinos. *Ecumenismo e diálogo inter-religioso; Francisco e os outros papas*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/560872-ecumenismo-e-dialogo-inter-religioso-francisco-e-os-outros-papas> Acesso em 20/05/2019.

JORNAL DO BRASIL. *Internacional*. Quinta-feira, 13 de junho de 2019 Fundado em 1891Disponível em: <https://www.jb.com.br/internacional/2019/03/992860-papa-francisco-visita-o-marrocos--terra-do--isla-moderado.html> Acesso em 15/05/2019.

LA SANTA SEDE Francesco. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html> Acesso em 21/05/2019.

VATICAN NEWS. *Papa: Bulgária, Ponte entre Oriente e Ocidente, terra de raízes Cristãs.* Disponível Em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-05/papa-bulgaria-ponte-oriente-ocidente-raizes-cristas-boas-vindas.html> Acesso dia 15/05/2019.

WOLFF, Elias. *Igreja em Diálogo.* São Paulo: Paulinas, 2018.

O ecumenismo no Brasil

*Rodrigo Ribas*¹

Introdução

O Ecumenismo no Brasil passou por várias etapas. Fruto de um esforço de ambas as partes, o diálogo ecumênico é de suma importância na construção da solidariedade e da fraternidade, principalmente em meio a sociedade atual.

A Igreja Católica buscou desde muito tempo prezar pela construção desta convivência fraterna baseada no diálogo, abrindo-se ao ecumenismo e acolhendo representantes protestantes em seu principal meio de organização nacional que é a Conferência dos Bispos.

Este artigo busca apresentar esta caminhada, partindo de um panorama histórico até chegar as iniciativas ecumênicas atuais.

1 Panorama histórico: primeiras expressões religiosas no Brasil

A primeira expressão de fé cristã no Brasil é sem dúvida aquela surgida com a Igreja Católica Apostólica Romana no período da colonização. O projeto de expansão dos reinos de Portugal e Espanha traziam consigo uma vantagem à Igreja Católica, pois esta se configurava como companheira de viagem na intenção de evangelizar os novos povos. Portugal e

¹ Sacerdote da Diocese de Ponta Grossa/PR, formado em Filosofia e Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia *Mater Ecclesiae*, da mesma Diocese.

Espanha eram reinos católicos e, com isso, levavam essa herança às novas colônias.

Ainda no período da colonização, adentrando ao Brasil pelos atuais estados do Nordeste, chegaram religiões de cultura calvinista, difundindo-se rapidamente naquelas regiões do país. No entanto, a supremacia da Igreja Católica em base aos reinos de Portugal e Espanha confessadamente católicos, fez com que tais grupos deixassem o Brasil, sendo praticamente expulsos.

O modelo conhecido como padroado marcou o Brasil nos primeiros anos de evangelização. O padroado significava para a Igreja receber fortes influências do Estado sobre sua estrutura e durou um longo período que vai de 1500 a 1822. Fruto deste regime foi o encontro do catolicismo com culturas africanas e indígenas, formando um misto cultural e resultando em devoções sem a participação do clero, surgindo assim irmandades e capelas particulares.

Em contrapartida, a Igreja Católica, prezando sua tradição, implantou um processo de evangelização que considerava outras manifestações como ignorantes, supersticiosas e fanáticas.

O catolicismo no Brasil passou por diversos períodos de adaptação e de renovação. Em 1952, com a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, projetos pastorais se espalham, criando um perfil nacional na representação da Igreja Católica.

Na segunda metade do século XIX, contudo, o quadro religioso no Brasil recebe uma outra face com a chegada de Igrejas filhas da Reforma.

Em 1811 a Igreja Anglicana chegava no Brasil trazida por comerciantes ingleses, seguida de outras Igrejas que vieram com a imigração como a Igreja Luterana implantada no país pelos alemães em 1824, os americanos trouxeram a Igreja Batista em 1871, a Igreja Metodista e a Igreja Adventista em 1890, entre outras.

A partir da segunda metade do século XX ganha espaço o Neopentecostalismo e movimentos de filosofia oriental. O Neopentecostalismo de maneira especial apresenta um jeito inovador de ser Igreja.

Apesar da grande diversidade de orientações que constitui o universo pentecostal, alguns elementos são comuns às denominações como: a valorização da experiência pessoal na relação com Deus, a partir da qual se recebe graças particulares como o dom de falar em línguas, a compreensão do Evangelho, a capacitação para o exercício ministerial e sacerdotal; a prática da oração em um modo fortemente emocional [...], a compreensão da mensagem cristã de um modo intuitivo, o que dificulta a elaboração de critérios para a interpretação das Escrituras de um corpo doutrinal fixo que sustente o comportamento religioso das diferentes denominações.²

O pluralismo religioso no Brasil ganhou bastante espaço desde então. Além da Igreja Católica, outras religiões tradicionais e diversos grupos com características próprias tomaram o cenário religioso e cultural nacional. De muitas misturas entre culturas surgiram novos grupos.

2 O movimento ecumênico no mundo

Na década de 1930, na Europa, efervescia um desejo pelo ecumenismo. Desde o final do século XIX, o desejo por uma transformação social a partir da doutrina cristã e da promoção por uma solução pacífica para conflitos entre nações motivava a unidade cristã. Através de conferências para tratar sobre as missões, conduzidas pelas Igrejas protestantes e anglicanas, surgiram movimentos que se podem chamar de ecumênicos. Da necessidade de transformação social, surgem, por exemplo, os movimentos “Fé e Constituição”, para debates e reflexões doutrinárias e “Vida e Ação” levando à prática o anterior. Ambos passaram a ser considerados movimentos irmãos.

A necessidade da criação de um Conselho Ecumênico de Igrejas adentra os mais variados movimentos ecumênicos e também muitas Igrejas. Aos poucos, com diálogos a partir de delegados das conferências que aconteciam, formaram-se comitês. A primeira assembleia do novo conselho, marcada para 1941 foi frustrada devido a Segunda Guerra Mundial.

² WOLFF, Elias. *O ecumenismo no Brasil*. pp. 29-30.

Em 1948, terminada a guerra, aconteceu em Amsterdã, na Holanda, a Assembleia Constitutiva do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) com a representação de 147 Igrejas de 44 países. Devido a recusas anteriores, a Igreja Católica não foi oficialmente convidada. O lema desta primeira Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas foi: “Queremos permanecer juntos.”

A Igreja Católica, por sua vez, viu-se questionada sobre a sua participação no CMI. Jesús Hortal explica que a questão é complexa devido ao fato de os católicos, em sua grande maioria, não compreender a caminhada ecumênica da Igreja Católica e, um passo como esse, de participar de um Conselho Mundial, poderia ser interpretado de maneira equivocada. Outro aspecto que explica a não adesão se deve ao fato institucional, visto que o número de católicos é extremamente superior à soma de todos os outros cristãos participantes do CMI, o que criaria um ambiente desproporcional.

A Igreja Católica buscou caminhar de maneira independente. O Diretório *Ad totam Ecclesiam*, de 1967, pede para que “cada grupo de dioceses ou, onde as circunstâncias o permitam, em cada diocese, seja estabelecida uma comissão ou um secretariado encarregados do ecumenismo.”³ Contudo, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – devido a sua organização interna, não organizou uma comissão própria para o ecumenismo. Porém, em 1966, a CNBB incluiu o Ecumenismo em seu 1º Plano de Pastoral de Conjunto.

3 O ecumenismo no Brasil

Desde a proclamação da república, alguns conflitos surgiram e fizeram o ecumenismo dar passos lentos. Com a garantia da plena liberdade de culto e a propaganda da religião protestante, a Igreja Católica passa a sofrer críticas da parte protestante. O simples fato da Igreja Católica lutar

³ HORTAL, Jesús. *E haverá um só rebanho*. p.217.

pelo ensino religioso nas escolas era visto como tentativa de supremacia da Igreja.

Aos poucos foram chegando ao Brasil imigrantes provindos das mais diversas regiões do mundo, trazendo consigo sua religião. Com um pensamento protestante europeu, os imigrantes traziam a tradição fundamentada apenas na Bíblia, acusando a Igreja Católica principalmente de idolatria, mal-uso da bíblia e imoralidade do clero. Do outro lado, entre os católicos, se espalhava a imagem de que os protestantes não eram cristãos, mas sim hereges.

A Igreja Católica, representada pela CNBB, traça um caminho fundamentado na busca do diálogo. Um aspecto fundamental no diálogo mantido pela Igreja Católica diz respeito ao fato de que as relações eram, desde o início, mantidas em particular com as denominações protestantes.

3.1 O meio Protestante

Passado algum tempo, uma certa crise teológica interna atingiu o protestantismo, chegando também ao Brasil. A disputa entre fundamentalistas e modernistas fez surgir movimentos paralelos ao Conselho Mundial de Igrejas, como é caso do Conselho Federal de Igrejas de Cristo na América, influenciando Igrejas protestantes brasileiras a sua não adesão ao CMI. As rivalidades internas do protestantismo dificultaram o diálogo e a busca de unidade entre o catolicismo e o protestantismo.

Um certo entrave no diálogo ecumênico começa a surgir com o pentecostalismo e, mais tarde, com o chamado Neopentecostalismo. Entre as próprias Igrejas protestantes, de uma parte as chamadas Igrejas “históricas” e de outra as pentecostais, surgem críticas mútuas, dificultando o diálogo, a busca da unidade e a colaboração. Além disso, o lado protestante apresentava recusa ao movimento ecumênico em andamento. A convenção Geral das Assembleias de Deus, por exemplo, em 1963, afirmava que “o ecumenismo, representado pelo Conselho Ecumênico de Igrejas e pelo

Concílio Vaticano II, tem uma tendência a apostasia.”⁴ A Igreja Católica continuava a insistir no respeito e no diálogo.

3.2 O esforço da Igreja Católica

Em tempos de preparação para o Concílio Vaticano II, o episcopado brasileiro deu ênfase ao ecumenismo. Voltando do Concílio, buscou-se uma prática ecumênica com maior afinco, a iniciar pela própria CNBB. No período pós conciliar, a X Assembleia Geral da CNBB contou com a presença de ortodoxos e evangélicos pela primeira vez, por iniciativa de Dom Paulo Evaristo Arns que sugeriu convidá-los. Na XI Assembleia Geral da CNBB, realizada em 1970, a presença de representantes protestantes, anglicanos e ortodoxos como membros observadores passou a fazer parte do Regimento Interno da CNBB. Posteriormente, a Assembleia de 1971 afirma em seu comunicado final: “o que nos preocupa e empenha na pastoral ecumênica é não aliciar os irmãos separados a ingressar em nossa Igreja institucional, mas convidá-los a sondar conosco os desígnios de Jesus Cristo, caminho, verdade e vida.”⁵

O convite feito, pela CNBB, para que representantes de outras Igrejas participassem de suas assembleias foi aceito. Contudo, a prática efetiva e constante aconteceu somente a partir da XV Assembleia Geral, realizada em 1977. A partir de então, entraram na pauta assuntos de discussão comum, onde eram ouvidas as opiniões de todas as partes. Um belo exemplo, destacado por Wolff, foi na Assembleia Geral da CNBB de 1996, onde o pastor luterano Ervino Schimidt palestrou sobre Maria.

De todo esforço da CNBB, resulta um plano de Pastoral que visa a necessidade da busca do diálogo e da unidade entre as Igrejas, levando em consideração o pluralismo religioso. As Diretrizes Gerais da Ação Pastoral

⁴ WOLFF, Elias. O ecumenismo no Brasil: uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004, pg 44.

⁵ WOLFF, Elias. **O ecumenismo no Brasil**: uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004, pg 75.

levam em frente as iniciativas da CNBB, compreendendo o ecumenismo como uma exigência dos sinais dos tempos.

As Diretrizes apresentam os elementos para a unidade da Igreja, compreendendo que a “unidade de Deus não é uniformidade”⁶, justificando que a unidade dos cristãos se faz na diversidade de pessoas. Além disso, tais Diretrizes apontam pistas práticas de ações ecumênicas, tais como a criação de coordenações regionais ou diocesanas acerca do Ecumenismo, a formação ecumênica de lideranças, a luta contra a discriminação, a colaboração mútua e a realização da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

A Igreja Católica favorece o diálogo e busca o fortalecimento da comunhão eclesial. Por meio da Conferência Episcopal, exprime seu desejo para a busca da unidade.

4 O conselho nacional de igrejas cristãs

Em âmbito nacional, a Igreja Católica tem destaque na questão ecumênica. O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC, com seus trabalhos preparatórios a partir de 1975 e sua fundação em 1982, possui a presença da Igreja Católica.

O CONIC, que teve sua Assembleia Constitutiva em Porto Alegre, se caracteriza como “uma associação fraterna de Igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, segundo as escrituras e, por isso, procuram cumprir sua vocação comum para a glória do Deus Uno e Trino, Pai Filho e Espírito Santo, em cujo nome administram o santo batismo.”⁷

O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs é formado atualmente pelas Igrejas Católica Apostólica Romana, Aliança de Batistas do Brasil, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Igreja Presbiteriana Unida e Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia. Sua missão consiste em “Fortalecer o testemunho ecumênico das Igrejas-

⁶ Idem, p. 98.

⁷ CONIC *apud* HORTAL, Jesús. E haverá um só rebanho. p. 222.

membro, fomentar o diálogo inter-religioso e promover a interlocução com organizações da sociedade civil e governo para a incidência pública em favor de políticas que promovam a justiça e a paz [...] buscando atuar em favor da dignidade e dos direitos e deveres das pessoas, até como forma de fidelidade à mensagem evangélica.”⁸

O CONIC, em sua caminhada, desenvolveu documentos, subsídios para formação ecumênica e declarações, visto sempre o bem comum.

5 Organismos de colaboração ecumênica

O diálogo, o testemunho e a busca pela unidade, geraram no Brasil organismos de cunho ecumênico voltados para o bem comum. O objetivo destes organismos é testemunhar Jesus Cristo e sua mensagem, cada uma através das suas possibilidades.

Em nível bíblico, a Bíblia TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia – caracteriza este passo, além de centros de estudo bíblico como o CEBI (Centro de Estudos Bíblicos) que está organizado em “25 Estados brasileiros. Através de 174 Sub-Regiões/Núcleos se faz presente em mais de 600 cidades, atingindo diretamente cerca de 80 mil lideranças populares.”⁹ De acordo com seu institucional, o CEBI “desde o surgimento, estava claro que a caminhada precisava ser ecumênica, mesmo porque a defesa da vida e as necessidades básicas ultrapassam as fronteiras religiosas. Por isso, está se fazendo um enorme esforço para que a perspectiva da leitura e a espiritualidade ecumênica estimuladas pelo CEBI cheguem sempre mais às pessoas das diversas denominações cristãs. Importante para o CEBI é que cresça mais o ecumenismo a partir da base, despertando o potencial ético e de defesa da vida, presente em todas as comunidades religiosas. Entendemos que o Ecumenismo não somente está nas relações entre Igrejas, mas também na atitude de radical abertura ao diferente assumida

⁸ CONIC. *Missão*.

⁹ CEBI. *Institucional*.

como caminho para a unidade e testemunho à beleza que salvarão a humanidade e o cosmos.”¹⁰

Em nível educacional e catequético, há iniciativas como o CIER (Conselho de Igrejas para a Educação Religiosa Escolar), existente em Santa Catarina desde 1971 formado pelas Igrejas Católica, Evangélica de Confissão Luterana, Metodista e Assembleia de Deus. Outro organismo de destaque neste campo é a ASSINTEC (Associação Interconfessional de Educação de Curitiba), que não possui representatividade oficial de Igrejas, e que atualmente atua como centro de capacitação catequético para professores e fornecimento de materiais.

Outro organismo, este que mantém diálogo, é a OSIB (Organização dos Seminários e Institutos do Brasil) da Igreja Católica juntamente com a ASTE (Associação de Seminários Teológicos Evangélicos).

No campo da comunicação, merecem destaque organismos como a UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicações Sociais) que surgiu em berço católico e abriu-se ao ecumenismo. O CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação), fundado por protestantes abertos ao ecumenismo e a AGEN (Agência Ecumênica de Notícias) também estão entre os organismos.

No campo pastoral, existe no Brasil o Serviço de Aconselhamento Interconfessional – SICA, voltado ao aconselhamento a respeito do campo religioso, moral, familiar etc.

6 A comunhão ecumênica

A busca da unidade está manifestada na oração em comum. Um exemplo é a promoção da Semana de Oração pela Unidade Cristã, nascida por iniciativa do papa Leão XIII e que é celebrada na semana que vai da Ascensão até Pentecostes. Hortal destaca que, em 1908, jovens anglicanos iniciaram esta atividade em data diferente e, em 1926, o Movimento Fé e

¹⁰ Idem

Constituição pediu para a data fosse a mesma da Igreja Católica. Contudo, foi a partir de um padre francês chamado Paul Irénée Couturier que a partir de sua fórmula lançada em 1935 “Que chegue à unidade do Reino de Deus, tal como Cristo a quer e pelos meios que ele quiser”¹¹, que conseguiu a unidade para a celebração. A partir de 1958, os textos para a reflexão ao longo desta semana começaram a ser preparados em unidade ecumênica.

Com o intuito de fomentar a reflexão acerca de temas atuais, a Campanha da Fraternidade Ecumênica busca fomentar nos cristãos um espírito de solidariedade. A Campanha da Fraternidade teve início em 1962 com três padres em Natal. Estes padres representavam a Caritas Brasileira, que é “uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural.”¹²

À luz das Diretrizes Gerais da CNBB, o projeto se espalhou e foi adotado de forma ecumênica por outras Igrejas Particulares do Brasil e na quaresma de 1964 foi realizada pela primeira vez em nível nacional. Em 1970 a Campanha da Fraternidade ganhou ajuda do papa que passou a escrever para a abertura da campanha.

Conclusão

O diálogo ecumênico no Brasil é um processo em andamento. Tem-se claro que a Igreja Católica luta para que haja uma convivência fraterna e busca fomentar iniciativas que orientem para isto.

Ambas as Igrejas que se abrem ao ecumenismo contribuem para que as ações aconteçam de maneira a frutificar na vida dos cristãos.

Há muito que se construir. Contudo, os passos que se tem seguido tem apresentado frutos, partindo das instâncias superiores. O que há de

¹¹ HORTAL, Jesús. *E haverá um só rebanho*. p. 259.

¹² Caritas Brasileira. Apresentação. Disponível em: <http://caritas.org.br/>. Acesso em 17 de maio de 2018.

se esperar é que de fato as iniciativas propostas atinjam todo o povo, fazendo acontecer os objetivos que o ecumenismo traz em suas bases.

Referências

HORTAL, Jesús. *E haverá um só rebanho*. História, doutrina e prática católica do Ecumenismo. São Paulo: Loyola, 1989.

WOLFF, Elias. *O ecumenismo no Brasil: uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

Cáritas Brasileira. *Apresentação*. Disponível em: <http://caritas.org.br/>. Acesso em 17 de maio de 2018.

Centro de Estudos Bíblicos. *Institucional*. Disponível em: <https://www.cebi.org.br/areas-de-atuacao/>. Acesso em 17 de maio de 2018.

Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil. *Missão*. Disponível em: <https://www.conic.org.br/portal/apresentacao>. Acesso em 17 de maio de 2018.

Sobre o ecumenismo no Brasil

*Josáurea de Fátima Vloet Katzenwadel*¹

Introdução

“Não é possível ser católico sem ser ecumênico².”

Elias Wolff

O presente trabalho almeja elucidar o caminho percorrido pelos cristãos que residem no Brasil na busca do ecumenismo, ou seja, a unidade dos cristãos, o conhecimento dos pontos de convergência para fortalecimento dos elos, propagação dos valores evangélicos e, principalmente, para a concretização da mensagem de Cristo em suas vidas. Assim, percebe-se que o objetivo do ecumenismo não é “aliciar os irmãos separados a ingressarem em nossa Igreja institucional, mas convidá-los a sondar conosco os desígnios de Jesus Cristo, caminho, verdade e vida (cf. Jo 14,6), luz de todos os povos (LG 1,1).” Cientes de que, “em Cristo, princípio e fim (cf. Ap 1,8.18), por quem, em quem e para quem tudo foi feito e tudo existe (cf. Cl 1,16s), é que se encontra a unidade da fé, da esperança, da concórdia, do amor”³.

Percebe-se que, ao tratar de ecumenismo, é importante recordar que os seres humanos são peregrinos, vivendo a aventura de serem criaturas do Senhor, por Ele idealizadas, por Ele amadas e a quem foi oportunizado

¹ É estudande do curso de Teologia no IFITEME, leiga. Casado com Osvaldo Katzenwadelso.

² WOLFF, Elias, *O Ecumenismo no Brasil*. p.13.

³ MOURA, Dom José; WOLFF, Elias, *O empenho ecumênico da Igreja católica no Brasil*.

viver o agora, neste mundo, com esses companheiros de viagem. Todos e cada um procurando e trilhando seus caminhos, navegando em busca de seus ideais. “Caminhos diferentes, sabendo cada um dos navegantes para onde orientar a sua nau e ao mesmo tempo de onde captar sinais de vida de outros companheiros de viagem que se encontrem em qualquer outro quadrante do mapa da vida, da reflexão e da história.”⁴

1 Ecumenismo

Importante lembrar que o termo ecumênico tem sua origem na palavra latina *oecumenicus*, que significa “geral, universal”, e vem do vocábulo grego *oikouménē*, cujo significado é “mundo civilizado” ou “mundo habitado”. Mas, o conceito de ecumenismo foi sendo construído, alterado, ao longo da história, e hoje é entendido como a busca da unidade. Assim, o ecumenismo não tem mais o objetivo de tornar todos os cristãos integrantes de uma única religião, mas, sim, de aproximar todos os cristãos, ajudando-os a compreender e aceitar suas diferenças, valorizar o que têm em comum e viver em harmonia na busca da construção do Reino de Deus.

É difícil haver algum avanço nos esforços de recomposição da unidade cristã, se não existir uma compreensão comum sobre *como* o ser eclesial se manifesta. E essa é uma compreensão comum (a comunhão na consciência de ser Igreja) forma-se por meio do reconhecimento daqueles elementos teológicos que possibilitam detectar tanto a origem sobrenatural da Igreja quanto as formas circunstanciais pelas quais assume ela visibilidade na história da humanidade. Mesmo que na história a manifestação eclesial, pela sua dinâmica de abertura às diferentes culturas das sociedades nas quais ela se encarna, adquira formas diversificadas, a Igreja permanece, contudo, intacta na sua identidade mais profunda, sendo possível o seu reconhecimento, uma vez que ela não se confunde com os elementos socioculturais assumidos na realização histórica.⁵

⁴ BIASIN, Dom Francisco, *Apresentação*, n° 01.

⁵ WOLFF, Elias, *O Ecumenismo no Brasil*. p. 120.

Dom Francisco Biasin afirma, com muita sabedoria, que “o caminho será bonito na medida em que cada Igreja e cada tradição religiosa cristã apresentar o melhor de si para que haja uma unidade pluriforme e reconciliada. Onde várias expressões da vida de fé, colocadas em comum e doadas a todas às Igrejas, possam expressar a riqueza e a variedade dos dons que Deus fez surgir através das divisões do passado.”⁶

Assim, a exigência do diálogo se impõe para todos os crentes. Esse diálogo acontece a partir do engajamento de cada um na própria fé. Para estes, não basta uma leitura sócio-fenomenológica da realidade plural. Faz-se mister uma leitura na ótica da fé. Apenas no próprio horizonte religioso é possível apreender a verdade mais profunda das coisas. Para o cristão essa é a possibilidade de discernir o significado e as interpelações do mundo plural para o Evangelho e a Igreja. Nesse contexto, urge abrir Caminhos de Diálogo, de forma corajosa e profética. São caminhos que possibilitam encontros das diferenças e reconciliação das divergências. Os passos desses caminhos são a afirmação da liberdade religiosa; a disponibilidade para acolhida, convivência e cooperação entre todos os credos; a luta contra os fatores de contradição e de divisão do Povo de Deus; a cooperação em projetos de promoção de todas as formas de vida existentes no planeta. Para os cristãos e as Igrejas, a marca indelével desse caminho é o testemunho comum do Evangelho no mundo.⁷

O ecumenismo se torna possível e, mais que isso, apresenta-se como um caminho para a paz entre os homens, porque desperta a consciência do bem existente no próximo e de que o Projeto de Deus é para todos os batizados, pois, como nos ensina São Paulo na Carta aos Gálatas, todos os batizados são filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo (Gl 3, 26-29).

2 A diversidade religiosa no Brasil

Para a compreensão do caminho que vem sendo percorrido pelo diálogo ecumênico no Brasil é preciso entender a diversidade religiosa do

⁶BIASIN, Dom Francisco, *Entrevista coletiva*.

⁷WOLFF, Elias, *Editorial*, Revista Caminhos de Diálogo - Ano 01, n° 01, 12/2013.

povo brasileiro, fazendo-se necessária uma análise, ainda que superficial, da formação religiosa do povo brasileiro. Neste tópico, Elias Wolf nos recorda que:

A formação do quadro religioso no Brasil tem início muito tempo antes da chegada dos portugueses. Origina-se com os povos indígenas. Com eles inicia-se também o pluralismo religioso dessas terras, na variedade sociocultural das diferentes nações, cada uma com seu modo próprio de expressar o sentimento religioso. Essa diversidade constitui a identidade dos aimaras, tupis, guaranis, astecas, toltecas, zapotecas, maias, quíchuas e tantos outros povos aborígenes espalhados pelo continente.⁸

Posteriormente, “os colonizadores portugueses contribuíram para a formação da diversidade religiosa no Brasil, trazendo para cá o catolicismo e os escravos africanos com suas crenças que fincaram raízes na sociedade brasileira até os dias de hoje. Eram pertencentes a várias etnias, com intenso pluralismo religioso e cultural.”⁹

Seguindo na história, percebe-se que:

A formação do quadro religioso no Brasil sofre novas mudanças a partir da segunda metade do século XIX, com a chegada das Igrejas oriundas da Reforma de Lutero no século XVI. Essas Igrejas trouxeram uma nova cultura europeia (não mais aquela do desbravador português) com elementos característicos de uma sociedade que já havia passado pela Revolução Francesa e pela Revolução Industrial. Em termos religiosos, os imigrantes traziam novos conceitos teológicos e novas expressões da fé cristã, característicos do protestantismo, provocando um profundo questionamento à hegemonia absoluta do catolicismo romano vigente no País. Essas Igrejas são classificadas pela maioria dos estudiosos como protestantismo de “imigração” e de “missão”¹⁰.

Importante destacar que, tendo em vista que os colonizadores professavam a fé Católica Romana, essa era a religião oficial do Estado e, “ser

⁸ WOLFF, Elias, *O Ecumenismo no Brasil*. p. 18.

⁹ Idem, p. 20.

¹⁰ Idem, p. 26.

cristão no Brasil colonial e imperial era também uma questão legal, e não apenas de fé.”¹¹ De tal modo que começa a se instalar um conflito, já que:

Quando os anglicanos e protestantes chegaram ao Brasil, encontraram a Igreja Católica Romana como Igreja oficial e vínculo de unidade nacional. Não havia tolerância para outras manifestações de fé. (...) com relação aos cristãos protestantes, os católicos romanos divulgavam a ideia de que eles não eram cristãos(...). Por outro lado, sobretudo para o protestantismo missionário, o Brasil precisava ainda ser evangelizado e nisso estava a razão de sua presença no país ¹²

Vivia-se um momento jurídico que hoje conhecemos como Padroado.

O Direito de Padroado (*ius patronatus*) é uma praxe canônica oriunda do Direito Germânico, segundo o qual, por concessão pontifícia, os fundadores de Igrejas dispunham da prerrogativa especial de apresentarem os ministros das Igrejas à autoridade religiosa para a devida confirmação e de receberem os dízimos das respectivas Igrejas. Dom Manuel I estabeleceu em 1514 esta aliança com Roma com relação à evangelização do Brasil. Pelo regime, o rei tinha o direito de organizar e controlar bispados, paróquias, cargos eclesiásticos em troca do financiamento das atividades eclesiásticas.¹³

Nesta fase era proibido professar outra fé que não a católica romana, sendo examinados os documentos de todos que ingressavam na colônia, “sendo extraditados todos os que não se sujeitassem às novas orientações religiosas.”¹⁴ Era um período de legislação restritiva e muitos obstáculos para os imigrantes não católicos.

Tal situação foi se modificando ao longo da história em razão de vários fatores – entre os quais o acordo de proteção firmado com a Inglaterra em 1793, que culminou no Tratado da Aliança e Amizade e Comércio e, firmado entre Portugal e Inglaterra em 1810, e “criou um impasse para a hegemonia do catolicismo romano, uma vez que a intolerância religiosa

¹¹ WOLFF, Elias. *Caminhos do Ecumenismo no Brasil*. p. 27.

¹² idem; f. 25-26.

¹³ AGOSTINHO, Roberto *apud* Frei José Ferreira da Silva, p. 1.

¹⁴ WOLFF, Elias, *Caminhos do Ecumenismo no Brasil*. p. 27.

seria forte obstáculo à execução do Tratado”. Assim, “abria-se a possibilidade para a presença legítima de cristãos de orientação protestante e anglicana no país, e, a partir de então, eles passaram a gozar de uma liberdade parcial para expressarem suas convicções.”¹⁵

Tais fatos incidiram na formação da lei constitucional da época, sendo que a Constituição do Império, de 1824, previa em seu artigo V que: “A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”¹⁶. Dessa forma, “embora de modo limitado, a constituição e as leis nela baseadas definiram o status dos acatólicos, estabelecendo os limites das suas atividades. [...] a nova legislação ajudou os protestantes e anglicanos na superação de muitas dificuldades para a sua difusão pelo território nacional.”¹⁷

Muito relevante também foi “o projeto de povoar o Brasil com imigrantes europeus”, que “teve que afrontar o problema das garantias religiosas”, sendo permitido aos “pastores protestantes, devidamente registrados”, que “realizassem casamentos religiosos com efeito civil e impedindo qualquer tentativa católica de considerá-los nulos”¹⁸. Nesse contexto, “muitas questões foram sendo aos poucos resolvidas até que o período republicano trouxe a separação definitiva entre Igreja e Estado, pelo decreto n. 119-A, de 7 de janeiro de 1890, abandonando-se definitivamente uma religião oficial para a nação. Foi a extinção do padroado”, passando a ser livre o exercício de qualquer religião¹⁹.

Contudo, é importante lembrar que:

¹⁵ idem; p. 28.

¹⁶ idem; p. 29.

¹⁷ idem; p. 30-31.

¹⁸ idem; p. 31.

¹⁹ WOLFF, Elias, *Caminhos do Ecumenismo no Brasil*. p. 31.

[...] a melhoria das relações do Estado com o protestantismo não tem o seu equivalente em relação à Igreja Católica no mesmo período. Para esta, a oposição não só continuou como foi inclusive reforçada pela influência no Brasil do pontificado de Pio IX [...]. Enquanto a Igreja e o Estado estavam em disputa, fortalecia-se o protestantismo. [...] as implicações legais no confronto entre as confissões cristãs continuam a existir também no século XX, mas agora possuem novas formas. [...] em nossos dias, com a diminuição das tensões jurídicas entre as confissões históricas, este espaço passou a ser usado sobretudo por setores do pentecostalismo. Assim, na atualidade, os conflitos do pluralismo eclesial deixam de ser um problema jurídico, ao menos entre as Igrejas do CONIC, e concentram-se basicamente no campo teológico-pastoral.²⁰

Verifica-se, ainda, que:

a partir da segunda década do século XX, o pluralismo religioso brasileiro assumiu novas características, introduzidas agora pelos novos movimentos religiosos que se fazem presentes em todo o continente. É a etapa atual da formação do quadro religioso do Brasil, distinguindo-se em dois ramos: o pentecostalismo protestante e os movimentos cuja identidade religiosa e eclesial é ainda indefinida, normalmente de origem oriental (ex.: espiritismo, Nova Era, “movimentos de cura divina”, Vale do Amanhecer, Legião da Boa Vontade, movimentos de filosofia oriental, etc.).²¹

Toda essa diversidade religiosa, que foi sendo construída aos poucos, quase que naturalmente, ao longo da história do Brasil, faz com que o povo brasileiro tenha um perfil um pouco diferenciado em relação aos demais países do mundo, torna esse povo mais aberto, mais acolhedor com o diferente.

3 Início do diálogo ecumênico no Brasil

Tratando do diálogo ecumênico, de acordo com Elias Wolff, “constatam-se três grandes períodos no movimento ecumênico no Brasil: um

²⁰ idem; p. 33.

²¹ idem; p. 28.

exclusivamente interprotestante (1903-1960); outro com a participação de católicos e anglicanos (1960-1982); e um terceiro, a partir da formação do CONIC (1982-...).”²²

Verifica-se que:

O movimento ecumênico no Brasil teve os missionários protestantes como protagonistas, caracterizando-se por três elementos: a acentuação da herança comum (como a orientação dos reformadores e a ênfase na conversão pessoal), a unificação dos projetos de evangelização e a oposição ao catolicismo romano. Esse período possui três momentos distintos: inicia-se em 1903, com a criação da aliança Evangélica Brasileira – AEB; um segundo momento começa em 1920, com a Comissão Brasileira de Cooperação – CBC; e um terceiro, iniciado em 1934, com a Confederação Evangélica Brasileira – CEB.²³

A Aliança Evangélica Brasileira – AEB foi criada em julho de 1903, em São Paulo, sendo a primeira entidade ecumênica criada no Brasil, com o “objetivo de lutar contra o ‘papismo’ e promover os interesses do cristianismo escriturístico, a Aliança visava também descobrir um denominador doutrinário comum aos cristãos evangélicos.”²⁴ A Aliança deixou sua contribuição para o ecumenismo no Brasil, sendo que:

[...] três elementos podem ser considerados como a síntese de sua contribuição para o ecumenismo no Brasil: 1) a Aliança significou o despertar do protestantismo brasileiro para o diálogo, abrindo espaço para futuras associações ecumênicas e cooperação na evangelização; 2) é louvável o fato de a Aliança considerar, conforme os artigos I e II, a importância do diálogo “doutrinal” para a construção da unidade entre os cristãos. Embora esse aspecto não tenha sido o mais favorecido, o seu valor não foi de todo ignorado; 3) algumas de suas intuições serviram de base para futuras estruturas ecumênicas no país.²⁵

²² idem; p. 76.

²³ WOLFF, Elias, *Caminhos do Ecumenismo no Brasil*. P.77.

²⁴ idem; p. 77.

²⁵ idem; p. 80.

Em 1918 foi constituída a Comissão Brasileira de Cooperação, cujas atividades começaram em 1920, sendo considerada “um dos mais importantes resultados do Congresso do Panamá e das conferências regionais subsequentes, congregando 19 entidades eclesiásticas entre confissões, sociedades missionárias e outras organizações evangélicas.”²⁶

Em 1934 foi criada a Confederação Evangélica do Brasil – CEB, “com a fusão da Federação das Igrejas Evangélicas do Brasil, o Conselho Evangélico de Educação Religiosa no Brasil e a CBC” - Comissão Brasileira de Cooperação, e se tornou “o principal organismo ecumênico do país nesse período de diálogo interprotestante” e, “mesmo com objetivo de defender os interesses evangélicos num país preponderantemente católico, a CEB não alimentava atitudes anticatólicas próprias do protestantismo missionário.” Possuía um “objetivo missionário” e uma “perspectiva social”.²⁷

Contudo:

As transformações no contexto político do Brasil, com a presença dos militares no governo a partir de 1964, criaram sérias dificuldades à ação da CEB. Ela perdeu uma série de colaboradores, alguns departamentos suspenderam suas atividades (também por falta de recursos) e o aparato administrativo central teve que ser reduzido a um mínimo. O escritório central do Rio de Janeiro foi abandonado e provisoriamente unido ao Departamento de Imigração e Colonização em São Paulo.

A partir do ano de 1980, agravou-se o estado de tensão entre as lideranças da CEB e algumas das Igrejas a ela filiadas. A entidade foi aos poucos deixando de ser um referencial para o diálogo interconfessional, e, “com o crescimento do diálogo ecumênico também em outros níveis, incluindo a Igreja Católica Romana, a CEB perdeu em parte a motivação e razão de ser”. Assim, Igrejas que atualmente são membros do CONIC passaram a questionar-se sobre sua permanência na entidade.²⁸

Somente após esses primeiros passos dados pelas Igrejas protestantes, a Igreja Católica Apostólica Romana, motivada pelo Concílio Vaticano

²⁶ idem; p. 88.

²⁷ idem; p. 83.

²⁸ WOLFF, Elias, *Caminhos do Ecumenismo no Brasil*. p. 88.

II, veio a ingressar no caminho do diálogo ecumênico, despertando para a missão da busca da unidade.

4 O concílio Vaticano II

No início da busca pelo diálogo ecumênico a Igreja Católica Romana permaneceu afastada, vez que ainda em 1948 “o Santo Ofício havia proibido aos católicos romanos a participação na Assembleia Fundacional do Conselho Mundial das Igrejas (com o *Monitum*, de 5 de junho de 1948)”, contudo, “o mesmo Santo Ofício, um ano depois, passou a considerar o movimento ecumênico como “fruto do Espírito Santo”.²⁹

Dessa forma, “às vésperas do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica Romana já vivia ares de diálogo ecumênico.”³⁰ O Concílio Vaticano II, realizado na década de 1960, veio em resposta aos anseios da sociedade da época:

Em 1958, a Igreja sofria pela morte de Pio XII, que havia tido uma atuação importantíssima, sobretudo no pós-Segunda Guerra Mundial. Escolheram o cardeal Angelo Roncale, já idoso e experiente o bastante para realizar um papado de transição. Porém, João XXIII surpreendeu a todos, convocando o Concílio e dando início a uma grande revolução no seio da Igreja. O pontificado de João XXIII foi breve, mas intenso. Ele teve a coragem de convocar o Concílio Vaticano II, colocando a Igreja no coração do povo. Depois, as teses reformistas do Concílio foram aprofundadas por seu sucessor, Paulo VI.³¹

Foram muitos os frutos do Concílio Vaticano II; “o Concílio foi tão revolucionário que até hoje precisa ser compreendido. O Papa Francisco diz que as reformas do Concílio ainda não foram totalmente assimiladas.”³² Dentre tais frutos encontra-se, sem dúvida alguma, o convite aos

²⁹ WOLFF, Elias, *Caminhos do Ecumenismo no Brasil*. p. 59.

³⁰ idem; p. 59

³¹ <https://www.a12.com/jornalsantuário/noticias/concilio-vaticano-ii-transformou-igreja-catolica>

³² *Idem*

cristãos católicos a um despertar para a busca do diálogo ecumênico e inter-religioso, sendo tal conotação anunciada pelo Papa João XXIII já no discurso de abertura:

2. [...] A Igreja Católica julga, portanto, dever seu empenhar-se ativamente para que se realize o grande mistério daquela unidade, que Jesus Cristo pediu com oração ardente ao Pai celeste, pouco antes do seu sacrifício. Ela goza de paz suave, bem convicta de estar intimamente unida com aquela oração; e muito se alegra depois, quando vê que essa invocação estende a sua eficácia, com frutos salutares, mesmo àqueles que estão fora do seu seio.³³

O Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo confirma este ensinamento, é a Igreja proclamando a importância para o cristão da busca do ecumenismo:

Este sagrado Concílio deseja insistentemente que as iniciativas dos filhos da Igreja católica juntamente com as dos irmãos separados se desenvolvam; que não se ponham obstáculos aos caminhos da Providência; e que não se prejudiquem os futuros impulsos do Espírito Santo. Além disso, declara estar consciente de que o santo propósito de reconciliar todos os cristãos na unidade de uma só e única Igreja de Cristo excede as forças e a capacidade humana. Por isso, coloca inteiramente a sua esperança na oração de Cristo pela Igreja, no amor do Pai para conosco e na virtude do Espírito Santo. “E a esperança não será confundida, pois o amor de Deus se derramou em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,5) (UR 24).³⁴

Dessa forma, “na década de 1960, o Concílio Vaticano II acordava a Igreja Católica para as questões ecumênicas como uma tomada de consciência a respeito de si mesma, da sua natureza, da sua missão e dos desígnios do seu Fundador, Mestre e Senhor”, atribuindo ao ecumenismo o caráter de “elemento constitutivo da consciência eclesial”³⁵, sendo que “essa consciência exigia da Igreja um *aggiornamento* para maior fidelidade

³³http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html

³⁴ *Unitatis Redintegratio*.

³⁵ WOLFF, Elias, *Caminhos do Ecumenismo no Brasil*. p. 103.

às exigências de seu próprio ser e da dignidade a ela conferida. [...]. Os documentos conciliares vão superando as barreiras do diálogo, reconhecendo a situação do cristianismo no mundo e admitindo, inclusive, a contribuição do testemunho protestante na evangelização. Os católicos romanos ingressam definitivamente no movimento ecumênico moderno.”³⁶

Pode-se afirmar que “até a experiência conciliar de conversão ao ecumenismo, existiam no meio católico apenas algumas vagas ideias de uma novidade que, se afirmada, tardaria a realizar-se.”³⁷ Ainda, “na consciência conciliar existe um ‘imperativo ecumênico’”, como um apelo permanente à unidade. Os padres conciliares compreendem que a situação de divisão cristã impõe à urgência do diálogo.”³⁸

5 CNBB

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, “criada em 1952, [...] até por volta de 1960, acompanhava à distância o ecumenismo interprotestante, curiosa sobre a influência no país do movimento que se articulava no âmbito internacional.”³⁹ Contudo, “o anúncio do Concílio Ecumênico Vaticano II, por parte do Beato João XXIII, em 25 de janeiro de 1959, último dia da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, continha já uma das principais finalidades do Concílio: a unidade dos cristãos”⁴⁰.

Então, o Secretariado Nacional da Fé, da CNBB, elaborou um documento, um estudo, denominado “Preparando-nos para o Concílio”, “com a finalidade de chamar a atenção sobre o panorama de outras denominações cristãs e despertar interesse sobre um dos pontos que com certeza estariam em pauta no Vaticano II.”⁴¹

³⁶ WOLFF, Elias. *Caminhos do Ecumenismo no Brasil*. p. 103.

³⁷ CIPRIANI, Gabriele. *O Ecumenismo na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB*.

³⁸ WOLFF, Elias. *O ecumenismo no horizonte do Concílio Vaticano II*.

³⁹ WOLFF, Elias. *Caminhos do Ecumenismo no Brasil - História, Teologia, Pastoral*, p. 103-104.

⁴⁰ CIPRIANI, Gabriele. *O Ecumenismo na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB*.

⁴¹ idem

Mas os bispos brasileiros foram para Roma com a certeza de representar um país católico. Haviam elaborado um Plano de Emergência (1962), para fortalecer o catolicismo no Brasil, com a certeza teológica de que a única e verdadeira Igreja de Cristo é a Igreja Católica. No Brasil, a hegemonia católico-romana era ainda incontestável naqueles anos (93%). As minorias não recebiam a consideração e o respeito que hoje lhes são reconhecidos [...]. De fato, apesar de alguns sinais de ecumenismo inspirados pelo Conselho Mundial de Igrejas (1948), também entre as denominações evangélicas a afirmação da identidade de cada uma pouco espaço deixava às primeiras iniciativas de cooperação. [...] ⁴²

Contudo, a participação de bispos da Igreja Católica no Concílio Vaticano II fez brotar “as primeiras manifestações ecumênicas explícitas”, já que “tiveram a oportunidade de acompanhar as questões relativas à Igreja e ao ecumenismo”. ⁴³

Dessa forma:

Foi no Concílio que os bispos do Brasil, junto com os demais bispos do mundo inteiro, fizeram um lento e difícil exercício de aprendizagem ecumênica que lhes proporcionou a capacidade de introduzir na CNBB uma visão totalmente nova das relações eclesiais entre católicos e outras denominações cristãs no Brasil. ⁴⁴

Assim, pode-se afirmar que:

O primeiro anúncio oficial do compromisso ecumênico da CNBB se encontra na "Mensagem dos Bispos do Brasil sobre o Concílio, após a III Sessão". Os bispos revelam na mensagem sua experiência de aprendizagem ecumênica pela convivência com os observadores não católicos presentes no Concílio, o conhecimento dos bispos orientais, a experiência ecumênica dos bispos dos países de predominância protestante. [...] Um novo estilo de relações - escrevem os bispos - deve orientar as atitudes dos católicos para com os cristãos não católicos, considerando que o que une os cristãos é mais do que aquilo que

⁴² Idem.

⁴³ WOLFF, Elias, *Caminhos do Ecumenismo no Brasil* – História, Teologia, Pastoral, p. 106.

⁴⁴ CIPRIANI, Gabriele, *O Ecumenismo na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil* – CNBB.

os divide. Atitudes de compreensão, de diálogo, de caridade e o reconhecimento do que há de bom nas comunidades cristãs “dissidentes” serão a base de um novo caminhar juntos, com amor e respeito. Aparecem, porém, de imediato, os cuidados e as restrições presentes no decreto UR quanto à concepção da verdadeira Igreja e do ecumenismo: os diálogos doutrinários são reservados aos peritos e a contribuição dos cristãos leigos e leigas consiste somente na renovação da vida cristã e na cooperação nas obras de assistência social.⁴⁵

Desde “então se percebe crescente desenvolvimento da postura ecumênica na CNBB, marcada por três elementos bem definidos: a preocupação pela formação da consciência ecumênica; o desenvolvimento das relações institucionais com as outras confissões cristãs; e a publicação de orientações teológico-pastorais sobre o ecumenismo.”⁴⁶

E mais, percebe-se que a CNNB aderiu ao ecumenismo não apenas em obediência às determinações do Concílio Vaticano II, dos Papas, mas, principalmente e sobretudo porque compreendeu a importância, a relevância que a união entre as pessoas, a paz, o respeito, a busca de uma igualdade, constituem-se na essência do projeto de Deus para a humanidade: o amor:

Os bispos do Brasil procuram desenvolver a dimensão ecumênica não por uma simples opção ou por se tratar de uma exigência apresentada pela realidade em que ela se encontra. É mais que isso. A consciência ecumênica desenvolve-se ‘como resposta ao apelo de unidade expressa na oração sacerdotal do Senhor’. É a sua vocação. Tal resposta permite o crescimento de todo o povo de Deus na busca da comunhão visível de todos aqueles que aceitam Jesus como Senhor. Tal comunhão é sinal e instrumento de unidade para a comunidade humana dilacerada pelo pecado. Por isso, a busca da plena e visível comunhão de todos aqueles que aceitam Jesus como Senhor é sinal de resposta à invocação para que ‘todos sejam um’, expressa em João 17,21. Outrossim, a comunhão e a ação dos cristãos contribuem para a terra ser a *oikoumene* - a terra por todos(as) habitada.⁴⁷

⁴⁵ CIPRIANI, Gabriele, *O Ecumenismo na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil* - CNBB.

⁴⁶ Idem; p. 106.

⁴⁷ WOLFF, Elias. *O Ecumenismo no Brasil* - uma introdução ao pensamento ecumênico da CNBB, p. 116.

O caminho do diálogo ecumênico é longo, difícil, mas os frutos são muitos e abundantes. Tanto que, em 2002, ano em que a CNBB comemorava 50 anos de existência, Dom João Oneres Machiori e o Padre Ervino Schmidt, partilharam que:

Nestes cinquenta anos de missão, páginas de diálogo foram escritas, registrando na história do povo cristão o sonho de ver realizada de modo visível a unidade que Cristo deixou para a Sua Igreja. Evidentemente, o caminhar ecumênico da CNBB conheceu momentos de entusiasmo, de inquietude e, às vezes, de desânimo. Nem todos os fiéis católicos e seus pastores caminham no mesmo ritmo. As diferenças de lugar a lugar dizem respeito à história, à sensibilidade, aos progressos e aos desafios característicos do diálogo ecumênico. Mas constata-se que a marcha continua. A experiência até aqui vivida anima a buscar formas mais criativas de cumprir a vontade de Cristo: “Que todos sejam um” (Jô 17,21).⁴⁸

E, para trilhar essa jornada, é preciso ter consciência de que o caminhar é feito passo a passo, e, que, por vezes, o companheiro de viagem pode ser mais ágil, ou mais lento, e que ambos precisam aprender a respeitar o ritmo um do outro.

6 CONIC

Atualmente o organismo mais importante do ecumenismo no Brasil é o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs - CONIC, cuja origem remonta a 1975, quando se iniciou o trabalho para a criação de um conselho ecumênico entre as Igrejas Cristãs no Brasil. Foi um longo processo de articulação entre as Igrejas Católica Apostólica Romana, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Episcopal Anglicana do Brasil e Metodista, sendo realizadas 13 reuniões entre as presidências nacionais das Igrejas acima citadas para, em 1982, definir-se pela criação do Conselho.

⁴⁸SCHMIDT, Pe. Ervino; MACHIORI, Dom João Oneres, in WOLFF, Elias. *Caminhos do Ecumenismo no Brasil* – História, Teologia, Pastoral; p. 12.

E assim, no ano de 1982, surge o CONIC – Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil, com a missão de “fortalecer o testemunho ecumênico das Igrejas-membro, fomentar o diálogo inter-religioso e promover a interlocução com organizações da sociedade civil e governo para a incidência pública em favor de políticas que promovam a justiça e a paz”, e o compromisso de “atuar em favor da dignidade e dos direitos e deveres das pessoas, até como forma de fidelidade à mensagem evangélica.”⁴⁹

O conceito do CONIC e seus objetivos estão muito bem delineados em seu estatuto, que já no parágrafo único do artigo primeiro enfatiza:

Parágrafo único. O CONIC é uma organização fraterna de Igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, a serviço e em testemunho da unidade da IGREJA que segundo as Escrituras Sagradas e, por isso, procuram cumprir sua vocação comum para a glória do Deus Uno e Trino, Pai, Filho e Espírito Santo, em cujo nome administram o Santo Batismo. O amor de Deus, a confissão de fé comum e o compromisso com a missão impulsionam as Igrejas-membro a uma comunhão cristã mais profunda e a um testemunho comum do Evangelho no Brasil, no exercício do amor e serviço ao povo. Respeitadas as diferentes concepções eclesiológicas, as Igrejas-membro se reconhecem convocadas por Cristo à unidade de sua Igreja, na certeza da atuação do mesmo Cristo e do seu Espírito nelas e por meio delas. O CONIC tem como missão fortalecer o testemunho ecumênico das Igrejas-membro, fomentar o diálogo inter-religioso e promover a interlocução com organizações da sociedade civil e governo para a incidência pública em favor de políticas que promovem a justiça, a paz e a integridade da criação.⁵⁰

Conforme delineado no estatuto, existem duas modalidades de membros do CONIC, ou seja, as Igrejas podem integrá-lo como membros ou como membros fraternos, e, para que estes se tornem membros plenos do CONIC é necessário:

⁴⁹ <https://www.conic.org.br/portal/apresentacao>

⁵⁰ https://conic.org.br/portal/files/Estatuto_do_CONIC_1_APROVADO_ASSEMBLEIA_2015.pdf

I - aceitem a Base Constitutiva e este Estatuto; II - possuam, de direito e de fato, estrutura de âmbito nacional, com seu devido estatuto e demais documentos institucionais devidamente aprovados pela direção da Igreja e registrados em cartório; III - tenham demonstrado, ao longo de sua atuação, convicção e prática ecumênicas; IV - solicitem formalmente admissão, com a anuência de dois membros plenos, acompanhada da devida documentação, conforme inciso II do presente artigo; V - obtenham, após recomendação da Diretoria do CONIC, voto favorável de dois terços dos membros votantes presentes à Assembleia Geral.⁵¹

Compõem o CONIC, como membros, as Igrejas Aliança de Batistas do Brasil – ABB; Igreja Católica Apostólica Romana - ICAR; Igreja Episcopal Anglicana do Brasil - IEAB; Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB; Igreja Presbiteriana Unida - IPU; e a Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia - ISOA.⁵²

Já a participação como membro fraterno é um pouco diferenciada, uma vez que, conforme explicitado no parágrafo único do artigo 2º do referido estatuto, podem integrar o CONIC como membros fraternos, possuindo direito a voz, mas não a voto, as organizações ecumênicas que demonstrarem, ao longo de sua atuação, convicção e prática ecumênicas, e solicitando formalmente a admissão, forem aceitos com a anuência de dois membros plenos.⁵³

No momento, integram o CONIC, como membros fraternos, a Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE; a Koinonia Presença Ecumênica e Serviço; o Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular; o Centro de Estudos Bíblicos – CEBI; a Comissão Nacional de Combate ao Racismo – CENACORA, Dia Mundial Oração – DMO; Programa de Formação e Educação Comunitária – PROFEC; e o Centro Ecumênico de Capacitação e Assessoria – CECA.⁵⁴

⁵¹ https://conic.org.br/portal/files/Estatuto_do_CONIC_1_APROVADO_ASSEMBLEIA_2015.pdf, art. 2º

⁵² <https://www.conic.org.br/portal/igrejas-membro>

⁵³ <https://www.conic.org.br/portal/membros-fraternos>

⁵⁴ Idem.

Acerca do CONIC, pode-se com segurança afirmar, assim como Dom José Alberto Moura, Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso, e Padre Elias Wolff, Assessor da referida comissão, que:

O diálogo ecumênico no Brasil sobre questões doutrinárias é limitado, e está ainda ensaiando seus passos. Mas pode-se afirmar que as Igrejas nele envolvidas possuem motivações teológicas – constatadas em seus documentos normativos. A base teológica do CONIC e suas atividades como o seminário sobre a Hospitalidade Eucarística (1999); os encontros de professores de ecumenismo promovidos pela Comissão de Ecumenismo da CNBB; os seminários da comissão Católica-Luterana sobre justificação (1998) e ministérios (2002); o mútuo reconhecimento do sacramento do Batismo entre as Igrejas do CONIC (firmado em 2005); os esforços por recepção dos resultados do diálogo internacional entre outros fatos, mostram a consciência de que o ecumenismo é uma realidade que diz respeito à *fé* dos cristãos e, por isso, exige uma orientação de natureza essencialmente teológica. Na medida em que crescer a consciência teológica nos círculos ecumênicos em nosso meio, estaremos percorrendo com maior convicção os caminhos rumo a unidade cristã.⁵⁵

Denota-se que as Igrejas e entidades que compõem o CONIC estão efetivamente abertas à promoção desse diálogo ecumênico, buscando promover a unidade entre os cristãos.

7 Documento de Aparecida

No âmbito da Igreja Católica Apostólica Romana na América Latina, e por consequência no Brasil, é muito importante a contribuição do documento lançado pelo CELAM na V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe, em maio de 2007, conhecido como Documento de Aparecida, que destinou o capítulo 5 - Comunhão dos Discípulos Missionários na Igreja – ao diálogo ecumênico e inter-religioso.

⁵⁵ MOURA, Dom José Alberto, e WOLFF, Elias Wolff, O empenho ecumênico da Igreja Católica no Brasil

O Documento de Aparecida faz uma análise dos motivos que devem conduzir os cristãos ao diálogo, da importância dessa busca para a evangelização, “para que o mundo creia”. Afirma que “a relação com os irmãos e irmãs batizados de outras Igrejas e comunidades eclesiais é um caminho irrenunciável para o discípulo e missionário, pois a falta de unidade representa um escândalo, um pecado e um atraso do cumprimento do desejo de Cristo: ‘para que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste’ (Jo 17,21)”⁵⁶ :

Ainda, convida os fiéis a rezar pela unidade, lembrando que “a unidade é, antes de tudo, um dom do Espírito Santo”. Enfatiza que “Esta conversão do coração e esta santidade de vida, juntamente com as orações particulares e públicas pela unidade dos cristãos, não de ser considerados como a alma de todo o movimento ecumênico e com razão pode se chamar ecumenismo espiritual”.⁵⁷ Enfatiza o quanto é importante estudar sobre o ecumenismo, estudar o Diretório ecumênico e suas indicações em relação à catequese, à liturgia, à formação presbiteral e à pastoral.⁵⁸

Assim, o Documento de Aparecida, de uma forma muito natural, convida e incentiva os religiosos e os fiéis leigos a participar e se engajar em organismos ecumênicos⁵⁹, ajudando a construir esse diálogo, essa unidade.

8 Ações

O ecumenismo foi sendo construído de forma mais intensa a partir do Concílio Vaticano II, podendo-se afirmar que:

O crescimento do movimento ecumênico no Brasil no período pós-conciliar, constatado por três principais fatores: a) o incremento dos organismos ecumênicos tanto a nível nacional quanto a nível local e regional. Destacam-se

⁵⁶ *Documento de Aparecida*, 227.

⁵⁷ *idem*, 230.

⁵⁸ *idem*, 231.

⁵⁹ *idem*, 232-233.

aqui a Coordenadoria Ecumênica de Serviços – CESE (1973), o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil – CONIC (1982), e os inúmeros grupos ecumênicos que surgem nas diferentes comunidades, paróquias e dioceses. No interior da Igreja Católica Romana, destacam-se a Dimensão V da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e as Comissões Regionais e Diocesanas para o Ecumenismo; b) o fortalecimento das iniciativas em âmbito nacional, como as Semanas de Oração pela Unidade dos Cristãos e a Campanha da Fraternidade Ecumênica no ano 2000 (haverá outra Campanha da Fraternidade Ecumênica em 2005); c) a emergência de ambientes que vão aos poucos se tornando referência na experiência de uma espiritualidade ecumênica: Casa da Reconciliação, em São Paulo; Mosteiro da Anunciação, em Goiás; os Focolarinos, em várias regiões do Brasil; a comunidade de Taizé, na Bahia.⁶⁰

Dentre as diversas atividades para propagação e divulgação do ecumenismo realizadas em todo o País pelas entidades envolvidas, merece destaque a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, evento anual que conta com o apoio e incentivo de vários setores e com raízes no Concílio Vaticano II:

A partir de 1965, com o concílio e a abertura, a Igreja Católica intensifica o diálogo ecumênico. Em 1967, a Igreja Católica, junto ao Conselho Mundial de Igrejas, monta uma comissão mista para a preparação da Semana de Unidade do ano seguinte. E a cada ano esta comissão mista escolhe um país, ou grupo ecumênico de uma região, para elaborar o tema. Este ano a comissão solicitou que os Frades Franciscanos da Reconciliação organizassem a Semana, até porque eles foram os iniciadores desta celebração há 100 anos.⁶¹

A Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos é um evento mundial, que encontrou no Brasil solo fértil para se desenvolver e gradativamente ir tocando os corações com a mensagem da beleza da unidade entre os cristãos:

Promovida mundialmente pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos e pelo Conselho Mundial de Igrejas, a Semana de Oração

⁶⁰ WOLFF, Elias. *A Espiritualidade Ecumênica no Brasil*.

⁶¹ BIZON, José. *Em Busca da Unidade*.

pela Unidade Cristã (SOUC) acontece em períodos diferentes nos dois hemisférios.

No hemisfério Norte, o período tradicional para a Semana de Oração pela Unidade Cristã (SOUC) é de 18 a 25 de janeiro. Essas datas foram propostas em 1908, por Paul Watson, pois cobriam o tempo entre as festas de São Pedro e São Paulo, e tinham, portanto, um significado simbólico.

No hemisfério Sul, por sua vez, as Igrejas geralmente celebram a Semana de Oração no período de Pentecostes (como foi sugerido pelo movimento Fé e Ordem, em 1926), que também é um momento simbólico para a unidade da Igreja. No Brasil, o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) lidera e coordena as iniciativas para a celebração da Semana em diversos estados.

Levando em conta essa flexibilidade no que diz respeito à data, estimulamos a todos os cristãos, ao longo do ano, a expressar o grau de comunhão que as Igrejas já atingiram e a orar juntos por uma unidade cada vez mais plena, que é desejo do próprio Cristo (Jo 17:21).⁶²

Outra atividade periódica muito relevante é a Campanha da Fraternidade Ecumênica, promovida a cada cinco anos pelas instituições que compõem o CONIC:

A Campanha da Fraternidade Ecumênica (CFE) é uma iniciativa que tem sido realizada a cada cinco anos por diversas denominações cristãs, sempre de forma ecumênica, valorizando o que cada Igreja tem de bom. A primeira CFE foi organizada no ano 2000, e teve como tema ‘Dignidade humana e paz’, e o lema escolhido foi: ‘Novo milênio sem exclusões’. A segunda edição, em 2005, falou sobre ‘Solidariedade e paz’, com o lema: ‘Felizes os que promovem a paz’. Em 2010, o tema versou sobre ‘Economia e Vida’, com o lema ‘Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro’.⁶³

A última Campanha da Fraternidade Ecumênica ocorreu em 2016 e o tema escolhido foi “casa comum, nossa responsabilidade”, com o lema “Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca” (Am 5,24), tendo por objetivo o “debate de questões relativas ao

⁶² <https://conic.org.br/portal/semana-de-oracao>

⁶³ <https://conic.org.br/portal/cf-ecumenica>

saneamento básico, desenvolvimento, saúde integral e qualidade de vida aos cidadãos”⁶⁴.

Conclusão

A busca ecumênica, interpretada como a unidade entre os que amam a Cristo, deve ser a ótica de todo cristão, afinal ser cristão é se dispor a viver como Jesus, olhar o mundo com seus olhos e ver em cada ser humano um irmão. Certamente não é fácil, mas, tampouco é difícil, apenas é a missão do batizado, um caminho que deve ser trilhado, buscado ao longo da vida. Para tal é preciso aprender a ser ecumênico, despertar dentro de si a necessidade de conhecer os ensinamentos da Igreja sobre o assunto, desenvolver atitudes e gestos ecumênicos, sempre conscientes de que a paz na humanidade deve iniciar com a paz entre os que creem.

Nesse sentido, o Papa Francisco esclarece que “a unidade dos cristãos é um requisito essencial da nossa fé. Um requisito que brota do fundo de nosso ser como crentes em Jesus Cristo. Chamamos à unidade porque invocamos Cristo. Queremos viver a unidade, porque queremos seguir Cristo, viver o seu amor, gozar do mistério de sua unidade com o Pai, que é a essência do amor divino”.⁶⁵

Por fim, é importante lembrar o ensinamento de Bento XVI, que abriu seu pontificado dizendo: “Não bastam as manifestações de bons sentimentos. Fazem falta gestos concretos que penetrem nos espíritos e sacudam as consciências, impulsionando cada um à conversão interior, que é o fundamento de todo progresso no caminho do ecumenismo”⁶⁶.

Referências

<https://spirandiopadre.wordpress.com/documento-de-aparecida-v-conferencia-celam-texto-integral/> - acesso em 21/05/2019.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ <https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-explica-o-verdadeiro-sentido-do-ecumenismo-22218>

⁶⁶ idem, 234.

<https://www.a12.com/jornalsantuاريو/noticias/concilio-vaticano-ii-transformou-Igreja-catolica> - acesso em 08/05/2019.

http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html - acesso em 22/05/2019.

<https://spirandiopadre.wordpress.com/documento-de-aparecida-v-conferencia-celam-texto-integral/> - acesso em 26/05/2019.

<https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-explica-o-verdadeiro-sentido-do-ecumenismo-22218>, acesso em 19/06/2019.

BIASIN, Dom Francisco. *Apresentação*, Revista Caminhos de Diálogo - Ano 01, nº 01, dezembro de 2013.

BIASIN, Dom Francisco. *entrevista coletiva de imprensa da 51ª Assembleia Geral dos Bispos*, da terça-feira, 16/04/2013, disponível em <http://www.cnbb.org.br/dom-francesco-biasin-o-ecumenismo-tem-como-centro-a-pessoa-a-mensagem-o-testemunho-e-sobretudo-o-testemunho-da-paixao-morte-e-ressurreicao-do-senhor/>, acesso em 11/06/2019.

BIZON, José. *Em Busca da Unidade* – entrevista concedida à Revista Rogate, nº 262, maio de 2008.

CATÃO, Francisco. in “O Curso Especial de Ecumenismo”, Revista Cultura Teológica, Ano IX, nº 34, jan/mar/2001.

CIPRIANI, Gabriele. *O Ecumenismo na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil* –

CNBB, Artigo 5, Revista Caminhos de Diálogo - Ano 01, nº 01, dezembro de 2013.

CNBB, Comissão Episcopal Pastoral para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso. *Crescer Juntos na Unidade e na Missão*. Coleção Diálogo Ecumênico e Inter-religioso, vol. 1, Brasília, Edições CNBB, 2010.

CONIC, disponível em <https://www.conic.org.br/portal/apresentacao> - acesso em 07/05/2019.

CONIC, disponível em <https://www.conic.org.br/portal/Igrejas-membro> - acesso em 07/05/2019.

CONIC, disponível em <https://www.conic.org.br/portal/membros-fraternos> - acesso em 07/05/2019.

CONIC, disponível em <https://www.conic.org.br/portal/diretoria> - acesso em 07/05/2019.

CONIC, disponível em [https://conic.org.br/portal/files/Estatuto do CONIC_1_APROVADO_ASSEMBLEIA_2015.pdf](https://conic.org.br/portal/files/Estatuto_do_CONIC_1_APROVADO_ASSEMBLEIA_2015.pdf) - acesso em 07/05/2019.

CONIC, disponível em <https://conic.org.br/portal/conselho-fiscal> - acesso em 07/05/2019.

CONIC, disponível em <https://conic.org.br/portal/cf-ecumenica> - acesso em 21/05/2019.

CONIC, disponível em <https://conic.org.br/portal/semana-de-oracao> - acesso em 21/05/2019

PAULO VI. Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo, disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html, acesso em 12/06/2019.

CELAM. *Documento de aparecida*, Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 2 Ed, Paulinas, São Paulo, 2007.

MOURA, Dom José Alberto, e WOLFF, Elias Wolff. *O empenho ecumênico da Igreja Católica no Brasil*, disponível em <http://www.catedralsaojose.org.br/catedral2011/reflexao/3908-o-empenho-ecumenico-da-igreja-catolica-no-brasil.html>. Acesso em 21/05/2019.

SILVA, Frei José Ferreira. *História da Igreja no Brasil*, (Apostila) fevereiro de 2019.

WOLFF, Elias, O ecumenismo no horizonte do Concílio Vaticano II, , disponível em <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20406/20406.PDF>, acesso em 12/06/2019.

WOLFF, Elias. *Editorial*, Revista Caminhos de Diálogo - Ano 01, nº 01, dezembro de 2013.

WOLFF, Elias. *A Espiritualidade Ecumênica no Brasil*, disponível em <http://www.familia-missionaria.com.br/artigo.asp?area=6&cat=25&sub=18&catsub=17&artigo=390>, acesso em 11/06/2019.

WOLFF, Elias. disponível em <http://theologicalatinoamericana.com/?p=43> - acesso em 29/05/2019.

WOLFF, Elias. disponível em <http://www.catedralsaojose.org.br/catedral2011/reflexao/3908-o-empenho-ecumenico-da-Igreja-catolica-no-brasil.html> - acesso em 02/06/2019.

WOLFF, Elias. *Caminhos do Ecumenismo no Brasil – História, Teologia, Pastoral*. São Paulo, Paulinas, 2002, Coleção Comunidade e Missão.

WOLFF, Elias. *O Ecumenismo no Brasil – Uma Introdução ao Pensamento Ecumênico da CNBB*. 2ª Edição, São Paulo, Paulinas, 2004. Coleção: Caminhos de Diálogo.

O ecumenismo na diocese de Ponta Grossa ¹

Alexandre Spena Regueira ²

Introdução

O entendimento ecumênico da Igreja universal, chega a todos os ambientes e realidades das Igrejas locais, a partir de uma reflexão universal do âmbito ecumênico, e, portanto, a sua práxis se dá a partir de um reconhecimento e de uma relação do conjunto todo, onde a totalidade das experiências humanas em sua diversidade e a complexidade no exercício do poder na sociedade, e, inclusive na Igreja, que perita em humanidade³, sabe reconhecer entre os seus a necessidade de um diálogo que os auxiliem a caminharem juntos na proposta do Evangelho, a partir do princípio que os une, a serem discípulos de Jesus Cristo.

O Papa Leão XIII – que tinha como programa a pureza da fé, a paz e a unidade da Igreja e a reforma da disciplina, teve também, muitas iniciativas a favor da unidade dos cristãos. Foi durante o seu pontificado que a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos⁴ se estendeu na Igreja Católica.

¹ Diocese de Ponta Grossa pertence ao regional Sul II da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

² Sacerdote da Diocese de Ponta Grossa/PR, formado em Filosofia e Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia *Mater Ecclesiae*, da mesma Diocese. Graduado em Tecnologia em Alimentos pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

³ *Doutrina Social da Igreja* n 2

⁴ SOUC

A Igreja Católica não pode ignorar que o impulso ecumênico do Concílio Vaticano II é um dos resultados do grande empenho e trabalho da Igreja de então em perscrutar-se à luz do Evangelho e da grande Tradição.

O Concílio recorda que a Igreja de Cristo é una e única. A oração de Cristo “para que todos sejam um”⁵ é eficaz e, entre os vários sinais de unidade, há dois que devem ser destacados na vida da Igreja: a Eucaristia e o amor entre os irmãos. Jesus Cristo também quis para a sua Igreja a unidade da fé que nos reúne num só corpo.

Em maio de 1995, João Paulo II fazia público um documento pontifício chamado a marcar época no diálogo ecumênico, a Carta Encíclica *Ut unum sint*, sobre o empenho ecumênico. A progressiva comunhão numa constante reforma, realizada à luz da Tradição Apostólica é, sem dúvida, um dos traços típicos e mais importantes do ecumenismo.

No Brasil, o movimento ecumênico já viveu momentos áureos, com a atuação da Confederação Evangélica do Brasil e dos movimentos de juventude, suas parcerias e extensões, muito especialmente nos anos 50.

Desde 1966, a Dimensão Ecumênica começou a fazer parte do Plano de Pastoral de Conjunto da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, com algumas variantes. Nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil de 1995 surgem as Exigências Intrínsecas da Evangelização: serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão.

Na Assembleia Geral da CNBB de 2003, com o novo Estatuto, foram criadas as Comissões Episcopais de Pastoral. A Comissão para o Ecumenismo e o Diálogo Inter-religioso é uma das dez Comissões.

Tendo agora alguns elementos que nos favoreçam um olhar mais apurado sobre o ecumenismo, podemos dar um passo a mais, e olhar de forma mais concreta a ação ecumênica desenvolvida na Igreja local da Diocese de Ponta Grossa, a partir das diretrizes da Igreja Católica e seus ensinamentos.

⁵ cf. Jo 17,21

A Diocese de Ponta Grossa em sintonia com o Concílio Vaticano II e de acordo com as orientações da CNBB⁶, sempre procurou fomentar o Ecumenismo e do Diálogo Inter-Religioso através do incentivo da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, Celebrações Ecumênicas e atividades. Os bispos diocesanos sempre incentivaram este caminho.

A Pastoral Ecumênica foi pensada pela Coordenação da Ação Evangelizadora e houve um crescimento na consciência do ecumenismo na época episcopal de Dom João Braz de Aviz cujo lema episcopal é “Que todos sejam um”; pelo seu carisma da unidade foi incentivador e animador da Pastoral Ecumênica e do Diálogo Inter-Religioso na Diocese de Ponta Grossa, também em Celebrações Ecumênicas como em atividades sociais pelo bem da comunidade.

Outro fator determinante na linha do ecumenismo foram as Campanhas da Fraternidade Ecumênicas. Durante alguns anos a pastoral Ecumênica da Diocese de Ponta Grossa procurou organizar, dinamizar e divulgar a linha ecumênica da ação evangelizadora na diocese, principalmente através da “Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos⁷” com os subsídios para a paróquias, bem como organizar eventos ecumênicos com as Igrejas abertas à dimensão do ecumenismo.

A realidade da diocese de Ponta Grossa nos ensina que muitas Igrejas ligadas ao CONIC⁸ estão abertas ao ecumenismo, e desafio são as Igrejas ou Comunidades Cristãs que não se abrem para o diálogo ecumênico e para atividades em comum pelo bem da sociedade.

A ação ecumênica visa mudança de paradigmas e de mentalidade neste longo processo do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. A diocese possui em seu território inúmeras manifestações religiosas, seitas, Igrejas Pentecostais de várias denominações, filosofias de vida, Igrejas e Religiões Históricas.

⁶ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

⁷ Idem 4

⁸ Conselho Nacional das Igrejas Cristãs

Há o sincretismo religioso e a chamada “migração religiosa”. O desafio é tornar crescente a consciência ecumênica no coração dos cristãos, da sociedade e da humanidade.

Em meados de 1986, Mendes, em seu trabalho de conclusão de curso de filosofia, pelo IFITEME⁹, sobre o Ecumenismo em Ponta Grossa, percebeu que a grande questão de entravamento da vivência ecumênica em Ponta Grossa está o proselitismo¹⁰, e que isso dificultou a práxis ecumênica, aliado contudo, com uma unidade eclesial situada sob o sentimento de desconfiança, desentendimentos e rixas e que dificultaram por assim dizer a experiência ecumênica que se dá pela aproximação entre as mais diversas confissões religiosas existentes em Ponta Grossa¹¹.

Para se ter uma visão mais clara e objetiva sobre o ecumenismo em nossa diocese, buscou-se através de um diálogo com as autoridades de cada denominação religiosa, para que cada uma, com sua contribuição, leve a se compreender o trabalho ecumênico na diocese.

O ecumenismo e as igrejas evangélicas protestantes em `Ponta Grossa

É preciso antes de tudo, salientar que o texto abaixo apresentado, deriva de um diálogo com o representante das Igrejas pentecostais, integrante da AME¹² da região de Ponta Grossa, e o que está aqui descrito contém unicamente a visão ecumênica por parte das Igrejas pentecostais.

Para se ter uma visão clara, buscou-se junto ao pastor Robson¹³, fundamentos sobre a Igreja e a visão que se tem hoje de ecumenismo no mundo protestante.

⁹ Instituto de Filosofia e Teologia *Mater Ecclesiae* da Diocese de Ponta Grossa

¹⁰ Proselitismo é a ação ou empenho de tentar converter uma ou várias pessoas em prol de determinada causa, doutrina, ideologia ou religião.

¹¹ MENDES, Edmilson. ECUMENISMO: Perspectivas para uma ação ecumênica em Ponta Grossa. IFITEME. 1986.

¹² Associação dos Ministros Evangélicos

¹³ Pastor e professor Robson Heduardo de Oliveira: Graduado em Teologia. Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. Diretor do Seminário de Teologia Peniel na cidade de Ponta Grossa. Diretor do SOLACC – Sociedade latino Americana de Capelães Cristãos.

Dentro do mundo evangélico, outrora, chamado protestantes, tem-se várias linhas ou denominações. Os evangélicos diferentemente da Igreja católica, são divididos em milhares de denominações por todo Brasil. Somente em Ponta Grossa, se tem atualmente em torno de 200 denominações evangélicas, com seu próprio CNPJ¹⁴, próprio nome e organização, diretoria.

Todas essas denominações são evangélicas porque seguem o evangelho com raízes no protestantismo. A AME¹⁵ reúne todas essas confissões religiosas de cunho evangélico e/ou protestante. Ela é uma tentativa de unir fraternalmente todas essas denominações evangélicas, mas não há uma coesão dos evangélicos, em todo o mundo são muito fragmentados e, portanto, de difícil unidade.

Atualmente aproximadamente 20% das Igrejas evangélicas de cunho protestante participam da AME¹⁶. Entre essas várias denominações, hoje se tem três linhas distintas e dentro de cada linha reúnem-se um universo de Igrejas:

- I - Igrejas históricas ou tradicionais que surgem da reforma protestantes e surgiram após o I, II ou III século após a reforma protestante em 30/10/1517: Luteranos, Congregacionais, Presbiterianos, Metodistas, Batistas e Menonitas.
- II - Igrejas pentecostais que saíram de dentro das tradicionais e surgiram na tentativa de suprir o desejo de uma linha mais espiritual, os dons espirituais: A Assembleia de Deus sai de dentro da Batista, a presbiteriana renovada sai da Presbiteriana Independente que é uma ramificação da Presbiteriana do Brasil que é histórica.

As Igrejas pentecostais são então a grande maioria do universo evangélico, como já mencionado acima, somente na região de Ponta Grossa se conhece aproximadamente 200 Igrejas de denominação pentecostal existentes, e como no Brasil, somam aproximadamente 90% das Igrejas Evangélicas.

¹⁴ Cadastro nacional de pessoa jurídica

¹⁵ Idem 13

¹⁶ Ibidem 13

Dentro do movimento pentecostal tem-se outra ramificação chamadas comunidades: Igrejas avivadas, mas um pouco mais liberais quanto ao uso de roupas, cabelos, e tem-se as pentecostais chamadas de uso e costumes que proibem a mulher usar maquiagem, cortar o cabelo, são as chamadas radicais e são a minoria.

III - O terceiro movimento é o neopentecostal, que são as Igrejas que trabalham com a teologia da prosperidade, e vão surgir com as Igrejas que estão na mídia e bem conhecidas: Universal do Reino de Deus, Mundial do poder de Deus, Internacional da Graça, Igreja Plenitude, entre outras

Agora, se tratando de ecumenismo nas Igrejas de denominação pentecostal, a visão que se tem é totalmente discordante. Eles não acreditam no ecumenismo. Há uma dificuldade muito grande em aceitar o ecumenismo por parte dos pentecostais. Muitas Igrejas pentecostais não acreditam no relacionamento ecumênico com a Igreja Católica e a vê como uma seita e não religião.

Portanto, hoje, o ecumenismo dentro do movimento evangélico basicamente vai se resumir nas Igrejas Tradicionais, e em uma porcentagem baixíssima das pentecostais. Pode se dizer então, que não existe ecumenismo nas Igrejas Pentecostais, não há aceitação desse movimento no meio pentecostal, e isso é uma realidade nacional e internacional.

Porém, hoje, a Igreja Evangélica tem uma visão mais equilibrada em relação ao catolicismo e se tem reconhecido algumas práticas e que nos levam a um reconhecimento de pontos que são afins como: o mesmo Deus, a pessoa de Jesus Cristo, alguns sacramentos como por exemplo o Batismo, mesmo divergindo na forma. Outros pontos concordantes é a crença na obra do Espírito Santo na Igreja e a Igreja como depositaria da fé por meio da missão e também em relação a Sagrada Escritura.

Segundo ainda, o pastor Robson, muitos evangélicos, ainda veem os católicos e a Igreja católica como contrária a fé cristã. Mas se percebe na práxis ecumênica, ou está se abrindo a essa visão como sendo o ecumenismo um abre portas para se evangelizar em locais onde há uma diversidade de cristãos, como por exemplo as forças armadas.

No mais, não se tem em concreto a práxis ecumênica e toda forma de aproximação é tida por parte da Igreja Evangélica, principalmente as correntes mais novas, como afronta a sua fé. E não só por parte dos fiéis protestantes, mas em suma, grande parte dos católicos também tem essa visão em relação aos protestantes. Os diálogos são mínimos e as ações ecumênicas escassas.

A práxis ecumênica na diocese de Ponta Grossa

Os dados obtidos sobre o olhar ecumênico a Igreja católica está baseado no discurso elaborado pelos integrantes da pastoral ecumênica e de diálogo inter-religioso e que são ao mesmo tempo integrantes do movimento dos Focolares, na pessoa de Ricardo Gomes¹⁷.

Segundo Ricardo, desde que o ecumenismo se tornou um caminho irreversível da Igreja, na diocese de Ponta Grossa sempre houve alguma expressão e esforço por levar adiante essa realidade. Nomes como Pe. Estanislau Kapusinski, Pe. Sandro Brandt, Pe Agostinho Rutikoski e outros que deram sua contribuição na coordenação dos trabalhos são lembrados com estima no âmbito de algumas Igrejas evangélicas que também se esforçam na busca pela unidade e cooperação.

A prática mais comum nas décadas passadas foi o empenho em realizar a SOUC¹⁸ animada e organizada no Brasil pelo CONIC¹⁹. Quando ainda faziam parte desse organismo a Igreja Metodista e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil²⁰, havia mais opções para o trabalho ecumênico enquanto Igrejas membro fazendo com que a SOUC²¹ tivesse envergadura e expressão.

¹⁷ Ricardo Gomes é integrante da Pastoral Ecumênica da Diocese de Ponta Grossa e membro do Movimento dos Focolares.

¹⁸ Idem 4

¹⁹ Idem 8

²⁰ IECLB

²¹ Ibidem 4

Coincidentemente com mudanças no episcopado e administração da diocese e o falecimento do Pe Estanislau Kapucinski - entusiasta do ecumenismo – restou apenas a IECLB²² no CONIC²³ uma vez que as Igrejas Metodista e IELB²⁴ deixaram de participar do conselho nacional. Isso tudo, num período de talvez oito anos, fez esfriar em certa medida aquele caminho que vinha sendo percorrido com constância.

Em 2012 uma nova etapa começou e o diálogo ecumênico ganhou novos parceiros e também novos desafios diante da pluralidade característica no meio evangélico.

Não é possível falar do pós 2012 sem mencionar alguns nomes e instituições que inauguraram essa era: Pe Agostinho Rutikoski, Dom Sergio Braschi, Pastor Renato Cordeiro, ACIPG²⁵ e Movimento dos Focolares. Em 2010/11, Dom Sergio se viu muito preocupado observando que o Natal na cidade não tinha expressão cristã nenhuma. Junto com o Pe Agostinho foram visitar um supermercado e o *shopping* Palladium pedindo aos diretores que na decoração de Natal lembrassem do menino Jesus e pusessem um presépio.

Em 2012, o Movimento dos Focolares realizou em Ponta Grossa uma Mariápolis²⁶, e uma das pautas era que cada cidade presente se reunisse para discutir o que poderiam fazer de concreto em favor da própria cidade.

No grupo dos Pontagrossenses surgiram muitas ideias de cunho social, ecológico etc., mas nada que entrasse num consenso. Nesse grupo estava o Pe. Agostinho que deu a ideia como ação concreta em favor da cidade a inspiração que um ano antes tinha tido Dom Sérgio, ou seja, trazer de novo ao Natal a centralidade de Jesus, nasceu então a Campanha Gestos de Amor.

²² Idem 20

²³ Ibidem 4

²⁴ Igreja Evangélica Luterana do Brasil

²⁵ Idem 25

²⁶ Encontro característico entre os integrantes do movimento dos Focolares.

Desses frequentes encontros surgiu a ideia de pedir ajuda à ACIPG²⁷, pois esse seria o caminho mais curto para que se chegar ao comércio. O presidente de então se entusiasmou e sugeriu que uma campanha do gênero não podia ser só católica. Foi então que entrou para o grupo o Pastor Renato Cordeiro, presidente da AME²⁸. Naquele ano de 2012 houve a primeira edição da Campanha de Natal. Todo o comércio foi animado a colocar Jesus nas decorações. Além da Carta Oficial assinada por Dom Sérgio, Pastor Renato e presidente da ACIPG²⁹, que foi entregue a cada comerciante, foram feitas as visitas missionárias que eram duplas de pessoas sempre compostas por um católico e um evangélico batendo de loja em loja para conversar com os funcionários e proprietários sobre o valor do Natal, a centralidade de Jesus e os gestos concretos de amor ao próximo como práxis do verdadeiro espírito natalino.

De 2012 para cá, todos os anos realizou-se a campanha. Cada vez com características novas, parcerias novas, apoio das mídias. Na edição de 2014 foi ao ar um vídeo de um coro composto por católicos, evangélicos, religiosos, crianças, pastores, jovens, Dom Sérgio e Pastor João Marcos, então presidente da AME³⁰. O vídeo teve grande veiculação nas TVs e causou efeito muito positivo. Na edição de 2015 começou a participar da campanha a IECLB³¹. Naquele ano veiculou mais um vídeo de impacto positivo, agora eram três pastores testemunhando a unidade. No vídeo eles falam do Natal, do menino Jesus e dos gestos de amor de maneira simples e unificada.

Ainda em 2015, uma manifestação pública tomou as ruas do centro da cidade: a Caminhada Luminosa pela Paz. Mais uma vez católicos e evangélicos deram testemunho de comunhão fraterna percorrendo a avenida com velas, lanternas, músicas e orações pedindo a paz ao Senhor da Paz.

²⁷ Ibidem 25

²⁸ Ibidem 12

²⁹ Ibidem 25

³⁰ Ibidem 12

³¹ Idem 24

A Campanha de Natal é uma ação de muita simplicidade que quer expressar que o ecumenismo se faz nas pequenas coisas, nas relações de amizade e na busca pelo que une. A campanha é expressão não do ecumenismo teológico, mas do ecumenismo do povo e do encontro.

A entrada da IECLB³² nas atividades ecumênicas representou a retomada daquele ecumenismo que tinha ficado para trás quando se organizavam as SOUC³³ nos moldes do CONIC³⁴. Com a AME³⁵, o ecumenismo é mais light, é de convivência, de amizade e mais voltado para ações concretas, como a campanha natalina. Com a IECLB³⁶, uma Igreja diretamente conectada com a Reforma, o ecumenismo é também teológico, formativo, cooperativo e celebrativo. O pastor titular da paróquia luterana Bom Pastor é entusiasta do ecumenismo e mantém uma relação de muita fraternidade com Dom Sérgio e vários padres. É aberto a ideias novas e junto com a Comissão Diocesana para o Diálogo Ecumênico é ousado e faz da sua paróquia casa dos católicos, ali todos se sentem acolhidos. Com essa Igreja, todos os anos realiza-se algo no contexto da SOUC³⁷. Sempre há celebrações e momentos de convivência fazendo com que cada vez mais católicos e luteranos se sintam verdadeiramente irmãos.

Em 2017 foram celebrados os 500 anos da Reforma de Martinho Lutero. A Comissão Diocesana e a IECLB³⁸ organizaram juntas momentos altos do importante centenário luterano. Em 31 de outubro de 2016, Dom Sérgio esteve presente na Igreja Luterana no Culto de Abertura do quingentésimo centenário. Não foi apenas uma vista fraterna dos católicos, mas sim a entrada no primeiro centenário em 500 anos de história para celebrar conjuntamente a Reforma.

³² Ibidem 24

³³ Ibidem 4

³⁴ Idem 8

³⁵ Ibidem 12

³⁶ Ibidem 24

³⁷ Ibidem 4

³⁸ Ibidem 24

A Igreja no mundo todo estava inserida nessa comemoração toda pautada no documento conjunto preparado para a ocasião “Do Conflito à Comunhão”. Em função disso, em outubro de 2017, às vésperas do encerramento dos 500 anos, foi realizada a primeira Conferência Católico-Luterana da diocese e IECLB³⁹, com a participação de membros das diversas denominações cristãs.

Em 31 de outubro de 2017 a Igreja Bom Pastor ficou lotada para o Culto Especial pelos 500 anos da Reforma. Foi notável a presença de vários pastores de muitas Igrejas, muitas das quais não tem mais relação com a Reforma. Notável também que no altar foram convidados a estarem juntos com o Pastor Diego (titular), Dom Sérgio e Padre Edvino Sicuro. Os dois tiveram funções litúrgicas no culto e a presença deles testemunhou que de fato passamos do conflito à comunhão.

Mas, atualmente os caminhos e práticas ecumênicas são mais desenvolvidas em Ponta Grossa dadas as limitações dos membros da comissão diocesana e outra dificuldade está em não se ter um padre referencial para o ecumenismo, porém os leigos que estão empenhados não desanimam, cita Ricardo.

A paroquialidade do ecumenismo

Em toda diocese haveria muito trabalho a ser feito nesse campo e pelas experiências e relatos que chegam de alguns padres do interior, há muita abertura para desenvolver uma caminhada de cooperação com as Igrejas evangélicas.

Se tem conhecimento de diversas ações ecumênicas ou a busca pelo diálogo fraterno entre as Igrejas de denominação cristã em todo o território da Diocese de Ponta Grossa, porém, são limitadas, mas permitem construir uma convivência fraterna e humanitária.

³⁹ Ibidem 24

A campanha e a caminhada luminosa chamaram a atenção da cidade vizinha, Castro. A associação comercial castrense organizou um encontro com várias entidades e Igrejas e convidou os organizadores da campanha de Ponta Grossa para apresentar o projeto. Em 2016 Castro realizou a sua Caminhada Luminosa com a presença de várias Igrejas testemunhando também a unidade dos cristãos. A edição de 2016 em Ponta Grossa teve uma ação concreta com a coleta de itens necessários para asilos e creches.

Sabe-se, por conversas paralelas, que em muitas ocasiões se tem uma forma de ecumenismo, mesmo sendo este velado por ações que não se denominam como ecumênicas religiosas, mas sim, culturais, como no caso da Paróquia Sant'Ana que passou por uma grande reforma, no ano de 2015.

Nesta ocasião, muitos evangélicos participaram na promoção realizada, para angariar fundos para a reforma, pois a matriz é sinal cultural, referencial e inclusive de identidade para todo o povo.

Não se buscou maior conhecimento da amplitude ecumênica nas paróquias e Igrejas contidas no território, e percebe-se que estas acontecem particularmente, cada paróquia e/ou cidade organiza a sua práxis ecumênica e são raros os casos, como vimos, de uma participação plena e em conjunto de toda a sociedade.

Conclusão

Essa sensibilidade para o ecumenismo deve estar presente especialmente nos sacerdotes, que são pastores. Daí que a Igreja pede que os futuros sacerdotes sejam formados no contexto da caridade que exige o ecumenismo, buscando a verdade e evitando a polêmica.

Neste sentido, aparece com especial importância a SOUC⁴⁰, que deveria ser vivida fervorosamente pelos distintos grupos de cristãos. Deveria ser um momento intenso nas paróquias católicas e nas Dioceses, pois como

⁴⁰ Ibidem 4

diz o Documento de Aparecida: “às vezes esquecemos que a unidade é, antes de tudo, um dom do Espírito Santo, e oramos pouco por essa intenção⁴¹”.

Avanços no diálogo doutrinal permitem hoje as Igrejas afirmarem juntas, mesmo se com linguagens próprias, elementos centrais da fé cristã relativos aos sacramentos, às estruturas eclesíásticas, ao vínculo entre escrituras e tradição, à espiritualidade cristã, à missão etc. Mas ainda persistem divergências doutrinárias entre as Igrejas, mas há o reconhecimento de um patrimônio comum, ainda que esse patrimônio tenha expressões diferentes nas teologias de cada tradição eclesial.

Portanto, buscou-se, nesse trabalho, uma visão ampla da questão ecumênica da região de Ponta Grossa, junto as diversas tradições cristãs, através da participação efetiva dos líderes religiosos, mas até o presente momento, não tivemos retorno do Pastor Diego, representante da Igreja Luterana na Cidade de Ponta Grossa, da Comunidade Bom Pastor, e também a contribuição de Dom Sergio, Bispo da Diocese de Ponta Grossa.

Referencias

PAPA PAULO VI. DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Unitatis Redintegratio*: sobre o ecumenismo. São Paulo: Paulus, 1997.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. Compêndio da Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2005.

CELAM. *Documento de Aparecida*, Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas, 2007

CUNHA, Magali do Nascimento. *Navegando pelas águas do movimento ecumênico: águas instáveis, barco firme*. Simpósio, 2009.

⁴¹ CELAM. *Documento de Aparecida*. nº 230

RIBEIRO, Antonio Carlos. *Ecumenismo: perspectiva eclesiológica. Das grandes rupturas ao debate ecumênico atual*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 9, n. 20, p. 127-152, jan/mar. 2011 - ISSN: 2175-5841.

SANTA ANA, Julio. *Ecumenismo e Libertação. Ecumenismo e Libertação: reflexão sobre a relação entre unidade cristã e o Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1987.

Ecumenismo na diocese de Ponta Grossa, a partir de uma visão católica e luterana

*Felipe Lucas Mendes*¹

Introdução

Durante muitos séculos, o Cristianismo foi uma religião unida em si mesma. Não havia nenhuma expressão que quisesse ferir com a unidade. No entanto, a partir do século XI, um conflito entre o Patriarca de Constantinopla, de origem grega, e o Bispo de Roma, de origem latina, causou o assim chamado Cisma do Oriente no ano de 1054. Esse Cisma repercutiu no surgimento de duas Igrejas separadas: a Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Grega Ortodoxa. A Igreja Católica Apostólica Romana usa o latim como língua oficial e segue a autoridade do Bispo de Roma. A Igreja Grega Ortodoxa segue a autoridade do Patriarca de Constantinopla. Origina-se, a partir desse momento, a terminologia “católicos”, palavra que quer dizer universais, e os ortodoxos, palavra que quer dizer opinião correta. Desde esse período, portanto, existem duas Igrejas Cristãs separadas dentro do Cristianismo.

A partir do século XVI, começam a aparecer os chamados cristãos reformados, ou seja, fiéis das Igrejas históricas (Luterana, Calvinista,

¹ MENDES, Felipe Lucas. Graduando IFITEME - PG. Graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia *Mater Ecclesiae* da Diocese de Ponta Grossa (IFITEME). Graduando em Teologia pelo IFITEME - PG. Artigo de pesquisa apresentado para obtenção de nota final da disciplina de Ecumenismo e Diálogo Inter - religioso do curso de Teologia, do IFITEME - PG em 2019, sob orientação do Prof. Pe. Fernando Bauwelz, CR.

Anglicana, etc.). Desde então, dentro da religião cristã, existem os cristãos reformados, os cristãos ortodoxos e os cristãos católicos.

Posteriormente, surgem as Igrejas pentecostais, que derivam das Igrejas tradicionais. E mais tarde, ainda, as neopentecostais, conhecidas pela Teologia da Prosperidade.

A Igreja Católica, por meio de um evento marcante chamado Concílio Vaticano II, tentou resgatar a unidade que existia dentro do Cristianismo na sua origem. Esta iniciativa é chamada de Ecumenismo. Por Ecumenismo se entendem as iniciativas e atividades geradas e ordenadas em prol das várias necessidades da Igreja e oportunidades dos tempos, no sentido de melhorar a unidade dos cristãos.

O Concílio Vaticano II trouxe muitas reflexões para a Igreja Católica e uma delas foi a questão do Ecumenismo. Um decreto chamado *Unitatis Redintegratio*² foi elaborado, nesse contexto, para que se pudesse encontrar formas de restaurar a unidade das Igrejas dentro do Cristianismo, através de pontos comuns, sem perder a identidade própria de cada grupo.

A Igreja Católica, em âmbito mundial, refletiu sobre o Ecumenismo e lançou propostas a serem colocadas em prática em cada Igreja Particular, ou seja, em cada Diocese.

Diante disso, fez-se um trabalho de pesquisa *in loco* para perscrutar como se desenvolve a proposta ecumênica da Igreja, na Diocese de Ponta Grossa, a partir de uma entrevista com um representante da Igreja Católica e uma entrevista com um representante da Igreja Luterana.

Ecumenismo em Ponta Grossa a partir de uma visão católica

É preciso ressaltar, antes de tudo, que o texto abaixo é fruto de uma entrevista com Dom Sérgio Arthur Braschi.³

² *Unitatis Redintegratio* (Para a Reintegração da Unidade) é um documento do Concílio Vaticano II, que tem como foco o Ecumenismo.

³ Bispo da Diocese de Ponta Grossa - Paraná, desde o ano de 2003.

Procurou-se nessa oportunidade aprofundar o entendimento de Ecumenismo, bem como tomar conhecimento da práxis ecumênica na região de Ponta Grossa.

“O Ecumenismo é um esforço de diálogo que existe entre as Igrejas cristãs. Existe também o Diálogo Inter-religioso, que diz respeito a outras religiões. O Ecumenismo é, portanto, um diálogo entre cristãos. É um diálogo entre católicos e evangélicos, tanto das Igrejas históricas antigas como também das Igrejas mais recentes, sobretudo as neopentecostais”, destacou Dom Sérgio.

A região de Ponta Grossa é caracterizada por uma predominância da Igreja Católica, segundo as estatísticas do censo do IBGE⁴. O censo de 2000/2001 diz que a porcentagem da Igreja Católica no conjunto da Diocese de Ponta Grossa⁵ é de aproximadamente 78%. Alguns municípios apresentam uma porcentagem maior, como é o caso de Ipiranga. Em Ipiranga, aproximadamente 92% da população se diz católica. Alguns outros municípios têm uma presença católica menor. Na época do censo, Telêmaco Borba era o município que tinha menor presença católica. Cerca de 64% da população se declarava católica e uma grande porcentagem de evangélicos.

Nos últimos anos, no Brasil existe um fenômeno que diz respeito a um aumento da porcentagem de pessoas que se declaram sem religião. Mais ou menos em torno de 10% em nível nacional. Na região de Ponta Grossa, essa porcentagem é menor. No entanto, essa informação não tem tanta relevância, porque a região é predominantemente cristã: católica em grande parte e também evangélica.

A atividade ecumênica na região de Ponta Grossa não é muito intensa. Limita-se apenas a dois momentos durante o ano: Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos e a Campanha Natal Solidário.

A Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, ou Semana de Oração pela Unidade Cristã, como chamam os evangélicos, acontece na

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

⁵ A Diocese de Ponta Grossa é composta de 17 municípios.

semana que antecede o Pentecostes. Essa iniciativa é uma atividade promovida mundialmente pelo Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos e pelo Conselho Mundial das Igrejas⁶, o qual tem sede em Genebra, Suíça. A Igreja Católica também participa desse Conselho. No hemisfério norte, acontece no mês de janeiro e na América Latina acontece antes de Pentecostes. No Brasil, se usa o mesmo texto de discussão, o qual é traduzido e adaptado pelo CONIC⁷. O CONIC, naturalmente, é em âmbito nacional e tem sede em Brasília. Nesse Conselho, existe sempre alguém que representa a Igreja Católica e alguém que representa as Igrejas membro do CONIC⁸ (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil⁹, Igreja Episcopal Anglicana do Brasil¹⁰, Igreja Presbiteriana Unida¹¹, Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia¹² e Igreja Católica Apostólica Romana¹³). A presidência do CONIC, no Brasil, sempre se alterna entre um bispo católico romano e um pastor ou pastora evangélica.

A Campanha de Natal nasceu em 2010, dentro da Igreja Católica. A iniciativa foi do Pe. Agostinho Rutkoski, que procurou Dom Sérgio para explanar essa possível ação. Naquela ocasião, Dom Sérgio e Pe. Agostinho visitaram o *shopping* e os maiores mercados de Ponta Grossa. Depois disso, um grupo ligado ao *Focolares*¹⁴ se prontificou a visitar todo o comércio do centro da cidade levando uma carta de Dom Sérgio a qual pedia que a decoração de Natal tivesse a centralidade na figura de Jesus. Além disso, foi promovido o *slogan* “*Em cada gesto de amor, nasce Jesus: é Natal!*” Reiterando: isso tudo aconteceu por iniciativa da Igreja Católica, e só dentro da Igreja Católica. Teve repercussão também em Irati, mas essencialmente se destacou mais em Ponta Grossa. No ano seguinte, a

⁶ CMI

⁷ Conselho Nacional de Igrejas Cristãs.

⁸ <https://www.conic.org.br/portal/igrejas-membro>. Acesso em 07/05/2019.

⁹ IECLB

¹⁰ IEAB

¹¹ IPU

¹² ISOA

¹³ ICAR

¹⁴ Movimento Eclesial fundado por Chiara Lubich, na Itália, que tem como espiritualidade a unidade.

Igreja Católica quis repetir essa ação. Pediu ajuda à ACIPG¹⁵ para que enviasse a carta de Dom Sérgio a todos os estabelecimentos comerciais. Felizmente, houve uma grande abertura por parte da Associação. A ACIPG, então, sugeriu o contato com a AME¹⁶ para fazer algo em conjunto com os evangélicos. O Pastor Renato estava à frente da AME, e se mostrou muito receptivo à ideia e, assim, criou-se uma grande amizade entre a liderança das instituições. Por meio disso, houve uma segunda Campanha de Natal, em 2011, contando já com a presença dos evangélicos. Foram feitas algumas entrevistas para a televisão e para a rádio, com a participação de Dom Sérgio e Pastor Renato. Até esse momento, a Igreja Luterana ainda não fazia parte dessa campanha. Estava presente apenas a AME. No entanto, nos últimos anos, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e a Igreja Presbiteriana Unida, também passaram a fazer parte dessa campanha.

“O trabalho do Ecumenismo é feito muito mais pelo diálogo, pela amizade, por buscar viver um amor em Cristo. Não é tanto promover reflexões teológicas, como acontece a nível mundial. Na base, é muito mais a estima, o diálogo. É tentar compreender que somos irmãos”, enfatiza Dom Sérgio.

No momento, a Diocese de Ponta Grossa não conta com nenhum padre responsável pelo Ecumenismo. No passado, existiram alguns referenciais nesse campo: Pe. Estanislau Kapucinski e Pe. Sandro José Brandt, antes de iniciar seus estudos em Roma. Atualmente, existe uma comissão diocesana de Ecumenismo chamada Equipe de Motivação do Natal e Assuntos Ecumênicos. A coordenadora é Wagnilda A. Minasi.

O Ecumenismo não visa ser uma só coisa. Jesus, na véspera da Paixão, rezou ao Pai a belíssima Oração Sacerdotal: “Pai, que todos sejam um, como eu e tu somos um”.¹⁷ Jesus rezou pela unidade. Num certo momento do evangelho, Jesus disse: “Tenho ainda outras ovelhas que não são deste

¹⁵ Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Ponta Grossa.

¹⁶ Associação dos Ministros Evangélicos.

¹⁷ Jo 17

redil: devo conduzi-las também; elas ouvirão minha voz; então haverá um só rebanho, um só pastor”.¹⁸ Essa meta escatológica do fim dos tempos existe. Por isso, Dom Sérgio afirmou que é preciso rezar sempre pela unidade.

O esforço ecumênico caminha em duas frentes: diálogo teológico em relação àquilo que nos une e ações concretas de caridade, sobretudo na área social, onde católicos e evangélicos podem trabalhar juntos. O CONIC tem o CESE.¹⁹ A questão do servir une católicos e evangélicos. “Há momentos em que não nos perguntamos se somos católicos ou evangélicos, mas que somos cristãos e temos que socorrer”, afirma Dom Sérgio.

“Devemos testemunhar ao mundo nossa fraternidade. Devemos ser um para que o mundo creia. Se católicos e evangélicos vivem brigando, o testemunho não é crível”, completa Dom Sérgio.

“O Ecumenismo é importante para que os cristãos possam dar ao mundo um testemunho de unidade. Isso não significa renunciar à própria doutrina, agir por um falso irenismo”, sublinha Dom Sérgio. Muitas vezes, existe essa tendência maior da parte dos católicos do que dos evangélicos. Os católicos, geralmente, aceitam gestos que não são permitidos. Um exemplo é a *communicatio in sacris*²⁰. Os católicos podem estar num culto evangélico, participar da liturgia da palavra, mas não devem comungar e não devem também aceitar que não católicos comunhem a Eucaristia, se eles não acreditam no que os católicos acreditam. “À medida que cresce a clareza da fé, podem crescer também os gestos de comunhão. É preciso que isso seja feito com muita seriedade”, alega Dom Sérgio.

O Ecumenismo acontece pelas semelhanças, por elementos que são comuns, como a Palavra de Deus e muitos outros pontos da fé, sobretudo a centralidade de Cristo.

¹⁸ Jo 10,16

¹⁹ Conselho Ecumênico de Serviço.

²⁰ Comunicação nos ritos sagrados.

Dom Sérgio concluiu a entrevista dizendo que o Ecumenismo trouxe, na região de Ponta Grossa, a possibilidade de testemunhar a unidade, sobretudo com a Campanha de Natal, que é sinal disso a toda cidade.

Ecumenismo em Ponta Grossa a partir de uma visão luterana

O texto abaixo decorre de uma oportunidade de encontro com Diego Ernani Biehl²¹, Pastor da Igreja Luterana. Esse encontro foi dirigido por uma entrevista, a qual teve, justamente, como objetivo tomar conhecimento do entendimento de Ecumenismo no mundo luterano. Além disso, buscou-se ouvir desse representante a práxis ecumênica do luteranismo em Ponta Grossa.

Existem dois ramos da Igreja Luterana: Igreja Evangélica Luterana do Brasil²² e Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil²³. A Igreja Evangélica Luterana do Brasil surge da missão americana, e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, surge da missão alemã. Pastor Diego faz parte da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

A IECLB²⁴ é uma Igreja muito aberta, muito ecumênica, que tem participado desde o início dos órgãos ecumênicos como o CONIC²⁵ e outros, talvez porque no passado tenha sofrido muita intolerância religiosa. Substancialmente, entende-se a missão da Igreja Luterana a partir do contexto

²¹ Pastor da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), hoje na comunidade Bom Pastor de Ponta Grossa. Já trabalhou muito próximo do CONIC (Conselho Nacional de Ecumenismo) e do CLAI (Conselho Latino-Americano de Igrejas). No entanto, atualmente não representa nenhum deles. Em Ponta Grossa, existe um grupo de Ecumenismo, o qual o Pastor Diego faz parte. É um grupo bem informal. A Igreja Católica faz parte desse grupo por meio de membros do movimento dos *Focolares*. A tarefa desse grupo é organizar a Campanha de Natal e a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. As conversas via *WhatsApp* são muito frequentes nesse grupo. Os encontros acontecem a partir de agosto e setembro para preparar a Campanha de Natal e a partir de março para pensar na Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos que acontece na semana de Pentecostes. Portanto, as reuniões não são fixas.

²² IELB

²³ IECLB

²⁴ Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

²⁵ Conselho Nacional de Igrejas Cristãs.

da Oração Sacerdotal de Jesus²⁶, quando Ele ora ao Pai pedindo que sejamos um²⁷. A IECLB sempre deu um testemunho de unidade, de busca pela superação das adversidades entre Igrejas.

Pastor Diego pensa que o problema do Cristianismo não é a outra denominação. “O Cristianismo perde membros numa barbaridade talvez porque o nosso falar é um pouco diferente do agir”, enfatizou. Infelizmente, as pessoas, no geral, têm um testemunho muito falho. E o Ecumenismo é a busca por esse testemunho público da unidade, do respeito, da tolerância, de compreender a caminhada, a trajetória, a história do outro. “Amar o outro, mesmo que nós, teologicamente ou dogmaticamente, não concordemos com um ou outro aspecto. Amar aquela pessoa mesmo assim. É isso que nós buscamos”, destacou Pastor Diego.

O Ecumenismo não quer a busca por uma única Igreja, mas quer a busca pelo respeito de uma Igreja pela outra e uma caminhada conjunta, respeitosa. Pastor Diego afirma que “só consegue viver o Ecumenismo quem está muito convicto daquilo que crê”. Para alguém ser ecumênico, é preciso que se conheça muito aquilo que se crê. Decorrente disso, é possível uma abertura ao outro. No entanto, quem não entende o outro não conhece a sua própria fé e, infelizmente, não consegue ser ecumênico. O reflexo disso é a intolerância, o radicalismo. Com a caminhada de abertura em relação ao outro, vem o autoconhecimento, e esse é um dos grandes ganhos do Ecumenismo.

A caminhada ecumênica de Pastor Diego não começou em Ponta Grossa. Ela se iniciou em outra paróquia no norte do estado do Paraná quando ele foi procurado por um padre que estava há muitos anos lá. Ambos fizeram uma amizade muito bonita. O padre contou ao pastor: “Pastor Diego, sabe quando começou o Ecumenismo aqui na nossa cidade, Rolândia?” “Quando?”, questionou. O padre respondeu: “Quando o padre e o pastor, ambos alemães, foram presos no contexto da Segunda Guerra Mundial por falar alemão”. O carcereiro não quis colocá-los junto a outros

²⁶ Jo 17

²⁷ Jo 17,21

presos. Arrumou uma cela para os dois e disse: “Se vocês querem falar de Jesus, fiquem juntos”. Isso nos anos 30 ou 40 aproximadamente, justamente numa época em que católicos e luteranos não se olhavam, não se respeitavam, sequer se cumprimentavam. Pastor Diego se sente herdeiro dessa tradição que lhe ensina que naquela cidade, na adversidade, no contexto de guerra, um padre e um pastor iniciaram uma amizade muito bonita. Depois buscaram um trabalho conjunto num hospital e trabalhos sociais dentro daquela cidade.

Afirma Pastor Diego: “A finalidade da caminhada ecumênica para a cidade de Ponta Grossa acontece numa caminhada respeitosa que a gente faz, da qual surgem trabalhos, propostas. Nós não podemos nos furtar de um passado não tão longínquo em que famílias luteranas e católicas não consentiam o casamento dos filhos e isso muitas vezes terminava num amor rompido ou naquelas histórias de que o rapaz roubava a moça porque o casamento não era admitido, aceito, e isso criava marcas e sequelas por muitos anos. Quando nós temos uma postura respeitosa, nós vamos admitir que um filho, uma filha venha a se casar numa outra tradição que não seja a nossa”. Ele acredita que qualquer pai, qualquer mãe, qualquer família, gostaria que os seus filhos se casassem na sua Igreja, mas a postura ecumênica também os fará minimizar as dificuldades que a intolerância causa.

Na caminhada ecumênica exige-se que se busquem as coisas que aproximam e deixe de lado aquelas que distanciam. O Pastor acha interessante, dentro desse aspecto, o fato de ter, já de muitos anos, a oração do Pai-Nosso e do Credo Apostólico na versão ecumênica. “Quando somos habilidosos no debate, no diálogo, nós aprendemos a buscar na liturgia de uma celebração ecumênica formas de não provocar o outro”, destaca Pastor Diego. “Numa celebração ecumênica não se fala de um dogma da Igreja que pode ser nevrálgico para a outra. Um luterano não fala da doutrina da justificação e, entretentes, um católico não poderá falar de Maria, a menos que seja este o assunto e se queira fazer um debate, mas numa

celebração comum não se fala sobre assuntos que distinguem uns dos outros”, afirmou. Então, para o encaminhamento prático, buscaram-se esses aspectos ecumênicos também para a liturgia. Em última análise, “nós não queremos perder a nossa base confessional”. Pastor Diego reitera que é ecumênico quem se conhece muito bem. Ele, como entusiasta do Ecumenismo, não quer perder a sua base confessional e também não quer que o outro perca. “No caminhar junto com as diferentes tradições nós crescemos”, enfatizou. Ainda, quando se quer assegurar que a salvação está somente em uma Igreja e não na outra, à medida em que se quer assegurar que somente um está correto e o outro não, infelizmente se está subestimando a ação do Espírito Santo. “É o Espírito Santo que cria Igrejas, ou pelo menos que permite que elas surjam”, sublinhou. Nesse sentido, é necessário reconhecer que o sopro do Espírito Santo age em muitos lugares e, devido a isso, surgirão novas Igrejas. O Pastor Diego enfatizou que a uniformidade não serve mais para o ser humano, mas a unidade sim. “Nós não conseguiremos mais fazer a uniformidade dentro da Igreja. Esse é um caminho que não tem mais volta”.

No ano de 2017 a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil²⁸, de Ponta Grossa, organizou os festejos da comemoração dos 500 anos da Reforma Protestante. Contou com a presença de Dom Sérgio e alguns padres. “Foi um gesto muito bonito de caminhada conjunta”, enfatizou o pastor. A liturgia num evento desse formato prestigia uma caminhada ecumênica até porque havia a presença de outras Igrejas.

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e a Igreja Católica promovem duas atividades em comum: Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos²⁹ e a Campanha Natal Solidário.

A Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos é uma iniciativa promovida pelo CONIC e a Campanha de Natal *“Em cada gesto de amor*

²⁸ IECLB

²⁹ SOUC

fraterno, nasce Jesus: é Natal!” conta com a colaboração da AME³⁰. Portanto, além da Igreja Católica, existem atividades em conjunto com outras Igrejas. Pastor Diego afirmou que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil³¹ possui atividades com a Igreja Evangélica Luterana do Brasil³², Igreja irmã.

Na opinião de Pastor Diego, o Ecumenismo existe, e só é possível, porque os cristãos amadureceram na fé. O Espírito Santo está agindo nesse contexto e amadurece as pessoas na fé.

Todavia, para um Ecumenismo mais frutuoso em Ponta Grossa, é necessário haver um envolvimento maior dos membros. Chamam a atenção do Pastor Diego eventos (casamentos, formaturas) onde padre e pastor estão juntos. “Existe uma atividade ecumênica muito bonita nas formaturas”, disse ele. Ponta Grossa é uma cidade que possui muitos cursos universitários. Em geral, há a presença de um padre e de um pastor nos eventos. E as pessoas no final sempre elogiam: “Que bonito ver o padre e o pastor caminhando juntos!” “Que bonito ver vocês dois rompendo com adversidades do passado, com intrigas e coisas do passado!”, lembrou Pastor Diego.

Na prática, Pastor Diego acredita que nós já tenhamos o Ecumenismo nas famílias, nas casas. Ele, ainda como estudante de Teologia, iniciou seu pastorado no Rio Grande do Sul e sabia que, naquela colônia onde vivia, tal família, pelo sobrenome, era católica e tal família, pelo sobrenome, era luterana, e as colônias que tinham maior predominância de luteranos e outras de católicos. Agora não se pode mais dizer isso porque os casamentos aconteceram entre os membros dessas Igrejas e elas se misturaram. Portanto, o Ecumenismo já acontece na prática da vida das famílias. Pastor Diego enfatizou que na sua família até a geração dele não houve nenhum casamento fora da Igreja luterana. No entanto, ele se casou com uma moça de outra Igreja e provavelmente a sua irmã mais nova irá se casar com um

³⁰ Associação dos Ministros Evangélicos.

³¹ IECLB

³² IELB

rapaz da Igreja Católica. “Os casamentos fazem com que o Ecumenismo aconteça na prática dentro dos lares”, destacou Pastor Diego.

“O grande benefício do Ecumenismo para o luteranismo é a correta vivência da Palavra de Deus. Nós crescemos com a tradição do outro; nós crescemos na fé, na esperança, no amor, quando buscamos essa caminhada conjunta, essas atividades”, disse Pastor Diego. Existe um ganho muito grande. Ele, às vezes, brinca dizendo: “no céu não teremos esta ou aquela denominação religiosa. Nós seremos todos do Senhor”. “O Ecumenismo é tentar viver aqui na terra o que nós passaremos na eternidade”, sublinhou.

O Ecumenismo aproxima mais por causa das semelhanças. As diferenças no Ecumenismo são motivo de debate, às vezes. Pastor Diego pensa que a Igreja Luterana e a Igreja Católica conseguem caminhar mais de perto porque ambas possuem uma estrutura litúrgica muito parecida. “Às vezes é difícil caminhar com outras Igrejas que não têm uma estrutura litúrgica definida como a Igreja Luterana tem”, recordou.

Pastor Diego não se vê apenas como entusiasta do Ecumenismo, mas acredita muito nessa iniciativa. “É o que Deus quer de nós nesse tempo. É o nosso *Kairós* agora. É o nosso tempo oportuno de buscar proximidade com as Igrejas. Os cristãos precisam aprender a caminhar juntos, precisam se unir”, concluiu.

Conclusão

O Ecumenismo é uma ferramenta que, dia após dia, precisa ser aprimorada, lapidada. É um caminho inacabado, é um caminho que não tem fim. Na verdade, ele se mostra como um grande desafio, pois exige a conversão do coração. Jesus diz: “com efeito, se amais aos que vos amam, que recompensa tendes?” Assim também é muito mais fácil um católico dialogar com um católico e um evangélico dialogar com um evangélico, pois os pensamentos são afins. No entanto, não é essa a proposta ecumênica. Ela exige ir ao encontro do diferente. E ir ao encontro do diferente, muitas

vezes, é exigente. Por isso, o Ecumenismo procura ir ao encontro do diferente através do diálogo e não da discussão. Esse diálogo não busca o proselitismo, ou seja, “roubar” fiéis de uma Igreja cristã para outra Igreja cristã. Na verdade, busca a unidade. E essa unidade é expressão dos pontos que elas têm em comum, sem desprezar aquilo que é identidade própria de cada Igreja cristã.

Ecumenismo não é só diálogo, mas é também ação conjunta. Diante da humanidade que padece, não existe separação, mas existe unidade entre os cristãos para socorrer aqueles que mais necessitam.

Por isso, buscou-se neste trabalho, através da entrevista com Dom Sérgio e com Pastor Diego, perceber que Ecumenismo é mais do que uma teoria, é uma prática que instiga à vivência do evangelho numa realidade local, neste caso, na diocese de Ponta Grossa, através de atividades em conjunto.

Conclui-se, portanto, que o Ecumenismo é uma realidade possível dentro do Cristianismo. Basta haver o diálogo e o respeito mútuo em relação aos pontos que são contrários, sem esquecer, é claro, de uma práxis conjunta que edifica a humanidade inteira.

Referências

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2011.

BRASCHI, Sérgio Arthur, Bispo. Ecumenismo em Ponta Grossa a partir de uma visão Católica. *Entrevista com o Bispo da Igreja Católica*, 10-04-2019: Ponta Grossa.

CONSELHO NACIONAL de Igrejas Cristãs do Brasil. *Igrejas Membros*. Disponível em: <https://www.conic.org.br/portal/Igrejas-membro>. Acesso em: 07/05/2019.

Diego Ernani Biehl, Pastor. *Ecumenismo em Ponta Grossa a partir de uma visão Luterana*. Entrevista realizada com o Pastor da Igreja Luterana, 26-02-2019: Ponta Grossa.

Algumas questões cristológicas de ecumenismo

*Charles Magalhães Sales*¹

Introdução

Os cristãos buscaram, por séculos, um entendimento comum sobre a verdade revelada por Jesus Cristo. Essa busca, em certos momentos, levou a visões diferentes, que causaram divisões na Igreja de Cristo. Mas, como podem viver desunidos os discípulos daquele que, antes de Sua morte, rogou insistentemente ao Pai pela unidade? A falta do diálogo ecumênico é uma grande chaga no seio do cristianismo. Por esse motivo é necessário que passos sejam dados em direção a uma aproximação maior entre os discípulos de Cristo dispersos pelo mundo todo. Entender um pouco sobre as raízes das divisões é de suma importância para o início de um diálogo ecumênico.

1 A carta magna do ecumenismo

No Evangelho de São João (17, 21-23), o evangelista apresenta, segundo afirma Cambón, a carta magna do ecumenismo. Nela Jesus roga ao Pai pela unidade de todo o gênero humano e da Sua Igreja. Essa oração, carregada de um filial sentimento, quer introduzir a humanidade no mistério da união da Santíssima Trindade.

¹ SALES, Charles Magalhães, Frade Menor Missionário, aluno do 1º ano de Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia *Mater Ecclesiae*. Nasceu em 04 de agosto de 1989 é natural da cidade de São Paulo- SP. E-mail: charlesfilosofia@gmail.com

A fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que me enviaste e os amaste como amaste a mim. (Jo 17, 21-23)

Mesmo não citando diretamente a palavra “cristãos”, pois seus discípulos ainda não eram denominados assim, Jesus reza pela unidade do grupo que mais tarde seria conhecido por esse nome, e que constituiria a Sua Igreja.

Numa análise cristológica é possível concluir que o tema central da oração, contido nos versículos acima citados, é de fato o ecumenismo no seu sentido mais completo. Pois foi o próprio Cristo quem o vislumbrou. A centralidade desse tema pode, também, ser observada no desígnio de Deus para a Igreja e em relação a toda a humanidade.

Conforme Cambón, o termo “ecumenismo” designa a consciência adquirida da importância da unidade e as ações praticadas pelos cristãos a fim de promover a unidade entre si.

Constata-se em todo o Novo Testamento que o plano de Deus para a humanidade é que esta se reconheça e viva como uma só família. O tema da unidade é central no desígnio de Deus sobre a Igreja e a humanidade, é extremamente rico e profundo. (CAMBÓN, 1994, p. 17).

Os primeiros Cristãos captaram a importância de viver a unidade conforme se observa em Atos dos Apóstolos: “a multidão dos cristãos era um só corpo e uma só alma” (At 4,32). Mas, no decorrer de um curto espaço de tempo essa unidade foi se deteriorando, a ponto de haver a necessidade de diversas exortações para que ela não acabasse de vez. Esse fato fica muito evidente em diversas cartas de São Paulo: Eu exorto [...] a serem unânimes no Senhor (Fl 4,2). Tende a mesma estima uns pelos outros (Rm 12,16). Guardai a concórdia uns com os outros, de sorte que não haja divisões entre vós (1 Cor 1,10). Para que eu ouça dizer de vós que estais

firmes num só espírito, lutando juntos com uma só alma, pela fé do Evangelho (Fl 1,27).

É uma grande contradição os discípulos daquele que deu a vida pela unidade viverem separados. Sempre foi urgente o apelo pela unidade, visto que é um desejo de Deus expresso em Cristo, tal como afirma Cambón, “a necessidade da unidade se baseia na própria vida de Deus e em seu plano sobre a Igreja e sobre a humanidade chamada a ser uma só coisa em Cristo”.

Voltando novamente o olhar para a oração sacerdotal de Jesus, realizar a unidade foi a sua razão de vida e morte conforme afirma Cambón. Jesus veio para congregar os povos em um só rebanho tendo Ele como único pastor (Cf. Jo 10, 14-16). A Sua oração quebra a barreira do tempo, a fim de alcançar os fiéis do futuro: aqueles que haveriam de crer por intermédio dos apóstolos e de seus sucessores, cada uma das pessoas que aderiram ao cristianismo no passado recente e no agora.

Jesus pede pelos que hão de crer. Depois de anunciar a nova intenção (v.20), o Cristo ora pela unidade dos cristãos de todos os tempos (v. 21.22b-23), unidade baseada na revelação que ele trouxe (v. 22a). O trecho é paralelo aos v.6-10. (NICCACCI; BATTAGLIA, 1981, p. 233).

O pedido de que todos sejam um (Jo 17,21) aparece por diversas vezes no texto, e demonstra a importância da unidade, além de revelar o tipo de união que Jesus quer. Jesus, ao se revelar como a videira, da qual os cristãos são os ramos (Cf. Jo 15, 5), coloca-se na condição de unificador. Essa união não é simplesmente para estruturar uma religião organizada, mas é uma união que brota da essência do Amor do Pai e do Filho.

Que todos sejam um. Os v.21 e 22b-23 são perfeitamente paralelos. As proposições introduzidas pelo substantivo dependem todas do verbo inicial ("rogo"). - Sejam um: A unidade, já mencionada no v.11, reaparece aqui por cinco vezes. Se se considera que os cristãos devem ser "um só" como o Pai e Jesus pode entrever-se que tipo de unidade é aqui suplicado: unidade na fé, no amor, na comunhão; unidade dos ramos na única videira, dos membros no corpo, antes

de uma unidade meramente exterior, de organização. (NICCACCI; BATTAGLIA, 1981, p. 233)

Unidade na fé, no amor, na comunhão: assim como o Pai e o Filho são um entre si nessas realidades, os cristãos, também, devem procurar se unir por intermédio delas. Mas, no decorrer da história do cristianismo, muitas maneiras de se entender a mensagem de Jesus e até mesmo de se entender a sua pessoa, levaram os cristãos a se dividir. Houve, também, muitas questões políticas que contribuíram para a divisão da Igreja; elas, porém, não serão mencionadas neste trabalho, com a intenção de se manter o foco em questões propriamente cristológicas.

2 Divisão na igreja

A verdadeira Igreja de Cristo está fundamentada na fé do Apóstolo Pedro, como seu principal líder, e na fé dos demais apóstolos. Ela caracteriza-se como uma, santa, católica e apostólica. Há Igrejas cristãs que atendem, por assim dizer, a esses requisitos, mas, que apresentam maneiras diferentes de conceber Cristo e que estão separadas, ou não vivem uma comunhão plena entre si.

O Senhor colocou apenas Pedro como pedra e guarda-chaves da Igreja (Cf. Mt 16,18-19) e o constituiu pastor de todo o seu rebanho (Cf. Jo 21,25ss). Porém o múnus de ligar e desligar, que foi dado a Pedro (Cf. Mt 16,19), consta que também foi dado ao colégio dos Apóstolos, unido ao seu chefe (Cf. Mt 18,18; 28,16-20). (LG 22).

No decreto do concílio Vaticano II, “Unitatis Redintegratio”, uma luz é lançada sobre quais Igrejas professam a Jesus Cristo como Senhor, mas que andam por caminhos diversos e estão separadas da Sé Apostólica Romana. Diga-se de passagem, o decreto “Unitatis Redintegratio” propõe, de maneira clara, o diálogo entre as Igrejas Cristãs, e visa uma prudente ação ecumênica entre elas.

Olhamos para as principais categorias de cisões que afetam a túnica inconsútil de Cristo. As principais divisões sobrevieram do oriente, quer por contestações das fórmulas dogmáticas dos concílios de Éfeso e Calcedônia, quer, em tempo posterior, pela solução da comunhão eclesíastica entre Patriarcados Orientais e a Sé Romana. Depois, após mais de quatro séculos, outras divisões originam-se, no Ocidente, dos acontecimentos em geral conhecidos sob o nome de Reforma. Desde então várias comunhões nacionais ou confessionais se separaram da Sé Romana. (UR 13).

Há, portanto, dois grandes blocos de separação em relação à Sé Apostólica Romana: as Igrejas de tradição oriental e as que surgiram após a Reforma Protestante. O intuito não é o de enumerar todas essas Igrejas, nem descrever em detalhes sua organização. Mas, de maneira geral, pesquisar os principais cismas e abordar algumas questões cristológicas que surgiram na Igreja.

3 Questões cristológicas de base

Considerando a oração sacerdotal de Cristo, que pede a unidade, e o mandato de Cristo a Pedro de ser a pedra principal da Igreja (Mt 16, 18-19), e de conduzir o Seu rebanho (Cf. Jo. 21, 15ss), é possível traçar um entendimento cristológico de base para a reflexão sobre outras questões que fizeram a Igreja se dividir.

Como já exposto na oração sacerdotal, Cristo pede explicitamente a Deus pela unidade do gênero humano e principalmente dos cristãos. Pede isso desejoso de que a humanidade experimente a unidade do amor entre Ele e o Pai. A unidade dos cristãos é algo essencial para a boa vivência do Evangelho e para o seguimento de Cristo. Sem ela a Igreja caminha com passos claudicantes.

Com relação ao primado de Pedro, Jesus faz duas afirmações de capital importância: na primeira, Pedro é constituído como a pedra fundamental da Igreja, aquela que sustentará todo o edifício na unidade. Na segunda afirmação, Cristo revela que a Sua verdadeira Igreja estará

fundada nesse alicerce (Cf. Mt 16,18). Pedro é constituído como um alto funcionário do Reino.²

Jesus faz duas afirmações de capital importância: uma relativa a Pedro, outra à Igreja. Na primeira, Pedro é constituído “pedra” que será o alicerce do novo edifício; na segunda se assegura que esse edifício é a Igreja mesma de Cristo, que as potências da morte jamais poderão derrubar. (LANCELLOTTI, 1980, p. 151)

Já em outro tópico relacionado também ao Evangelho de Mateus (Cf. Mt 16, 18-19), Jesus pede a Pedro que ele apascente o seu rebanho (Cf. Jo 21, 15ss). O fato de ser o pastor do rebanho de Cristo configura o próprio Pedro a Jesus³. Ele deve seguir os caminhos do mestre (Cf. Jo 21, 18-19) dando até mesmo a vida pelas ovelhas. Nesse seguimento existe a dimensão do cuidado em manter unido o rebanho; essa responsabilidade é transferida para os pastores que vieram depois dele, mais propriamente ditos: os papas.

Analisando esses três pontos se evidencia o desejo de Cristo pela unidade. No Evangelho de São João (Cf. Jo 17, 21-23), a unidade significa ser um com o Filho e o Pai, unidade dos ramos na videira que é Cristo. No Evangelho de São Mateus (Cf. Mt 16, 13ss), unidade de uma única Igreja fundada sob a fé do apóstolo Pedro e que se caracteriza como a Igreja do próprio Cristo. E no Evangelho de São João (Cf. Jo. 21, 18-19) unidade de uma Igreja que tem como pastor alguém que conduz o rebanho ao Pastor Supremo, Jesus.

Deus se revelou a nós através de Jesus Cristo. Mas foram necessários séculos de reflexões para se chegar até a concepção de Cristo que temos atualmente. A Igreja Católica é guardiã desse mistério, não só na Eucaristia, mas também através de seus estudos, escritos, sermões, experiência de fiéis, vida de santos, enfim, de sua história.

² Cf. Nota (d) da Bíblia de Jerusalém referente a Mt 16,13

³ Pedro deve continuar para com os crentes o ofício de pastor exercitado pelo Cristo durante o seu ministério; à semelhança do mestre, ele deverá “dar a vida pelas ovelhas” (NICCACI; BATTAGLIA, 1981, p. 269)

4 Quem é cristo?

Para se entender as divisões e lançar uma luz com relação às possibilidades de ecumenismo, é necessário ter um ponto de partida. Esse ponto de partida será a visão do Catecismo da Igreja Católica sobre quem é Jesus Cristo. O símbolo da fé cristã afirma crer em Jesus Cristo, Filho único de Deus; esse símbolo, o creio, é um resumo de toda a fé cristã; por esse motivo se caracteriza como universal.

Jesus é o Filho de Deus, enviado pelo Pai para se fazer presente na história da humanidade a fim de nos salvar e elevar a nossa condição pecadora para a de filhos adotivos de Deus Pai. Dentro dessa dimensão ele é, por excelência, Supremo Rei, Sacerdote, Profeta e Senhor dos Senhores. Tendo sido concebido pelo poder do Espírito Santo, é Verbo de Deus que se fez carne e habitou entre nós (Cf. Jo 1,14).

Com a Sua encarnação, o Verbo de Deus assumiu também a natureza humana. Com isso, Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem; essa posição a Igreja teve que defender e clarificar durante os primeiros séculos frente às heresias que surgiam.

O acontecimento único e totalmente singular da Encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que ele seja resultado da mescla confusa entre o divino e o humano. Ele se fez verdadeiramente homem permanecendo verdadeiro Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Essa verdade de fé a Igreja teve de defender e clarificar no decurso dos primeiros séculos das heresias que a falsificavam. (CIC, 1993, p. 131)

Em suma, a visão da Igreja Católica Apostólica Romana é a de que, em primeiro lugar, num tempo determinado por Deus, o Verbo, de natureza Divina, se encarnou, assumindo também a natureza humana, sem perder a natureza divina. Portanto, se caracteriza como verdadeiro Deus e verdadeiro homem na unidade de sua pessoa divina. Por esse motivo, Ele é o único mediador entre Deus e os homens.

Cristo tem vontade e inteligência humana em concordância com a vontade e inteligência divina. A encarnação é o mistério da união entre o divino e o humano na pessoa de Cristo. A profundidade desse tema mereceria muitas outras páginas, mas, por enquanto basta saber que, ao longo dos séculos, a Igreja Católica adquiriu conhecimentos sólidos sobre o assunto e vem transmitindo esses conhecimentos desde então. Muitas opiniões sobre quem é Cristo e sua natureza resultaram em concílios e outras causaram divisões. É importante conhecê-las para se compreender melhor o ecumenismo e as possibilidades de diálogo.

5 Ramos da mesma videira

Jesus Cristo nasceu em um ambiente sociocultural judaico, durante o império romano. Lá conquistou muitos discípulos e constituiu apóstolos para conduzir os seus seguidores. A Igreja, até então em estado embrionário, era unida diretamente ao seu Mestre como os ramos na videira.

Jesus, o Nazareno “que foi um profeta poderoso em obra e palavra, diante de Deus e diante de todo o povo” (Lc 24,19), surgiu no ambiente sociocultural do mundo judaico na Palestina no início do Império Romano e iniciou a sua missão na Galileia “e sua fama espalhou-se por toda a região circunvizinha” (Lc 4,14), e nessa região Ele chamou os primeiros discípulos e constituiu a primeira “comunidade” (Mt 10,2) cristã; e a mesma tornou-se realidade histórica quando os discípulos reunidos em Jerusalém (At 2,1) receberam o Espírito Santo (Pentecostes ano 30). Assim o Pentecostes passou a ser a data de nascimento da primeira “comunidade cristã” em Jerusalém, que se tornou a “cidade mãe” de todos os cristãos; (KHATLAB, 2006, p. 15)

Depois de um certo tempo foi necessário formar várias comunidades que eram denominadas “assembleias⁴”. Essas assembleias eram assistidas pelos próprios apóstolos e se tinha a consciência da unidade entre elas e Cristo.

⁴ At 7,38 Assembleia, em grego “Ekklesia”, de onde temos a palavra em língua latina: “Ecclesia”, em Português “Igreja”. (Cf, KHATLAB, 2006, p.15)

Com o aumento dos discípulos de Cristo (At 6,1), os apóstolos de Jesus tomaram a consciência da necessidade de uma entidade original, formando, assim, comunidades que passaram a ser designadas nos Atos dos Apóstolos com o nome de “Assembleia”. E as primeiras assembleias conhecidas foram as de Jerusalém, de Antioquia (At 14,27), de Cesaréia (18,22)...., e todas tinham consciência que elas formavam uma única assembleia “em um só coração e uma só alma” (At 4,32); e os apóstolos foram repartidos e enviados para as regiões de influência: região dos Partos, Ásia, Scintia, etc.: chegando até do outro lado do Tigre, onde provavelmente já conheciam a mensagem de Jesus, pois alguns deles estavam presentes entre os povos no dia de Pentecostes em Jerusalém- “Partos, Medos e Elamitas, habitantes da Mesopotâmia”... (At 2,9). Assim surgiram as primeiras comunidades cristãs do império Romano e à luz do Espírito Santo, tomavam consciência de sua plenitude cósmica (Ef 1,23), em propagar a Boa Nova. E aos poucos o Evangelho foi levado até as tendas no fundo do deserto, aos nômades de tribos árabes no interior da Síria, da Mesopotâmia e da Arábia propriamente dita. (KHATLAB, 2006, p.16)

O heroísmo dos primeiros cristãos ajudou a Igreja a crescer e se difundir; havia nela um forte senso de unidade às comunidades, mas, conforme atesta Khatlab (Cf, 2006), foram se envolvendo nos costumes próprios de suas regiões, entre os séculos II, III e IV e a partir daí surgiram diversos ritos particulares, e se organizaram em “Sés”, que eram chamadas de patriarcados.

Os maiores patriarcados do Oriente, nessa época, eram os de Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém. Os ritos particulares dessas “Sés” acabaram por suprimir alguns dos ritos individuais menores. Três grandes ritos surgiram dessas “sés”: o de Constantinopla ou Bizantino, o de Antioquia e Jerusalém e o de Alexandria.

As Igrejas eram unidas numa mesma fé, mas, preservavam o seu patrimônio histórico-cultural através dos ritos particulares de cada patriarcado; ou, no caso dos poucos ritos particulares menores que resistiram à supressão dos maiores, eram preservados os ritos próprios da região.

Portanto, as Igrejas Orientais locais, fundadas pelos Apóstolos e seus sucessores, são unidas entre elas em uma mesma fé, mas diferentes em seus “Ritos”, que é um elemento constitutivo de uma comunidade em torno de uma liturgia, em que são manifestados os patrimônios teológicos, espirituais... de um povo, dentro do seu ambiente sócio-religioso-cultural. (KHATLAB, 2006, p. 21)

Cada Igreja tinha a sua jurisdição própria que era determinada, de certa forma, pelos ritos particulares. Cada Igreja, a seu modo, nutria o grande corpo eclesialístico de toda a Igreja Universal fundada nos Apóstolos, sobretudo na figura de Pedro.

Com o passar do tempo ocorreu um evento que abalou a estrutura dessa unidade. Esse evento separou a Igreja em oriental e ocidental, e acabou por abalar as estruturas cristológicas também, ou seja, muitas das reflexões sobre a pessoa de Cristo foram colocadas em discussão. Nessa época surgiram vários pontos de vista diferentes sobre a pessoa de Cristo.

6 A cisão da igreja entre o oriente e o ocidente

Segundo Khatlab (Cf, 2006), uma série de fatores políticos contribuíram para a divisão da Igreja ⁵em Oriente (Constantinopla) e Ocidente (Roma). Essa cisão está baseada na divisão do antigo império romano iniciada por Diocleciano, em 284-305 e levada a termo por Arcádio, no Oriente, em 395-408, e Honório, no Ocidente, em 395-423.

No ano 800 Carlos Magno estabeleceu um império separado e rival no Ocidente, tornando permanente a divisão entre Oriente e Ocidente. Assim, as Igrejas do Ocidente ficaram associadas à Roma e as do Oriente associadas à capital do império oriental, Constantinopla ou Bizâncio. (KHATLAB, 2006, p. 23)

Não se pode esquecer, porém, dos fatores religiosos e consequentemente cristológicos da cisão. Quando Constantino transferiu o governo para Bizâncio havia cinco patriarcados, que viviam em unidade. A Igreja

⁵ As divisões ferem a Cristo pois vão de encontro à proposta da unidade do Corpo de Cristo (Cf 1 Cor 12, 26).

era administrada no Ocidente por Roma e no Oriente por Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém. A Igreja viveu vários séculos em unidade. Após o “Edito de Milão” (313) surgiu uma das primeiras grandes heresias cristológicas que minou a unidade da Igreja.

A primeira grande heresia relacionada a Cristo, segundo Khatlab (Cf, 2006) foi difundida por Ário, sacerdote de Alexandria (Egito); ela ensinava que Deus é um e não engendra, e que o Verbo, seu intermediário com o gênero humano, foi criado sem o Ser Eterno.

O Arianismo não conseguiu muitos adeptos, mas serviu de base para outras heresias e deixou traços na religião Islâmica, que professa a Cristo como um grande profeta e não como Deus. O Arianismo foi condenado pelo concílio de Nicéia (325).

Houve, no entanto muitas discussões sobre o assunto, e no século V surgiram duas escolas teológicas divergentes: a de Antioquia que defendeu as duas naturezas de Cristo, e a escola de Alexandria que assimilava completamente a unidade de Deus e do homem em Cristo. Surgiu, então, o Nestorianismo.

Nestório era um arcebispo árabe de Constantinopla, nascido em Germanicia, atual Marach; de origem persa, passou anos estudando nas margens do Oriente (Mesopotâmia) e terminou por ser um discípulo da Escola Teológica de Antioquia. (KHATLAB, 2006, p. 25)

A heresia consistia na afirmação de que Maria não era mãe de Deus e, sim, mãe somente de Cristo, concluindo, assim, que o Filho de Deus e o Filho de Maria não seriam um e o mesmo. Essa heresia foi condenada pelo Concílio de Éfeso em 431.

Vinte anos depois do surgimento do Nestorianismo surgiu a doutrina do Monofisismo, que era uma reação dialética contra o dualismo Nestoriano. O Monofisismo afirmava que a natureza divina de Cristo absorveu completamente a sua natureza humana. Essa heresia foi condenada no Concílio de Calcedônia, em 451, que proclamou Cristo como perfeito em humanidade e em divindade.

Segundo Khatlab (Cf, 2006), essa proclamação causou consequências nefastas: a Igreja se dividiu em duas partes, os Anti-Calcedônios⁶ (monofisistas) e os Calcedônios⁷ (dualistas). Essa divisão ocorreu por questões linguísticas, culturais e políticas. Constantinopla e Roma foram consideradas as guardiãs da ortodoxia (verdadeira fé); os Coptas e os de Antioquia, que aderiram ao monofisismo, ficaram em posição periférica e contra a decisão do Concílio de Calcedônia.

A última grande heresia antes do Cisma Oriental foi a do Monotelismo, ideia do Patriarca de Constantinopla, Sergio (610-638), na tentativa de reconciliar monofisismo herético e o duofisismo católico. Nessa heresia havia a afirmação de que as duas naturezas de Cristo tinham uma única vontade. Ela foi rejeitada no Concílio de Latrão (649) e pelo Concílio de Constantinopla (680-681). Segundo Khatlab (Cf, 2006), o Monotelismo deu origem à comunidade Maronita.

Após uma série de crises entre os séculos VII e XI d.C., aconteceu o grande Cisma Oriental, oficialmente datado de 1054. Houve vários motivos políticos por detrás da divisão: a Igreja foi dividida em dois grandes blocos, o do Oriente e o do Ocidente. Roma e Bizâncio tentavam conviver juntas, mas, segundo Khatlab (Cf, 2006) os patriarcas orientais não suportavam mais o domínio de Roma.

A questão cristológica apontada como motivo principal da grande cisão foi a do “*filioque*”⁸, onde há a afirmação da procedência do Espírito Santo do Pai e do Filho (*filioque*). Essa afirmação foi tida como um acréscimo ao credo por parte dos orientais, que se recusavam a afirmar essa procedência. (A Igreja ficou dividida, a partir de então, em Oriente e Ocidente. Essa divisão perdura até os dias de hoje, mas apesar disso, houve muitas aproximações no sentido de se fazer ecumenismo). Alguns séculos

⁶ Coptas e Etíopes, do Patriarcado de Alexandria, Sírios Jacobitas, do Patriarcado de Antioquia e Armênios, do Patriarcado de Constantinopla. (Cf, KHATLAB, 2006, p. 26)

⁷ A Igreja do Ocidente em geral, os gregos de Bizâncio com seu imperador, os Melquitas do Patriarcado de Antioquia (atualmente os gregos ortodoxos e gregos católicos e os Maronitas). (Cf, KHATLAB, 2006, p. 27)

⁸ A questão do “*filioque*” requer uma posterior pesquisa, mais aprofundada, na área da pneumatologia.

depois, aconteceu mais uma grande divisão, dessa vez no seio da Igreja Romana. Essa divisão ficou conhecida como Reforma Protestante.

7 A reforma protestante⁹

Em 1517 Martinho Lutero, um monge agostiniano, formulou noventa e cinco teses, na sua maioria combatendo os exageros de uma pequena parte da Igreja que cobrava indevidamente por indulgências, enganava o povo, e instituíam a veneração de relíquias, o que era um absurdo para ele. Lutero promoveu, assim, uma “reforma”.

Segundo Rops (Cf, 1996), Martinho Lutero, com suas teses, afirmava a justificação principalmente pela fé e atacava a noção do mérito além de contestar o magistério infalível da Igreja.

Segundo Reale e Antiseri (Cf, 1997), Lutero acreditava que o homem era justificado apenas pela fé, tinha como única fonte de verdade a Escritura e defendia a livre interpretação dela.

Segundo Rops (Cf, 1996), ao fixar suas teses, Martinho Lutero promoveu uma “revolução” que ganhou muitos adeptos. Ele acreditava ser portador da verdade e que detinha o Evangelho do próprio Jesus Cristo. Suas ideias foram difundidas pela Alemanha, e cada vez mais ele ganhava apoio daqueles que não eram favoráveis a Roma. A ruptura foi consumada em 3 de janeiro de 1521 através da bula *Decet Romanum Pontificem*, que declarou a excomunhão de Lutero, que declarava acreditar na unidade através da comunhão eucarística. Mesmo diante dessa afirmação a ruptura foi inevitável. Da Igreja Luterana surgiram inúmeras outras denominações, com ideias inclusive diferentes das ideias luteranas.

⁹ A questão da reforma protestante requer uma pesquisa posterior, mais aprofundada, na área da eclesiologia.

8 Possibilidades de diálogo

Considerando o exposto, pode-se afirmar que o diálogo ecumênico é de suma importância no meio cristão. Cristologicamente falando, os cristãos são todos ramos da mesma videira, que é o Cristo. Enrique Cambón (Cf, 1994) propõe uma “revolução copernicana”, em que Jesus Cristo seria o centro e não as denominações.

No Concílio Vaticano II, o decreto “Unitatis Redintegratio” propôs de maneira mais concreta o ecumenismo, a partir do pensamento de que os cristãos estão unidos pela fé em Cristo.

Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco, a saber, que o Filho Unigênito de Deus foi enviado ao mundo pelo Pai, a fim de que, feito homem, remisse todo o gênero humano e assim o regenerasse e unificasse. (UR 2).

O diálogo proposto no decreto abrange a relação da Igreja Católica Apostólica Romana com as demais denominações, orientais e reformadas, e orienta o olhar para os pontos em comum face aos pontos divergentes.

Considerações finais

Os cristãos são um elo que liga a humanidade a Deus através da pessoa de Jesus Cristo. Devido às limitações humanas a unidade necessária para promover o encontro da humanidade com Deus ficou comprometida. O diálogo ecumênico é necessário para restabelecer essa unidade. A partir do momento em que houver um forte sentimento de pertença ao Corpo de Cristo, independentemente das denominações, os cristãos fortalecerão as suas próprias convicções e contribuirão ainda mais para o desenvolvimento da humanidade promovendo a união entre os povos com respeito e caridade.

Referências

- BELLITTO, Christopher M. *História dos 21 Concílios da Igreja: De Nicéia ao Vaticano II*. Trad.: Claudio Queiroz de Godoy. São Paulo: Loyola, 2010.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição ver. E ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- CAMBÓN, Enrique. *Fazendo Ecumenismo: uma exigência evangélica e uma urgência histórica*. Trad.: Nadjá Palmeira. São Paulo: Cidade Nova, 1994.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição de bolso: São Paulo: Vozes; Loyola, 1993.
- CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *Lumen Gentium*. In: COMPÊNDIO VATICANO II. 1962-1965. Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1969.
- DECRETO *Unitatis Redintegratio*. In: COMPÊNDIO VATICANO II. 1962-1965. Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1969.
- GUEDES, Karlos. Filioque. Disponível em: <<https://pelafecatolica.com/2016/05/14/filioque/>>. Acesso em: 27/04/2019.
- KHATLAB, Roberto. *As Igrejas Orientais: Católicas e Ortodoxas Tradições Vivas*. São Paulo: Ave Maria, 1997.
- LANCELLOTTI, Angelo. *Comentário ao Evangelho de São Mateus*. Trad.: Antonio Angonese. Petrópolis: Vozes, 1980.
- LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. Volume 1
- NICCACCI, Alviero; BATTAGLIA, Oscar. *Comentário ao Evangelho de São João*. Trad.: Pe. Ney Brasil Pereira. Petrópolis: Vozes, 1981.
- ROPS, Daniel. *A Igreja da Renascença e da Reforma*. Trad.: Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 1996.
- SEGALLA, Giuseppe. *Cristologia do Novo Testamento*. Trad.: José Luís Gonzaga do Prado. São Paulo: Loyola, 1992.

Questões eclesiológicas dentro do ecumenismo

*José Barbosa*¹

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo identificar e explicitar as questões eclesiológicas num diálogo a partir da reflexão acerca do ecumenismo religioso. Nessa perspectiva, procurou ainda demonstrar, por meio de uma análise histórica e teológica a sua origem, sua disciplina, sua forma de se relacionar com o mundo, seu papel dentro da história da salvação, o seu relacionamento com a sociedade, as mudanças ocorridas, as crises enfrentadas em suas doutrinas, a relação com outras denominações e sua forma de governo eclesiástico.

O conceito de eclesiologia em grego significa *ekklesia* indicando o ramo da Teologia Cristã que estuda a Doutrina da Igreja, apresentando o projeto oculto no mistério de Deus, estabelecido desde a eternidade e revelado aos homens. Também tem sido tratado como instrumento para obter critérios novos para a unidade da Igreja. Um projeto que marcou ao ser implantado com o anúncio do nascimento de Jesus Cristo.

O tema central deste estudo – as questões eclesiológicas – é o da origem de Igreja que vem a ser para a Eclesiologia, fontal e radical. Fontal porque estuda a fonte original da Igreja, como algo que nos remete ao passado, mas sobretudo porque desta fonte a Igreja continua nascendo sempre, e é, portanto, um tema de suma atualidade em qualquer momento

¹ Diácono permanente e religioso Cavanis.

histórico da Igreja. Radical, porque se refere às raízes e fundações colocadas nos princípios, base a partir de onde a Igreja deve crescer e para onde deve retornar sempre. Acentuando uma ou outra raiz e toda a maneira de entender a Igreja para um determinado rumo, dando lugar assim à eclesiologia profundamente diversa. (VELASCO, 1995).

A Igreja, na *Lumen Gentium*, é descrita como sinal e sacramento de salvação, tornando assim um sinal visível dentro da história da salvação. É a íntima união de Deus e a humanidade.

1 A fundação da igreja

O início da fundação tem seu marco na pessoa do homem Jesus Cristo, que viveu na Palestina, há mais de vinte séculos. E a configuração inicial da Igreja, enquanto *ekklesia*, encontra o centro no Novo Testamento, a partir do qual se verifica a proclamação de Jesus, por seus discípulos, como o filho de Deus. E o Jesus histórico revelou a seus discípulos a consciência de sua intenção de edificar sua Igreja.

O Jesus da fé anunciou a história da salvação à sua Igreja, enquanto comunidade de fé. Mas, com o aparecimento dos conflitos que assaltaram as Igrejas ao longo de seus processos históricos, por disputa da afirmação de autenticidade própria, bem como de afirmação de um *corpus* teológico próprio, surgiram instituições que buscaram empoderamento de um jeito específico e único na forma do anúncio.

Também a associação das Igrejas, em virtude de uma unicidade em Cristo, acabou por gerar campo de luta, que mais negou do que afirmou a fé.

No estudo sobre a Eclesiologia pode-se observar quais são os propósitos de Deus para a Igreja acerca de si própria e quanto ao seu funcionamento e suas preocupações concretas vividas pelo povo no seu dia a dia.

Jesus não foi um visionário que programou um projeto de transformação de seu povo sabendo de antemão que era totalmente irrealizável. Confiando na

realização de seu projeto, Jesus pensa na restauração de Israel como povo em que se encarne e se torne visível o reino de Deus que vem, e não em formar um outro povo à margem do seu. É evidente, na eclesiologia tradicional, que esse ponto é de singular importância, na medida em que serve para justificar como de origem divina a Igreja de qualquer época, inclusive a configuração histórica que a Igreja tenha adquirido num determinado momento histórico (VELASCO, 1995, p. 15).

Conforme escrito no Evangelho segundo Mateus, a Igreja de Cristo nasceu quando Jesus disse a Pedro: “Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” (Cf. Mt 16,18). “A organização da mesma se deu em Pentecoste, a festa das primícias, ou seja, os primeiros frutos colhidos, e nesse dia, estando os discípulos reunidos no cenáculo com Maria, Jesus sopra sobre eles e envia a cada um o Espírito Santo” (Cf. VELASCO, 1995).

De modo que Jesus fundou sua Igreja estruturando-a de uma maneira concreta. Fundou a hierarquia, isto é, criou primeiro o colégio apostólico, o colégio dos doze a quem confiam sua missão e comunicam sua plenitude de poder; que é o poder de dirigir, ensinar e santificar. Fundou a monarquia, a pedra sobre a qual se levanta todo o edifício é Pedro, posto à frente dos doze com primado de jurisdição sobre toda a Igreja. Fundou a permanente duradoura, o que significa, antes de tudo e deve durar para sempre até o fim dos tempos. Fundou-a dotada de um magistério infalível, isto é, de uma forma autoritativa de ensinar sem possibilidade de erro, nas coisas pertinentes à revelação autêntica, para poder ser mestra e salvaguarda da verdade da fé. (VELASCO, 1995, p. 18 e 19).

A partir da memória sobre a passagem de Jesus na terra, percebe-se que convidou muitos para serem os seus seguidores, mas entre eles foram escolhidos doze. Jesus preparou-os para serem os seus discípulos. E com a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos operando mediatamente, edificaram a Igreja, por suas pregações, ensinamentos e organizações. Portanto, Igreja é descrita como sendo sobre o fundamento dos apóstolos.

A Igreja buscou uma nova compreensão sobre sua natureza e missão no mundo, assim como diálogo e abertura para as novas tendências da vida do homem moderno. Para muitos a convocação desse Concílio foi uma surpresa!

Fundamentalmente, três aspectos serviram de base para esta convocação: A vida pastoral da Igreja, uma maneira de compreender o conjunto de fé e uma abertura ao mundo moderno. A Igreja estava enfrentando muitos problemas referentes à moral e à fé e o evolucionismo pedia mais clareza acerca do sentido da criação, do pecado original, da Escritura etc. O homem moderno estava diante de angústias, de tristezas e de questionamentos e a reflexão pastoral veio para responder essas aspirações, como também injetar certo otimismo diante do mundo. (VELASCO, 1995, p. 18).

As preocupações, as tristezas e as angústias com a morte de Jesus reconduziu os discípulos às suas vidas anteriores, mas as alegrias e as esperanças os invadiram em seus corações ao saber que Jesus havia ressuscitado dos mortos. Reassumiram com coragem seus trabalhos em prol do reino de Deus com uma visão básica e decisiva.

Ao Jesus ter passado pela morte e ressurreição, deparamo-nos aqui com algo totalmente novo e imprevisto, que é ao mesmo tempo definitivo para a origem da Igreja: o grupo de discípulos de Jesus, disperso pelo escândalo de sua morte, se reúne de novo em virtude de um novo tipo de experiência que, para simplificar, chamamos de experiência pascal. Portanto, a experiência pascal supõe uma revolução na questão de Deus e na questão de Jesus: uma revolução teológica e cristológica. Mas supõe também uma revolução eclesiológica, em que acontece a própria origem da Igreja. (VELASCO, 1995, p. 42-47).

A partir do Concílio Vaticano II, a relação entre a Igreja católica e as demais Igrejas e comunidades eclesiais mudou. Uma nova época se iniciou. Antes do Vaticano II a Igreja Católica não participou oficialmente do movimento ecumênico, mas teve uma visão própria do ecumenismo: a do “retorno” a Roma:

O ecumenismo, um convite para a busca da unidade das Igrejas cristãs. Pois o questionamento que se instalava era como manter um relacionamento com os protestantes. Tratava-se de uma busca de unidade religiosa com os irmãos separados e não uma unidade institucional. Nesse sentido, o Concílio aplicou doses de esperanças para o ecumenismo. Nem o passo decisivo sobre a origem da Igreja. (De Joan Pavi Back e Gabriella Fallacara p. 291)

Por mais estranha que a palavra possa parecer, à primeira vista, para o público médio, a “eclesiologia” está no centro da vida de todas as comunidades cristãs. As respostas que as questões eclesiológicas obtêm nas Igrejas influenciam a vida cotidiana dos fiéis e definem o rumo da busca pela unidade cristã.

Como muito se pode denotar no exemplo:

Ruth vai com sua amiga Irene à Igreja desta. Ela não pode receber a Ceia do Senhor porque sua Igreja e a de Irene não estão em comunhão. “Estou confusa”, diz ela. “Se compartilhamos um batismo comum em Cristo, por que não podemos receber a comunhão juntas. (BEST, 2005, s/p).

A comunhão entre os Cristãos é realizada mediante a capacidade de compreender na diferença a unidade do Corpo de Cristo, não uma diferença que gera exclusão, mas uma diferença que mostra a beleza das ramificações do Cristianismo.

Esses cristãos talvez não percebam, mas estão fazendo perguntas eclesiológicas sobre o que a Igreja é, e para que ela serve neste mundo. Desta forma simples, a eclesiologia é a visão de uma Igreja acerca de si própria, de como se organiza e como cada Igreja se relaciona com as outras e com o mundo.

A eclesiologia também está relacionada aos limites da Igreja: quais são as crenças, ou comportamentos, que colocam uma pessoa fora da Igreja.

O movimento ecumênico se baseia em convicções eclesiológicas: uma delas é que a unidade das Igrejas em Cristo é maior do que todas as diferenças de crença e todas as tragédias históricas que as dividem. Outras é que Cristo deseja que essa unidade seja visível e efetiva (João 17: 20-21). Sendo assim, sempre que houver divisões entre Igrejas – quando não puderem realizar seus cultos ou tomar comunhão juntas, ou reconhecer os ministérios umas das outras, quando seu testemunho comum e seu serviço no mundo forem prejudicados- devem-se fazer. (BEST, 2005, s/p).

Dentro de um contexto da eclesiologia, a unidade das Igrejas em Cristo é maior do que todas as diferenças de crença e todas as tragédias

históricas, por isso o movimento ecumênico, enquanto desejo de Cristo, é que se estabeleça a unidade e que essa unidade seja visível e efetiva. Sempre que houver divisões entre Igrejas devem-se fazer perguntas eclesiológicas e apresentar respostas igualmente eclesiológicas.

Por isso, na eclesiologia tradicional, ocupou um lugar central e decisivo o texto de Mt 16,18ss: “Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”; completado por outros textos dos Evangelhos (Lc 22, 32; Jo 21, 15-17), em que aparecerá a realização do que em Mateus se diz em forma de promessa.

2 A figura concreta da igreja

A Igreja em sua concretude busca o comprometimento de ações para dar o efetivo testemunho do Reino de Deus.

É evidente, na eclesiologia tradicional, que esse ponto é de singular importância, na medida em que serve para justificar a origem divina da Igreja de qualquer época, inclusive a configuração histórica que tenha adquirido num determinado momento sócio-histórico-cultural. De modo que Jesus fundou sua Igreja estruturando-a de uma maneira concreta.

A Igreja tem ido em busca de uma nova compreensão sobre o seu papel dentro da sociedade e sua missão no mundo, por meio do diálogo e abertura para as novas tendências da vida do homem moderno. Com um novo jeito de enfrentar os muitos problemas que vem envolvendo a moral, a fé, as angústias e as tristezas, procurando assim injetar um novo otimismo diante dos obstáculos da nova sociedade.

Contudo, infere-se a necessidade de a Igreja se posicionar como aquela que proporciona a unidade conciliar de Igrejas. Nessa unidade, cada Igreja, em comunhão com outras, busca afirmar o testemunho da mesma fé apostólica. Desse modo, intenta-se reconhecer que as outras denominações eclesiais se unem em pertencimento à mesma Igreja de Cristo, sendo essas guiadas pelo Espírito Unificador.

O Vaticano II compreende a Igreja presente no mundo como servidora dele na proclamação da boa-nova da salvação em Jesus Cristo. O Papa Francisco retoma esse ensinamento, lembrando que o mundo todo precisa ser salvo, e por isso a confissão de fé e a ação eclesial têm uma dimensão social que lhes é inerente e precisa ser realizada como contribuição dos cristãos na construção de uma sociedade de paz. (MANZATTO, 2015, s/p).

O surgimento de um modernismo dentro da sociedade provocou uma reação diferente na Igreja, uma insatisfação. E essa insatisfação exigiu que a Igreja, na sua realidade temporal, pudesse se organizar como uma entidade separada do Estado, mas o Estado ainda continuará sendo influenciado pelas questões religiosas cristãs.

A reação da Igreja foi de insatisfação com essa situação, e o seu combate ao modernismo todos conhecemos bem.

Por isso, a renovação espiritual e a reforma concreta da Igreja estão inseparavelmente ligadas. Mas como a crise da Igreja, da qual tanto se fala hoje, se revela, olhando bem, como uma crise de Deus, e como o desafio decisivo que a Igreja tem diante de si é o do secularismo, o que é necessário neste momento é principalmente uma renovação espiritual da Igreja. (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2012, s/p).

Para o Vaticano II (2016), a separação entre Igreja e mundo faz que o mundo evolua tanto na organização social quanto na capacidade técnica, enquanto a Igreja permanece como que em passo medieval, incapaz de acompanhar os avanços vividos pelas sociedades.

A grande empreitada do Concílio Vaticano II foi possibilitar que a Igreja conseguisse dialogar com o mundo e a humanidade que o habita. Mais ainda, que a Igreja se reconhecesse, nas palavras da *Gaudium et Spes*, servidora do mundo, pois não é a Igreja que precisa ser salva, e sim o mundo.

O Concílio Vaticano II possibilitou à Igreja Católica uma nova maneira de reformular sua compreensão eclesiológica. E essa reformulação impulsionou ao reconhecimento de elementos que sustentam a Igreja frente às fronteiras visíveis que à Ela se apresentam.

Vale destacar que a compreensão acerca das questões eclesiológicas, na perspectiva do Ecumenismo, deve conduzir à compreensão de que a comunhão é que deve ser levada em consideração e não a simples associação entre as Igrejas.

3 Maria: personificação eclesiológica do ecumenismo

A figura de Maria toma caráter de patrimônio em comum, sobretudo entre católicos e ortodoxos, alcançando destaque e privilégio.

O Santo Padre Paulo VI, em novo espírito lançado pelas propostas do Concílio Vaticano II, rendeu possibilidades de novos tempos para a Igreja em perspectiva de diálogo ecumênico.

A partir da figura de Maria foi possível uma expressiva releitura e recuperação do papel unificador da missão e do comprometimento com o anúncio do Reino. Assim, ao ser recuperada em dimensão bíblica, a figura de Maria se torna fundamental para as propostas de diálogo ecumênico, uma vez que também é considerada em tradições religiosas que a estimam e a consideram imagem de unicidade.

A reflexão eclesiológica e ecumênica sobre a figura de Maria teve continuidade efetiva ao longo da história da Igreja. Contudo, vislumbrou certa estagnação no que se tratava de diálogo ecumênico, isto devido a novas necessidades surgidas em contexto eclesiológico, no intuito de gerar firme compreensão sobre diversidade das novas posturas teológicas, de modo que se pudesse alcançar novas possibilidades de identificação dos princípios unificantes da Igreja e de todos os cristãos a partir da veneração de Maria.

Conclusão

Ao finalizar este trabalho nota-se uma melhor compreensão dos temas aqui estudados. A Eclesiologia abordou assuntos de grande relevância

e assim uma maior compreensão e conceitos dos temas estudados sobre a Igreja, na sua totalidade, na sua beleza e na sua santidade.

Assim, fica claro que Jesus é aquele que por seus gestos, atos e palavras funda a Igreja que está assentada na confissão e na fé de Pedro e dos apóstolos. Além disso, a compreensão da grande missão da Igreja é de ser sinal visível do sacramento e presença de Deus no mundo, amparada pela sua presença na história e pelo seu desdobramento como aquela que tem o encargo de continuar o Reino de Deus em todos os tempos.

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica buscou reformular a sua eclesiologia, de modo que pudesse possibilitar o reconhecimento dos elementos que a sustentam frente às fronteiras visíveis que se lhe apresentam. Por isso, intenta-se que as Igrejas prezem pela comunhão uma com outras Igrejas, para a plenitude do anúncio do Reino.

Vale destacar a importância acerca da compreensão de que o princípio norteador das questões eclesiológicas do ecumenismo deve ser a comunhão das Igrejas, e não apenas a simples associação entre elas.

A vida em comunhão eclesial, enquanto vontade de Deus, baliza-se na unidade pós evento pascal – paixão, morte e ressurreição de Cristo. Essa comunhão não é e/ou está exclusiva para um povo, mas sim para que todos os povos pudessem, em união, tornarem-se um só rebanho sob a tutela de um só pastor (Jo 10.16).

Todas as Igrejas são chamadas à continuidade do cumprimento da missão lançada pelo Pai ao seu Filho – o anúncio do Reino a todos os povos.

Considera-se aqui que, em questões eclesiológicas, cada denominação religiosa, enquanto acredita e sustenta a sua especificidade de crença, pode igualmente buscar a aceitação da legitimidade do anúncio também realizado por outras religiões, na intenção de facilitar o encontro entre o divino e o humano.

Aprender a viver em unicidade torna-se uma premissa das comunidades eclesiais, de modo a ser construída por pessoas que buscam o cumprimento do objetivo da vivência conjunta e qualitativa, a partir de uma relação de interdependência.

Viver em comunhão eclesial exige a urgência do reconhecimento da diversidade de proclamação e anúncio do Reino de Deus. Esse reconhecimento assegura a igualdade e a liberdade na manifestação dos esforços, de modo criativo e colaborativo, para com as estruturas de união e reconciliação. Contudo, vale refletir sobre o que se deve evitar, ou seja, a instrumentalização das religiões e comunidades eclesiais.

Referências

BEST, Thomas F. *As Igrejas e a Igreja: por que a eclesiologia é importante?* In: World Council of Churches, 2005. Disponível em: <<https://www.oikoumene.org/pt/news/as-Igrejas-e-a-Igreja-por-que-a-eclesiologia-e-importante>>. Acesso em: 01.jun.2019.

BONATTI, Pe. Mário. *Jesus nos Quer Unidos*. São Paulo, Loyola, 2000.

_____. *Maria Mãe dos Cristãos – A devoção à Mãe de Jesus explicada a católicos e evangélicos com base na Bíblia*. São Paulo, Loyola, 2006.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituições, Decretos e Declarações*. Petrópolis: Vozes, 2016.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *A questão eclesiológica à luz da questão de Deus*. 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/506963-a-questao-eclesiologica-a-luz-da-questao-de-deus->>. Acesso em: 01.jun.2019.

MANZATTO, Antonio. *Igreja em serviço à sociedade*. In: vida pastoral, 2015. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/igreja-em-servico-a-sociedade/>>. Acesso em: 01.jun.2019.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. *A Dimensão Ecumênica na Formação dos que trabalham no Ministério Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1998.

VELASCO, Rufino. *A Igreja de Jesus: Processo histórico da Consciência Eclesial*. Petrópolis: Vozes, 1995

Diálogo inter-religioso fora do cristianismo

*Wellington Henrique Alves Nogueira*¹

Introdução

Neste trabalho acadêmico serão apresentadas as seguintes questões: a primeira é a diferença entre diálogo e ecumenismo. O diálogo está relacionado às crenças de denominações não cristãs, como por exemplo: umbanda, hinduístas, budista etc. Já no ecumenismo é uma forma de diálogo de religiões de denominações cristãs, por exemplo: católica, luterana, os presbiterianos e anglicanos

No segundo ponto será discutido sobre a consciência da humanidade no diálogo inter-religioso e se, antes de tudo, existe uma disponibilidade interior de abertura ao conhecimento. Ele vem implicar atenção, acolhida e respeito mútuo, no qual se reconhece um espaço para identidade pessoal; portanto, a humanidade vê a necessidade de se conscientizar para que esse diálogo possa criar mais vínculo.

1 Ecumenismo e diálogo inter-religioso

Quando falamos de ecumenismo nós estamos no campo do diálogo com as denominações cristãs. No entanto, aí vem uma pergunta: o que é

¹ NOGUEIRA, Wellington Henrique Alves- Frei. Graduando IFITEME- PG. Graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia Santo Tomás de Vila Nova Na Ordem dos Agostinianos Descalços Ourinhos (IFIST). Graduando em Teologia pelo IFITEME- PG. Artigo de pesquisa apresentado para obtenção de nota final na disciplina de Ecumenismo e Diálogo inter-religioso do curso de Teologia, do IFITEME- PG em 2019, sobre a Orientação do Prof. Pe. Fernando Bauwelz, CR.

um cristão para a Igreja católica? É todo aquele que tem o batismo trinitário e que acredita que Jesus é o Senhor e Deus. Sendo assim, pode-se ser considerado como um participante do diálogo ecumênico.

Mas, inclusive quando se fala de diálogo inter-religioso, pode-se considerar que está falando de outras denominações de credos, crenças e inclusive denominações não cristãs que não acreditam que Jesus é Deus e Senhor e não tem batismo trinitário. Essa é basicamente a diferença.

Algumas denominações cristãs, entretanto, mantêm-se em contato, como por exemplo os batistas, os presbiterianos, os assembleianos, os luteranos e os anglicanos. Tudo isso em diálogo, principalmente com a Igreja irmã Ortodoxa, que, por sua vez, está presente com seus ritos antioquenos (Russo e Grego). Essas denominações mantêm um diálogo mais próximo com a Igreja irmã. Tanto que a Igreja ortodoxa é a Igreja de Cristo no Oriente.

Mas, quando se fala em diálogo inter-religioso, principalmente aqui no Brasil, refere-se especialmente aos judeus que têm em comum a torá, pela qual Deus se revelou nos primórdios. Há também um diálogo em comum com mulçumanos e os de denominações de culto afro como: umbanda, candomblé e espiritismo. Há, portanto, a necessidade de estar sempre abertos para a compreensão e também para o conhecimento mútuo.

Contudo, o diálogo inter-religioso tem alguns riscos que pertencem apenas às denominações supostamente especialistas no diálogo, uma situação dos acadêmicos muçulmanos, cristãos ou judeus. Eles entendem muito bem que os fundamentalistas de cada religião pensam ser o caminho a partir da própria experiência pessoal, a qual foi uma grande escola de aprendizado, com um olhar mais amplo para o mundo e também na perspectiva do outro.

É interessante notar que o diálogo inter-religioso na atualidade muda constantemente, tanto que é impossível identificar suas características por causa de suas expressões religiosas tradicionais que “buscam afirmar o status que o sócio religioso, por correntes de espiritualidade autônomas

independentes, abre fronteiras nas instituições religiosas especialistas” (Wolff, p.73, 2018). Portanto, a espiritualidade religiosa é também uma espiritualidade secular, tanto que as religiosidades de tom abstrato são uma expressão da fé militante de cultos que vêm a resultar em uma relação com o divino.

Entretanto, há uma orientação religiosa que vem oferecer uma grande segurança espiritual, afirmando ser preciso triunfar a qualquer preço e proposta que pode ajudar a colher as situações de limites. Enfim, em nosso tempo, há religiões e espiritualidades para todos os gostos, que vem a ocupar espaço na literatura, na arte, na ciência e no esporte com a influência da diversidade de pessoas; portanto, a vitalidade humana é, em última instância, a equivalência da sua religiosidade (Cf. Wolff, pp.73- 74, 2018).

É interessante demonstrar que as “expressões religiosas mostram que a religião não é um conceito unívoco; a dificuldade de sua aplicação nos diversos grupos religiosos e correntes espirituais mostram a complexibilidade dos diversos grupos semânticos no qual ele é entendido” (Wolff, p.74, 2018). Antes, as outras religiões eram difíceis de serem compreendidas por que eram consideradas pagãs por não terem ligação com Deus, mas com os deuses pagãos.

No entanto, na atualidade, não se pode negar que a religião tem diversas formas de expressões como: a hindu, a budista, a indígena e a afro, que ganham expressões atualizadas nas diferentes correntes de espiritualidade contemporâneas, mas a religiosidade vem a ser um fato antropológico, e mesmo que certas pessoas que não tenham conhecimento de nenhuma religião, há elementos da transcendência em sua vida na forma de espiritualização secular (Cf. Wolff, p. 74, 2018).

O conceito de religião para Wolff vem a ser um tanto vago porque tudo abrange e nada se identifica, mas tal fluidez é uma das características do pluralismo religioso e espiritual atual. Toda via, mesmo sem concordar com as expressões religiosas e espirituais hodiernas, é preciso admitir uma

grande influência significativa na vida da maior parte da população mundial contradizendo as teses do fim da religião no mundo (Cf. Wolff, p.75, 2018).

Também, é importante observar que a diversidade das experiências religiosas apresenta uma grande possibilidade de encontro e enriquecimento e amplitude dos universos, vista de uma realidade, que por outro lado mostra um caráter fragmentado e ambíguo das religiosidades contemporâneas, que, por sua vez, vem oscilar entre os polos da transcendência e da imanência do humano e do divino, do secular e do religioso, que vem trazer para as pessoas ávidas a vivência espiritual que vem a ser significativa e que é capaz de dar sentido a situações nas quais se encontra um mínimo de integração da realidade fragmentada que oferece uma consistência mais vivida (Cf. Wolff, p.75, 2018).

Segundo Wolff, “as correntes de espiritualidades modernas parecem melhor satisfazer suas necessidades do que as religiões tradicionais” (Wolff, p.75, 2018). Perante as novas espiritualidades as religiões mais antigas vêm se manifestar em um perplexo questionamento de suas referências mais sólidas e realistas que são apresentadas.

Mas, antes de apresentar uma postura de julgamento, não se pode constatar as necessárias dificuldades e limites na natureza da experiência religiosa proposta em uma compreensão do objeto em último ser, que busca a religiosidade com seus meios. Algumas, “ao mesmo tempo que expressam a busca da transcendência, na verdade não rompem a busca das estruturas simbólicas imanentes de compreensão material da vida e dos seus significados” (Wolff, p.76, 2018). Portanto, tais tradições religiosas espirituais criam estruturas que separam e dividem, geram violência, centralizando a proposta religiosa e espiritual que são propagadas através do diálogo inter-religioso.

Conclui-se, que o diálogo inter-religioso expressa uma grande partilha de vida que se dá através das experiências e do conhecimento. Tal diálogo acontece entre pessoas que estão enraizadas e comprometidas

com sua fé específica, mas igualmente disponíveis ao aprendizado da diferença religiosa.

2 A consciência da humanidade sobre o diálogo inter- religioso

O diálogo inter-religioso antes de tudo existe na disponibilidade interior da abertura do conhecimento. Ele vem implicar atenção, acolhida e respeito ao outro, e vem reconhecer um espaço para sua identidade pessoal, para as suas expressões de valores tanto que Dias vem afirmar que “a maior resistência ao diálogo advém de pessoas ou grupos animados pela autossuficiência, pela arrogância e pela *hybris* totalitária” (DIAS, p. 141, 2008).

O que cria um obstáculo no diálogo inter-religioso é a superioridade, que pode ser superada com uma experiência fundamental da humildade, que, por sua vez, tem como experiência o diálogo e uma consciência de limites. A percepção da presença de um mistério. O diálogo envolve o discernimento da vulnerabilidade e da continência, que começam a ocorrer quando se é capaz de reconhecer seus próprios limites, quando se vem resolver uma atitude de acolhimento e abertura que se deixa transformar pelo encontro (Cf. Dias, p. 142, 2008).

No entanto, os próprios interlocutores criam um espaço para o diálogo, mas isso pressupõe uma escuta, que pode ocorrer quando é precedido por um exercício pessoal de esvaziamento de si, portanto, segundo Dias “a experiência da humanidade acontece quando o apego excessivo, vem superando o seu sujeito vem desafiando a romper as fronteiras de um mundo novo monocromático para comungar novos horizontes” (Dias, p. 142, 2008). Todavia, cada experiência de humildade pode se dar através de um trabalho interior e paciente com a criação e afirmação de espaço livre para a hospitalidade.

Mas, o diálogo inter-religioso só pode acontecer a partir do momento em que se respeitam as ideias e alteridade do interlocutor. É interessante que haja concórdia com a reflexão do teólogo protestante Paul Tillich, o

qual afirma: “devemos reconhecer que o verdadeiro diálogo entre representantes de tradições religiosas distintas só pode ocorrer, de fato, quando se respeita o valor da convicção religiosa do outro e o fato de que ela se funda em uma experiência de revelação” (TILLICH, p. 133, 1968). Portanto, não há uma possibilidade de reduzir o mistério do outro ao domínio particular e à lógica da assimilação.

Todavia, a abertura do diálogo ocorre sempre no seio de um compromisso determinado, de uma tradição referencial. O diálogo vem ganhar riqueza e sustentação quando acompanhado pelo aprofundamento do próprio compromisso identitário. Para um bom diálogo ninguém precisa romper com sua religião, sua própria cultura e herança. Por sua vez, o diálogo autêntico exige amor à sua própria religião onde entra o respeito às identidades pessoais (Cf. DIAS, p. 143, 2008).

3 O choque entre as religiões

Buda, Maomé, Oxalá, Cristo, todos são figuras importantes dentro de alguma grande religião. O Brasil se destaca por ser um dos países com grande miscigenação, que permite a mistura de culturas distintas. Seria isso um empecilho para a intolerância? (Cf. DUPUIS, p. 27, 2004)

A república brasileira é laica desde o final do século XIX; a partir daí se dá um grande choque entre brasileiros, africanos e europeus, que fizeram do país um caldeirão de religiões. Os cidadãos aprenderam desde então a conviver com a influência de outras crenças. No entanto, apesar disso algumas religiões sofrem constantemente com o preconceito. (Cf. DUPUIS, p. 27, 2004)

As religiões de raízes africanas, como a Umbanda, estão com os maiores índices de denúncia sobre intolerância religiosa. A história não favorece a prática dessa religião no meio social. Desde o início do tráfico negreiro, a sociedade colonial discriminava a religião da mão de obra escrava. Essa situação permaneceu mesmo após a abolição, assim como o

grande número de adeptos ao catolicismo, religião oficial do período colonial. (Cf. DUPUIS, p. 27, 2004).

Em suma, apesar da miscigenação brasileira ser grande, o preconceito religioso ainda se perpetua entre os cidadãos. A ampliação da carga horária da matéria sobre história da África e história do Brasil, ministrada nas escolas públicas, aliada às campanhas federais, auxiliaram na aceitação de outras religiões.

Faz parte da natureza do diálogo a busca de uma unidade que preserve e salvide a diferença e a liberdade. O diálogo autêntico traduz um encontro de interlocutores pontuado pela dinâmica da alteridade, do intercâmbio e da reciprocidade. É no processo dialógico que os interlocutores vivem e celebram o reconhecimento de sua individualidade e liberdade, mostrando-se, ao mesmo tempo, disponíveis para o enriquecimento da alteridade. O ser humano, por revelar-se um nó de relações, não pode ser compreendido de forma destacada do outro com o qual se comunica. O diálogo constitui, assim, uma dimensão integral de toda a vida humana. É na relação com o tu que o sujeito constrói e aperfeiçoa a sua identidade. Trata-se de experiência humana fundamental e passagem obrigatória no caminho da autorrealização do indivíduo e da comunidade humana.

No entanto, o que leva em conta no diálogo é a reciprocidade existencial, a dinâmica relacional que envolve a semelhança e a diferença em processo rico de abertura, escuta e enriquecimento mútuos. É nesse contexto dialógico que a identidade vai ganhando fisionomia e sentido, como expressão de incessante, árdua e criativa busca.

O diálogo inter-religioso instaura a comunicação e o relacionamento entre fiéis de tradições religiosas diferentes, envolvendo partilha de vida, experiência e conhecimento. Essa comunicação propicia um clima de abertura, empatia, simpatia e acolhimento, sem preconceitos e suscita compreensão e enriquecimento mútuos, comprometimento comum e partilha da experiência religiosa. Relacionamento inter-religioso ocorre entre fiéis enraizados na própria fé e comprometidos com ela, mas igualmente disponíveis ao aprendizado com a diferença.

Nesse nível mais existencial, partilhar o diálogo é se dispor a entrar em conversação, o que significa viver uma experiência de fronteira. A dinâmica da conversação expressa um lugar inquietante, onde cada interlocutor é provocado a arriscar sua auto compreensão atual diante do desafio que acompanha a alteridade. No processo de encontro dialogal pode ocorrer, seja uma mudança mais radical, seja outra menos acentuada, mas também autêntica, pela qual o que era diferente e distante se torna verdadeiramente possível (Cf, Tracy, p 142-143. 1997).

O diálogo inter-religioso traz a riqueza de um novo aprendizado: a relação com a diferença e com a alteridade significa a “apropriação de outras possibilidades e a “abertura à mútua transformação. Esse desafio dialogal, complexo e laborioso, é imprescindível para as religiões. Na ausência desse intercâmbio criativo, as religiões fragilizam-se, carecendo da atmosfera essencial para a sua afirmação e crescimento.

O teólogo indiano Raimundo Panikkar vem ressaltando, em sua reflexão, a importância essencial do intercâmbio vital entre as religiões, o qual possibilita o encontro da religião consigo mesma. Não há, para ele, como entender a fundo determinada tradição senão mediante a abertura a outros universos religiosos, seu conhecimento e o diálogo com eles. E radicaliza ainda mais: aquele que não conhece senão sua própria religião não a conhece verdadeiramente. É necessário que se conheça ao menos uma outra religião diversa para poder situar em verdade o conhecimento profundo da religião professada. (Cf. PANIKKAR, p. 74. 1998).

Portanto, diálogo requer cortesia espiritual e abertura do coração. Requer igualmente uma espécie de conversão ao universo do outro. Como assinala Panikkar (1998), não se trata de trabalho fácil, mas de processo que pressupõe indispensável estado espiritual de desapego e hospitalidade.

4 Da indiferença ao desprezo

É interessante que diante de várias religiões podem surgir também reações diferentes, como, por exemplo, um jovem indiano que passou da

religião hindu para o cristianismo contava que ele demorou alguns anos antes de entender qual era o significado da celebração eucarística e que quando entrou pela primeira vez em uma Igreja Católica, ele nem notou a presença do sacrifício sobre o altar (Cf. Dupuis, p. 33, 2004)

Mas, o mesmo pode acontecer com um cristão que vai pela primeira vez em uma mesquita, “o grito do muezim do alto do minarete, que convida à oração pode aparecer enjoado, ladainha de frases sem sentido” (Dupuis, p. 33, 2004). Dessa mesma forma pode-se assistir à oração dos muçulmanos com o mesmo espírito com que se visita as pirâmides ou compra em um bazar uma lembrança de viagem.

No entanto, é extremamente fácil passar da curiosidade do turismo para uma atitude indiferente ou até de desprezo. Pode acontecer que pessoas de religiões diferentes vivam um ao lado da outra sem se conhecerem e sem se encontrarem em um campo religioso por causa de uma falta de interesse ou, pior ainda, por causa de uma atitude de desprezo recíproco (Cf. Dupuis, p. 33, 2004). Essa também pode ser uma atitude que pode explicar a divisão que acontece em grandes cidades entre diferentes bairros, por exemplo:

Alguns anos atrás, num lugar perto da cidade de Lyon, na França, moravam imigrantes da Argélia, ciganos e europeus...tratava-se de poucas centenas de pessoas que viviam numa situação quase miserável e que deveriam, por solidariedade, estar unidas de modo que pudessem, através da união e da mesma luta, sair da sua condição de exploração, mas não aconteceu nada disso! Cada grupo vivia rigidamente separado, repleto de ódio e de desprezo um pelos outros (Dupuis, p. 33, 2004)

No entanto, eles estavam prontos para reagir em eventuais ofensas que poderiam receber da parte contrária. Havia uma espécie de trégua precária entre eles, ou seja, sempre pronta a ser rompida para poder desembocar numa luta aberta, tanto que os “franceses desabafam desprezo contra os argelinos, os quais, por sua vez, menosprezam os negros africanos” (Cf. Dupuis, p. 38, 2004).

Esses casos não se manifestam somente em conflitos religiosos, mas também na questão da língua, da cultura e nas tradições históricas: os interesses contrastantes e, às vezes, cor de pele podem gerar conflitos.

Nesse caso a religião é um elemento de contraste e acaba contribuindo no agravamento da separação. Mediante uma atitude, a passagem da “guerra fria para uma situação de menosprezo e de violência pode ser muito rápida e frequente” (Dupuis, p. 38, 2004). Dessa forma, logo que os grupos se tornam mais fortes, começam a dominar os outros e submetê-los à própria vontade; a história é rica de exemplos nesse mesmo sentido.

Só lembrar as condições em que os próprios hebreus viveram ao longo de muitos séculos

obrigados a ser a minoria e dispersos em ambientes cristãos e muçulmanos, eles estavam sempre entregues à vontade do mais forte, o que os levou a se fecharem nos guetos e no isolamento é possível lembrar também a colonização ibérica, em que espanhóis e portugueses, após terem conquistado as novas terras da América do sul, obrigavam as populações locais a receberem o batismo cristão, sem que houvesse nenhuma preocupação em prepará-las para isso, ou então, a seguirem o rápido curso de catecismo que eles teriam dispensado de bom grado (Dupuis, p. 38, 2004).

Nos países muçulmanos, ao contrário, quem pertencia a uma religião diferente era considerado um cidadão de segunda categoria e muitas vezes obrigado a pagar taxas muito mais altas, e sobretudo não podia construir templos de suas denominações religiosas para seu culto. Por sua vez, ficava expressamente proibido qualquer atividade que propagasse a sua crença, mas essa situação não se dá somente na história ela continua a existir até hoje.

Hoje, muitos países não permitem paridade de direitos aos que pertencem às outras denominações religiosas. Exemplo: “nos países comunistas, entre os quais se destaca a China, na verdade o governo discrimina os fiéis de qualquer religião, estimula e patrocina a propaganda do ateísmo nas escolas e em outros ambientes” (Dupuis, p. 38, 2004). Dessa forma, dificulta a propagação a outros cultos religiosos.

Outro exemplo que pode ser dado é o estado de Israel. Nação nascida para dar pátria aos judeus que se dispersaram pelos quatro cantos do mundo e perseguidos ao longo dos séculos, e está repetindo os mesmos erros quando mantêm separados e trata os outros cidadãos palestinos e muçulmanos como uma segunda categoria (Cf. Dupuis, p. 40, 2004).

A lista poderia continuar, tanto que alguns anos atrás fundamentalistas hindus fizeram a proposta em Calcutá, na Índia, de proibir, mediante uma lei, o alcorão, fato que veio a provocar reações violentas nos muçulmanos. “Na Índia, os sikhs sofreram e provocaram massacres para obter mais autonomia; no Irã, a revolução de Khomeini reduziu ao silêncio as minorias políticas e religiosas e perseguiu os bahais” (Dupuis, p. 40, 2004).

5 Do choque à fusão

Pode-se perceber que é impossível viver em paz se a religião for diferente? Não deveria ser impossível viver em paz, se todos tivéssemos a mesma convicção de que estamos unidos pelas mesmas dimensões humanas e pela mesma busca de um mundo melhor.

Mas, na verdade todas as religiões, embora cada uma venham a ser de maneira diferente, “procuramos fazer com que o ser humano seja capaz de melhorar sua qualidade de vida” (Dupuis, p. 40, 2004). Então, por que lutar um contra o outro? Por que não buscar encontrar elementos de união e de concórdia?

Há muitas tentativas de sincretismo que procuram dar resposta a esse grande questionamento. O sincretismo vem tentar dar resposta, mas também não tem a solução para o problema.

Muitas vezes, ao longo da história, houve quem pensasse que a solução dos contrastes religiosos não podia acontecer se não através da mesma soma de uma harmonização dos melhores elementos das várias religiões.

Por exemplo, a Bíblia relata o caso de política de um rei de Israel, chamado Manassés, o qual queria introduzir novos cultos ao lado do Deus

de seu povo: “ele fez entrar no templo sacerdotes das divindades estrangeiras suscitando, evidentemente, a indignidade dos profetas e das pessoas mais religiosas que viam nessa ação um grave perigo para sua fé” (Dupuis, p. 40, 2004). Dessa forma, se dá uma mistura de intolerável verdade com a falsidade da vontade de Deus com o grande desejo de aspiração.

Conclusão

Tendo feito uma pequena exploração sobre o diálogo inter-religioso fora do cristianismo, é interessante ver como muitas vezes, em algumas denominações religiosas, é difícil manter esse contato, porque ainda falta muito respeito nesse sentido, muitas vezes, por motivos irracionais ou até mesmo pela questão da cor da pele; é onde se gera uma falta de diálogo; outros, ainda, alegam a raça superior.

No entanto, em alguns casos já se pode quebrar barreiras. O bom seria se todas as formas de religiões pudessem manter um contato de maior união e favorecimento uma para com as outras, ou até mesmo se cada uma tivesse um pouco de conhecimento da outra, assim não se criaria choque entre elas, mas, como os seres humanos muitas vezes esquecem da existência destas outras ao redor deles, acaba se tornando algo muito desconhecido, e também criando um distanciamento muito grande

E, quando não há conhecimento, acaba-se criando ainda maiores divisões não somente no sentido religioso, mas também no sentido de forma cultural, por isso a grande importância do diálogo inter-religioso entre os povos de várias crenças religiosas e com isso concluo essa pequena reflexão

Referências

DIAS, Mota Faustino Teixeira Zwinglio. *Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso A arte do possível*. Aparecida: Editora Santuário, 2008.

DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as Religiões: do desencontro ao encontro*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PANIKKAR, Raimon. *Entre Dieu et le cosmos*. Paris: Albin Michel, 1998.

TRACY, David. *Pluralidad y ambigüedad*. Madrid: Trotta, 1997.

TILLICH, Paul. *Le christianisme et les religions*. Paris: Aubier, 1968.

WOLFF, Elias. *Igreja em Diálogo*. São Paulo: Paulinas 2018.

Exclusivismo, inclusivismo e pluralismo

*Oswaldo Carlos Katzenwadel*¹

Introdução

Nitidamente, pode-se afirmar que o mundo do século XXI está mergulhado num oceano de problemas que assolam a humanidade dentre os quais, o individualismo; a intolerância ao diferente, principalmente em questões religiosas; os ataques terroristas que amedrontam a humanidade; o aumento crescente da miséria, decorrente das desigualdades sociais; as correntes nacionalistas retomando o cenário mundial, fechando fronteiras e criando bolhas protecionistas; e, ainda, as questões ambientais, de difícil solução, que colocam em risco a existência da vida na “casa comum”.

Nesse cenário, que parece desolador, aos poucos foi crescendo o interesse das religiões pela busca em conjunto de soluções para esses problemas comuns, num processo dialogal de respeito entre elas, reconhecendo a beleza da alteridade, acolhendo o diferente, pois todos são filhos do “Deus Único”. Essa busca está se realizando por meio do diálogo inter-religioso que, ao longo da história, foi sendo construído por meio de posturas diversas, classificadas em exclusivismo, inclusivismo e pluralismo religioso.

¹ KATZENWADEL, Oswaldo Carlos, aluno de Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia *Mater Ecclesiae*. Leigo, esposo da Josálrea katzenwadel. Email: osvaldock@yahoo.com.br

1 Diálogo inter-religioso

Para melhor compreender o tema deste estudo, Diálogo Inter-religioso, exclusivismo, inclusivismo e pluralismo, primeiramente deve-se ter claro o que se entende pelo termo diálogo.

Segundo a enciclopédia livre:²

Diálogo (em grego antigo: διάλογος *diálogos*) é a conversação entre duas ou mais pessoas; costuma-se dizer erroneamente que significa "dois", no entanto significa "passagem, movimento"; assim, diálogo significa a troca de intervenientes, que podem ser dois ou mais. Embora se desenvolva a partir de pontos de vista diferentes, o verdadeiro diálogo supõe um clima de boa vontade e compreensão recíproca.

Complementando, a mesma enciclopédia descreve³ que “Diálogo inter-religioso é a ideia de que as diferentes religiões do mundo devem evitar a busca pela supremacia mundial e, ao invés disso, devem dialogar e se respeitar mutuamente, procurando evitar as guerras com motivação religiosa.”

Para a Igreja Católica, o diálogo pode ser compreendido de várias maneiras, como bem abordado no documento *Diálogo e Anúncio*, editado pelo PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO, que, em seu nº 9, assim se manifesta:⁴

O *diálogo* pode ser compreendido de diversos modos. Em primeiro lugar, em nível puramente humano, significa comunicação recíproca, para alcançar um fim comum ou, em um nível mais profundo, uma comunhão interpessoal. Em segundo lugar, o diálogo pode ser considerado como uma atitude de respeito e de amizade, que penetra, ou deveria penetrar, em todas as atividades que constituem a missão evangelizadora da Igreja. Isso pode ser chamado – com razão – “o espírito do diálogo”. Em terceiro, num contexto de pluralismo religioso, o diálogo significa “o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e

²Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1logo>. Acesso em 30/05/2019.

³Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1logo_inter-religioso. Acesso em 30/05/2019.

⁴ Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interrelg/documents/rc_pc_interrelg_doc_19051991_dialogue-and-proclamatio_po.html, acesso em 30/05/2019.

construtivas, com pessoas e comunidades de outros credos para um conhecimento mútuo e um recíproco enriquecimento" (DM 3), na obediência à verdade e no respeito à liberdade. Isso inclui quer o testemunho quer a descoberta das respectivas convicções religiosas (grifo nosso).

Continuando, esse mesmo documento apresenta as quatro formas de diálogo⁵:

Existem formas diferentes de diálogo inter-religioso. Pode ser útil recordar aqui as mencionadas pelo documento de 1984 do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso (cf. DM 28-35). As formas citadas são quatro, sem que se tenha procurado estabelecer uma ordem de prioridade:

- a) O *diálogo da vida*, onde as pessoas se esforçam por viver num espírito de abertura e de boa vizinhança, compartilhando as suas alegrias e tristezas, os seus problemas e as suas preocupações.
- b) O *diálogo das obras*, onde os cristãos e os outros colaboram em vista do desenvolvimento integral e da libertação da gente.
- c) O *diálogo dos intercâmbios teológicos*, onde os peritos procuram aprofundar a compreensão das suas respectivas heranças religiosas, e apreciar os valores espirituais uns dos outros.
- d) O *diálogo da experiência religiosa*, onde pessoas radicadas nas próprias tradições religiosas compartilham as suas riquezas espirituais, por exemplo, no que se refere à oração e à contemplação, à fé e aos caminhos da busca de Deus e do Absoluto. (DA 42)

Pode-se afirmar, dessa forma, que o diálogo inter-religioso não é simplesmente uma “conversa”, mas um conjunto de relações entre as mais diversas religiões do mundo. Ou seja, as religiões cristãs interagindo com as demais religiões não cristãs, num ambiente de total respeito.

No entanto, para que ocorra esse diálogo, há que se ter uma vontade, um sair de si; ou, melhor dizendo, tem-se que sair da “zona de conforto” e se colocar em missão.

Essa missão exige uma virtude ímpar no trato com o outro, com o diferente⁶:

⁵ Idem

⁶ MATTIELLO, Giovanni, *Diálogo inter-religioso*, p. 23.

O diálogo diante das religiões precisa assumir uma condição de virtude, para que de fato se possa estar diante do outro como um exercício de aprendizado que não implica nem em abandonar suas convicções nem desfavorecer a convicção do outro. Para tanto, diálogo se faz em total relacionamento com as virtudes prudência, justiça, fortaleza e temperança. Dialogar se torna virtude quando nos coloca diante do outro, a partir de um posicionamento que exprima e evidencie nossos bens, como: a prudência, que supõe condições para discernir sobre o bem e os caminhos para atingi-lo conjuntamente; a justiça, a partir da qual se oferece aos outros o que lhes é justo oferecer e, espera-se em reciprocidade, o que nos é possível receber, nada menos ou mais que isso; a fortaleza, que garante a firmeza, constância e clareza de convicções; a temperança, que orienta ao equilíbrio e à sensatez. Sem esses pressupostos que indicam a virtude do diálogo, podemos cair em conversas vazias de conteúdo e propósitos, ou mesmo na incapacidade de respeito mútuo e, consequentemente, na impossibilidade do colóquio.

Nesse trato respeitoso, não se precisa concordar com o outro, mas, principalmente, ouvir; ouvir novamente, se necessário, e, tentar, também, ser ouvido nos pontos de não concordância: “Despertar um diálogo respeitoso, que não significa necessariamente concordância, mas, sim, a possibilidade de ouvir e ser ouvido especialmente em seus desacordos”.⁷

Portanto, há que se assimilar essa nova cultura do diálogo. Precisa-se, com urgência, criar maior simpatia, não só pelas demais religiões, mas, principalmente, pelo “outro diferente”. Pois, muito embora hodiernamente tenham aumentado em muito as relações entre os homens, consequência da virtualidade mundial, o ser humano está cada vez mais individualista, refém da sua própria solidão.

As barreiras voltam, criam-se muros, o homem se encontra “acuado”, com medo, e, para que não fique à mercê da sua própria sorte, necessita com urgência dialogar:⁸

⁷ BEZERRA, Samuel Santos, *op. cit.*, p. 125.

⁸ *Gaudium spes*. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em 30/05/2019.

Entre os principais aspectos do mundo atual conta-se a multiplicação das relações entre os homens, cujo desenvolvimento é muito favorecido pelos progressos técnicos hodiernos. Todavia, o diálogo fraterno entre os homens não se realiza ao nível desses progressos, mas ao nível mais profundo da comunidade de pessoas, a qual exige o mútuo respeito da sua plena dignidade espiritual. A revelação cristã favorece poderosamente esta comunhão entre as pessoas, ao mesmo tempo que nos leva a uma compreensão mais profunda das leis da vida social que o Criador inscreveu na natureza espiritual e moral do homem. (GS 23)

Ainda nessa linha dialogal, o Papa Francisco encoraja seus fiéis, para que, observando os sinais dos tempos, promovam diálogos buscando a unidade da família humana:⁹

Na linha conciliar, o Papa Francisco fortalece a relação da Igreja com o mundo, colhendo os “sinais dos tempos”, as solicitudes para a missão, exercendo a solidariedade e o companheirismo. Ele vai ao encontro das diferenças, acolhendo as riquezas que nelas se apresentam. Promovendo o diálogo ecumênico, inter-religioso e intelectual, buscando a unidade da família humana.

Corroborando esse pensar, Wolff faz importante apontamento no sentido de que a teologia não se pode furtar ao diálogo com as demais religiões, sob pena de se eternizar num monólogo de suas próprias verdades:¹⁰

[...] a teologia não se pode esquivar da necessidade de diálogo com saberes que extrapolam as fronteiras confessionais, exigindo a busca de elementos que possibilitem a sua vinculação com saberes que, mesmo se configurados *ad extra* à comunidade eclesial, situam-se no horizonte *ad intra* da fé cristã. Isso exige reconhecer que o “outro” religioso se manifesta numa diversidade de formas a partir das quais e com as quais apresenta suas exigências para o diálogo. Ele possui uma identidade não apenas definida, mas também autônoma. E o reconhecimento desse fato é um *a priori* a qualquer tentativa de aproximação de diálogo. Sem esse reconhecimento, a alteridade não se apresenta como possibilidade de dia-logos, e a teologia continua seu eterno monó-

⁹ WOLFF, Elias. *Igreja em Diálogo* - Teologia do Papa Francisco, p. 8.

¹⁰ Idem, *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 16-17.

logos: uma determinada Igreja fala consigo mesma, com verdades totalizadas na interioridade absolutizada do imobilismo teológico e doutrinário. Só no horizonte do diálogo é possível o encontro de diferentes saberes acerca do mesmo objeto. Este se torna comum aos que se encontram, mesmo se a sua explicação assume formas diferentes (dia = através; logos = saber). Tal processo acontece pelo encontro de dois ou mais “outros”, cada um manifestando seu saber no horizonte do tempo e da eternidade.

Por fim, o diálogo inter-religioso encontra seu fundamento na própria fé cristã.¹¹

Para a fé cristã o plano salvífico de Deus antecede de certo modo a própria humanidade. De fato, o desígnio de se encarnar e assumir nossa natureza implica o ato criativo e desencadeia o processo histórico que desemboca na atual realidade. Querer se autocomunicar implica a constituição do destinatário desta autocomunicação divina. Desse modo o cristocentrismo da criação faz da humanidade uma só família e apresenta a vocação cristã como uma realidade intrínseca (e, portanto, comum) a todo e qualquer ser humano, independente do conhecimento explícito da mesma. Só na resposta a essa vocação primeira realiza o ser humano a sua salvação. Compete a Deus, e não a nós, conhecer como acontece concretamente essa salvação, sobretudo entre os não cristãos. (GS 22)

Assim, o diálogo inter-religioso surge, não só como uma necessidade de se buscar as “verdadeiras verdades”¹², existentes nas mais diversas religiões, mas, também, como um conjunto de relações inter-religiosas positivas e construtivas, visando o bem comum.

2 Estado laico

Para que o processo dialogal inter-religioso ocorra com mais facilidade e intensidade, faz-se necessário que os povos tenham ao menos certa liberdade religiosa. Portanto, há necessidade de laicidade estatal, ou seja, que o Estado permita as mais diversas religiões em seu território. Ademais,

¹¹ MIRANDA, Mario de França. *Diálogo Inter-religioso e a fé Cristã*, p. 14.

¹² “Verdadeiras Verdades”: Amor, compaixão e igualdade.

não só permita, mas garanta essa liberdade de professar a fé e, por consequência, a boa convivência entre as mais diversas religiões.

Essas orientações foram previstas pelo Concílio Vaticano II, que em 1965 pronunciou-se na Declaração *Dignitates Humanae*:¹³

Este Concílio Vaticano declara que a pessoa humana tem direito à liberdade religiosa. Essa liberdade consiste no seguinte: todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido de proceder segundo a mesma, em privado e em público, só ou associado com outros, dentro dos devidos limites. [...] pertence essencialmente a qualquer autoridade civil tutelar e promover os direitos humanos invioláveis. Deve, por isso, o poder civil assegurar eficazmente, por meio de leis justas e outros meios convenientes, a tutela da liberdade religiosa de todos os cidadãos, e proporcionar condições favoráveis ao desenvolvimento da vida religiosa, de modo que os cidadãos possam realmente exercitar os seus direitos e cumprir os seus deveres, e a própria sociedade beneficie dos bens da justiça e da paz que derivam da fidelidade dos homens a Deus e à Sua santa vontade.

Se, em razão das circunstâncias particulares dos diferentes povos, se atribui a determinado grupo religioso um reconhecimento civil especial na ordem jurídica, é necessário que, ao mesmo tempo, se reconheça e assegure a todos os cidadãos e comunidades religiosas o direito à liberdade em matéria religiosa. Finalmente, a autoridade civil deve tomar providências para que a igualdade jurídica dos cidadãos - a qual também pertence ao bem comum da sociedade nunca seja lesada, clara ou larvadamente, por motivos religiosos, nem entre eles se faça qualquer discriminação. (DH 2,6)

Importa salientar que a legislação pátria recebeu essas orientações, e a liberdade religiosa no Brasil está devidamente tutelada pela Constituição Federal de 1988:¹⁴

¹³ Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html. Acesso em 13/06/2019.

¹⁴ Constituição Federal, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02/06/2019

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:[...] VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias; VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva; VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

Denota-se, portanto, que o texto legal mais importante do Brasil não só autoriza, mas assegura qualquer prática religiosa, determinando a proteção de local de culto, bem como também de suas liturgias. Garante também, que nenhum cidadão no país será privado de seus direitos por questões religiosas.

Direitos que apenas se verificam em Estados laicos:¹⁵

Com o Estado Laico, não significa que o Estado tenha que ser ateu ou antirreligioso, mas que a população seja religiosa e o Estado deve respeitar a fé de seus habitantes.

[...] a falta de liberdade religiosa dificulta a boa convivência entre as religiões e de como a ideia de um Estado confessional constitui certamente uma dificuldade para a paz e a tolerância. [...] a importância da Laicidade do Estado para que não exista [sic] discriminações e perseguições, não importando qual for a crença das pessoas. Com isso o Estado não deve estabelecer vínculos com grupos religiosos, sendo uma exigência que estimule a neutralidade, a igualdade e a não discriminação no funcionamento das instituições básicas.

[...] Laicidade do Estado para um bom convívio entre seus habitantes, de como a liberdade religiosa é importante para manter a separação entre Estado e Igrejas, permitindo assim, que todos possam livremente expressar publicamente sua fé, unindo forças para uma sociedade democrática e não totalitária.

¹⁵ COSTA, Wagner Rodrigo da. *op. cit.*, p. 43, 45.

Situação inversa ocorre nos Estados em que se conhece apenas uma religião, não se podendo, assim, ter outras referências:¹⁶

Quando se nasce numa realidade ou num ambiente monorreligioso homogêneo, isto é, numa só religião, não se conhece outras culturas ou outros campos sociais, mas quando finalmente se penetra na realidade plural, são experimentadas e vivenciadas outras realidades que, até então, não se havia feito de si mesmo.

Assim, para que as pessoas possam livremente expressar sua fé, não basta apenas laicidade estatal, mas, principalmente, a garantia, por lei, da liberdade religiosa, bem como da proteção dos lugares de culto.

3 Diretrizes para um diálogo inter-religioso

Na Igreja Católica, as bases para o diálogo surgiram por ocasião do Concílio Vaticano II, que, já no ano de 1965, editou a *Nostra Aetate* – Declaração do Vaticano II sobre as religiões não cristãs; *Ad gentes* – Decreto do Vaticano II sobre a atividade missionária da Igreja e *Lumen Gentium* – Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje.

No entanto, não se pode olvidar que, em meio ao Concílio ora citado, precisamente no dia 6 de agosto de 1964, o Papa Paulo VI, editou a Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, que já antecipava algumas orientações para toda a Igreja:¹⁷

Não queremos deixar de reconhecer desde já com respeito os valores espirituais e morais das várias confissões religiosas não cristãs; queremos promover e defender, juntamente com elas, os ideais que nos podem ser comuns, no campo da liberdade religiosa, da fraternidade humana, da sã cultura, da beneficência social e da ordem civil. Baseado nesses ideais comuns, o diálogo é possível do nosso lado; e no [*sic*] deixaremos de o propor, sempre que haja de ser bem aceito, num clima de respeito recíproco e leal. (ES 6o)

¹⁶ COSTA, Wagner Rodrigo da. *op. cit.*, p. 46.

¹⁷ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06o81964_ecclesiam.html. Acesso em 11/06/2019.

Devido à importância do assunto, a Igreja editou outros documentos sobre o tema, dentre os quais: o *Diálogo e Missão*, Documento do Secretariado para os não Cristãos, Igreja e as Outras Religiões, de 1984, e o *Diálogo e Anúncio*, Documento do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso da Congregação para a Evangelização dos Povos, de 1991.

Nesse contexto, não se pode esquecer que o Concílio Vaticano II foi o marco da renovação da relação da Igreja Católica com as demais religiões, como bem fica delineado na Declaração *Nostra Aetate*, que já no seu início assim torna público:¹⁸

Hoje, que o gênero humano se torna cada vez mais unido, e aumentam as relações entre os vários povos, a Igreja considera mais atentamente qual a sua relação com as religiões não-cristãs. E, na sua função de fomentar a união e a caridade entre os homens e até entre os povos, considera primeiramente tudo aquilo que os homens têm em comum e os leva à convivência. (NE 1)

Assim, em tese, a questão dialogal entre as religiões passou a ter normas que a tutelam e que também a impulsionam:¹⁹

Como era de se esperar, a Declaração *Nostra Aetate* teve um impacto enorme, dentro e fora da Igreja Católica, até os dias de hoje. O “diálogo” com as demais religiões passou a ter um valor normativo na vida da Igreja e em suas reflexões teológicas.

Dessa forma, em se observando os critérios norteadores anteriormente expostos, pode-se, com o intuito da busca do bem comum, sair em missão dialogal com as demais religiões, tendo em vista os grandes desafios frente às demandas que o mundo exige como clama o decreto *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja:²⁰

Trabalhem e colaborem os cristãos com todos os outros na reta ordenação dos problemas econômicos e sociais. [...]. Além disso, tomem parte nos esforços

¹⁸ Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html. Acesso em 30/05/2019.

¹⁹ BAVARESCO, Agemir e OLIVEIRA, Rogel E. *op. cit.*, p.10.

²⁰ Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em 11/06/2019.

dos povos que, lutando contra a fome, a ignorância e a doença, se afadigam por melhorar as condições de vida e por assegurar a paz no mundo. Nessa atividade prestem os fiéis, com prudência, a sua colaboração efetiva às iniciativas promovidas pelas instituições particulares e públicas, pelos governos, pelos organismos internacionais, pelas diversas comunidades cristãs e religiões não-cristãs. (AG 12)

Continuando nesse diapasão, o documento *Diálogo e Missão* conclama a colaboração dos cristãos para a busca da justiça social, os bens morais, a paz e a liberdade para todos os homens:²¹

Pode ser vastíssimo o campo da colaboração. Referindo-se em particular aos muçulmanos, o Concílio Vaticano II exorta a "esquecer o passado" e a "defender e promover em conjunto a justiça social, os bens morais, a paz e a liberdade para todos os homens" (NA3; cf. AG 11, 15, 21...). No mesmo sentido se pronunciaram Paulo VI, especialmente na *Ecclesiam suam* (AAS 56, 1964, p. 655), e João Paulo II nos numerosos encontros com chefes e representantes das diversas religiões. Os grandes problemas que atormentam a humanidade chamam os cristãos a colaborar com os outros crentes, exatamente em razão da fé de cada um (grifo nosso). (DM 32)

Há que se ter claro que já faz mais de trinta anos que os cristãos foram chamados para essa colaboração, mas muito pouco foi feito. Agora, o tempo urge, não se admite mais ficar apenas na espera da iniciativa do outro. É preciso ação, a “casa comum, chora as suas dores de parto”; o mundo retoma a velha retórica do “nacionalismo”, para resolver apenas os seus “problemas curralescos”. Fronteiras são fechadas, “pontes” são destruídas; esqueceu-se do “SER”²², consequência de uma relativização da dignidade da pessoa humana, cuja situação, em muitos casos, está abaixo da dos animais.

Neste contexto hodierno, as religiões têm papel primordial, como bem expressa o Documento *Diálogo e Anúncio*:²³

²¹ Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19840610_dialogo-missione_po.html. Acesso em 13/06/2019.

²² O homem, criatura, imagem e semelhança de Deus.

²³ Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19840610_dialogo-missione_po.html, acesso em 13/06/2019.

No mundo de hoje, caracterizado pela rapidez das comunicações, pela mobilidade das pessoas, pela interdependência, está-se criando uma nova tomada de consciência sobre o pluralismo religioso. As religiões já não se contentam simplesmente com o fato de existir e de sobreviver. Em alguns casos, manifestam um renovamento propriamente dito. Continuam a inspirar e a influenciar a vida de milhões de adeptos. No atual contexto de pluralismo religioso, não pode ser ignorado o importante papel das tradições religiosas. (DA 4” a”)

Destarte, como inspiradoras e influenciadoras de seus fiéis, as religiões não podem mais ficar inertes, encasteladas apenas em suas crenças. É preciso descer ao “chão da fábrica”, enfrentar juntas os problemas que hoje assolam o planeta, tais como a intolerância religiosa, a questão do clima, o aumento da miséria no mundo, dentre muitos outros.

Assim, com esse intuito de fazer uso do diálogo inter-religioso para a solução dos problemas já elencados, reuniram-se vários teólogos, num encontro internacional, contando com especialistas da Ásia, Europa e Estados Unidos, nos dias 06 a 09 de setembro de 2003. Ao final desse encontro, elencaram alguns princípios para que o diálogo inter-religioso ocorresse num ambiente de harmonia e total respeito:²⁴

Entre 6 a 9 de setembro de 2003, um Encontro Internacional de Teólogos Pluralistas e Estudiosos da Religião reuniu 35 especialistas em religião provindos da Ásia, Europa e Estados Unidos. Nesse encontro, os participantes estabeleceram os princípios para o diálogo inter-religioso, divulgados em uma Nota de Imprensa, no dia 10 de setembro de 2003:^[4]

1. O diálogo e o compromisso inter-religioso devem ser a forma pela qual as religiões se relacionam entre si. Uma necessidade primordial para as religiões é a de curar os antagonismos entre elas.
2. O diálogo deve envolver os urgentes problemas do mundo hoje, incluindo a guerra, a violência, a pobreza, a devastação ambiental, a injustiça de gênero...
3. Reivindicações de verdade absoluta podem ser facilmente exploradas para incitar o ódio e a violência religiosos.

²⁴ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1logo_inter-religioso. Acesso em 30/05/2019.

4. As religiões do mundo afirmam uma realidade/verdade última, que é conceitualizada de formas diferentes.
5. Embora a realidade/verdade última esteja além do alcance da completa compreensão humana, ela encontrou uma expressão em diversas formas nas religiões do mundo.
6. As grandes religiões do mundo, com seus diversos ensinamentos e práticas, constituem caminhos autênticos ao bem supremo.
7. As religiões do mundo compartilham muitos valores essenciais, como o amor, a compaixão, a igualdade, a honestidade e o ideal de tratar os outros como queremos ser tratados.
8. Todas as pessoas têm liberdade de consciência e o direito de escolher sua própria fé.

Assim, todo homem, uma vez confiante nas suas verdades, precisa romper sua bolha *fides*²⁵, (a fé sem obras é morta)²⁶; pondo-se em caminhada conjunta, com o “diferente”, como bem direciona o Papa Francisco, citado por Elias Wolff: “A tônica é saber caminhar juntos, participar, conviver. E isso também com as realidades *ad extra*”²⁷.

Mas a “chamada” para uma caminhada conjunta é uma realidade recente para a Igreja Católica, que só foi possível graças ao já citado Concílio:

28

O retrospecto histórico revela na Igreja Católica uma atitude de condenação em relação às demais religiões, seus membros. O Concílio Vaticano II rompe com essa atitude. O caminho proposto é o diálogo e o da compreensão com as demais religiões, caracterizada pela abertura e pelo amor na acolhida das diferenças na construção do Reino de Deus. O diálogo inter-religioso tornou-se prioridade da Igreja Católica, considerando que as religiões não são mais concorrentes, mas parceiras na construção de uma sociedade mais justa e humana.

Foram necessários mais de quinhentos anos de história, para que a Igreja Católica aceitasse dialogar com as demais religiões, chamando os

²⁵ *FIDES*: do Latim, que remete para uma atitude de fidelidade, fé, lealdade.

²⁶ Tiago 2,26: "Assim como o corpo sem alma está morto, assim também a fé sem obras está morta".

²⁷ WOLFF, Elias. *Igreja em Diálogo* – Teologia do Papa Francisco, p. 8.

²⁸ BOLFE, Fernando Luiz. *op. cit.*, p. 149.

seus fiéis para irem de encontro aos grandes problemas hodiernos, que atormentam a humanidade, colaborando com os demais crentes na construção da nova humanidade:²⁹

O diálogo inter-religioso, além de seu caráter teológico, tem um especial significado na construção da nova humanidade: abre caminhos inéditos de testemunho cristão, promove a liberdade e dignidade dos povos, estimula a colaboração para o bem comum, supera a violência motivada por atitudes religiosas fundamentalistas, educa para a paz e para a convivência cidadã: é um campo de bem-aventuranças que são assumidas pela Doutrina Social da Igreja. (DA 239)

Essa colaboração se realiza, não se esquecendo de que: “Parte-se do princípio, para o diálogo inter-religioso de que todas as religiões possuem verdades, onde não existe competitividade, ao contrário, somente acolhida e oferecimento”³⁰

Paralelamente ao crescimento desse diálogo inter-religioso, iniciou-se uma sistematização sobre o plano salvífico, no sentido de verificar se o projeto da salvação está ou não presente em todas as religiões.

Com o intuito de responder tal questionamento, criaram-se três correntes teológicas: o exclusivismo, o inclusivismo e o pluralismo religioso, que tentam explicar o projeto salvífico de Deus, frente ao diálogo entre as religiões.

3.1 Exclusivismo

A corrente exclusivista se fundamenta no axioma *Extra Ecclesiam nulla salus*, que quer dizer: fora da Igreja não há salvação (diga-se, Igreja Católica). Essa ideia perdurou até o Concílio Vaticano II, servindo como alicerce edificante das muralhas da Igreja Católica, contra as Reformas Protestantes, que ocorriam por volta do século XVI.

²⁹ Documento de Aparecida, 239.

³⁰ FREITAS, Janaina Santos Reus. *op. cit.*, p. 214.

Fica clara essa percepção na afirmação de que:³¹

Para o catolicismo, o exclusivismo sustentou-se no axioma “fora da Igreja não há salvação” – *extre ecclesiam nulla salus* – em que a salvação estaria condicionada ao conhecimento e adesão explícita a Jesus Cristo e à Igreja. Essa concepção tem suas raízes no século III, firmando-se posteriormente em Agostinho, ganhando força e reafirmação da identidade católica, no século XVI, tendo em vista a polêmica em relação às outras religiões e a concretização da Reforma Protestante. Enfim, o exclusivismo funcionou como base e também para salvaguardar a Igreja diante do contexto histórico daquele momento.

Para essa corrente exclusivista, a salvação deve ser entendida como pertença da Igreja Católica e restrita aos fiéis católicos, tendo em vista a sua afirmação, no sentido de ser a única detentora do plano salvífico de Deus, por meio de Jesus Cristo, Filho de Deus encarnado. No entanto, para os exclusivistas protestantes, o que importa é a fé em Jesus Cristo, não se fazendo necessário pertencer à instituição Igreja: “Em sua forma protestante, o exclusivismo talvez não enfatize a pertença à Igreja (visível) como necessária à salvação, mas tradicionalmente defenderá a necessidade da fé explícita em Jesus Cristo para a salvação do indivíduo”.³²

3.2 Inclusivismo

Para a corrente inclusivista, a salvação única, que se perfaz em Jesus Cristo, está presente também nas outras religiões, mesmo que seus fiéis não tenham qualquer conhecimento do plano salvífico cristão.

Tal como deixa bem claro o teólogo J. Dupuis³³:

O *inclusivismo*, por sua vez, ainda que afirme “claramente que Jesus Cristo é a revelação decisiva de Deus e o Salvador constitutivo” de toda a humanidade – sendo, portanto, salvador “único” e “universal”-, por outro lado também deixa “aberto o caminho para um reconhecimento sincero de manifestações

³¹ Ibid, p. 206-207.

³² BAVARESCO, Agemir e OLIVEIRA, Rogel E. *op. cit.*, p. 11.

³³ DUPUIS, Jacques, 1999 *apud* BAVARESCO e OLIVEIRA, *op. cit.*, p.11.

divinas dentro de diferentes culturas da história da humanidade e de eficazes ‘componentes de graça’ dentro das outras tradições religiosas”, aponta Dupuis, com aprovação.

Complementando, pode-se afirmar que³⁴: “[...] segundo o inclusivismo, a salvação ‘universal’ e ‘única’ de Jesus Cristo também opera *através das diferentes religiões*, ainda que seus membros não sejam conscientes disso”.

Essa inclusão das demais religiões cristãs no plano salvífico, agora abarcada pela Igreja Católica, ou seja, “que a salvação se dirige aos fiéis cristãos, mesmo que não professem a fé católica”³⁵, tem previsão na Declaração *Dominus Iesus*:³⁶

Quanto ao *modo* como a graça salvífica de Deus, dada sempre através de Cristo no Espírito e em relação misteriosa com a Igreja, atinge os não cristãos, o Concílio Vaticano II limitou-se a afirmar que Deus a dá « por caminhos só por Ele conhecidos. [...]

Não há dúvida que as diversas tradições religiosas contêm e oferecem elementos de religiosidade, que procedem de Deus,⁸⁵ e que fazem parte de « quanto o Espírito opera no coração dos homens e na história dos povos, nas culturas e religiões ». (DI 12)

Depreende-se, portanto, que “o inclusivismo tem como legado o valor positivo dado às outras religiões”³⁷, concernente ao fato de que a salvação se dirige para todos os fiéis cristãos.

Dentre os inclusivistas, não se pode olvidar de apresentar a expressão raneriana dos “cristãos anônimos”, elaborada pelo teólogo Karl Rahner, ao designar todo ser humano que experimentou a graça de Deus em Cristo, independente de qual seja a sua religião. Essa expressão é descrita por Janaina Freitas³⁸: “Karl Rahner utiliza a expressão “cristãos anônimos” para

³⁴ *Loc. cit.*

³⁵ GOMES, Dorcelina do Carmo Alves. *op. cit.*, p.133.

³⁶ Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html. Acesso em 30/05/2019.

³⁷ FREITAS, Janaina Santos Reus. *op. cit.*, p. 210.

³⁸ *Ibid.*, p. 211.

designar todos aqueles que livremente aceitaram a oferta da auto comunicação de Deus, mediante a fé, a caridade e a esperança.”

Para Rahner, o processo salvífico se realiza pela graça de Deus, unicamente por meio de Cristo, mesmo que o indivíduo não seja portador da fé cristã. Essa salvação se processa pela intercessão de Cristo, ainda que por outras vias extraordinárias, como bem se pronunciou em audiência da Quarta-feira, dia 09 de setembro de 1988, o então Papa João Paulo II³⁹:

Retomando o ensinamento conciliar, desde a primeira Carta Encíclica do meu pontificado, eu quis evocar a antiga doutrina formulada pelos Padres da Igreja, segundo a qual é necessário reconhecer as “sementes do Verbo”, presentes e operantes nas diversas religiões (cf. *Ad gentes*, 11; *Lumen gentium*, 17). Essa doutrina impele-nos a afirmar que, embora por caminhos diferentes, «está, contudo, voltada para uma mesma direção a mais profunda aspiração do espírito humano, tal como ela se exprime na busca de Deus; e conjuntamente na busca, mediante a tensão no sentido de Deus, da plena dimensão da humanidade, ou seja, do sentido pleno da vida humana» (*Redemptor hominis*, 11). As «sementes de verdade», presentes e operantes nas diversas tradições religiosas, são um reflexo do único Verbo de Deus, «que a todo o homem ilumina» (cf. *Jo* 1, 9) e que Se fez carne em Cristo Jesus (cf. *Jo* 1, 14). Elas são ao mesmo tempo «efeito do Espírito da verdade, operante para além dos confins visíveis do Corpo Místico», e que «sopra onde quer» (*Jo* 3, 8) (cf. *Redemptor hominis*, 6 e 12). Tendo presente essa doutrina, a celebração do Jubileu do Ano 2000 «será uma grande ocasião — como se vê pelos acontecimentos destes últimos decênios — para o diálogo inter-religioso» (*Tertio millennio adveniente*, 53). Já desde agora, neste ano pneumatológico, é oportuno que nos detenhamos para aprofundar em que sentido e por que vias o Espírito Santo está presente na busca religiosa da humanidade e nas diversas experiências e tradições que a exprimem.

Nessa mesma linha de pensamento, o teólogo Dupuis afirma que nas outras religiões se encontram também “sementes de verdade e de graça”, borrifadas pelo Verbo Divino, tanto nos povos como nas tradições religiosas:⁴⁰

³⁹ Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences.index.html>. Acesso em 30/05/2019.

⁴⁰ DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as Religiões: Do desencontro ao encontro*, p. 206.

O evento Cristo, por muito presente e realizado de modo inclusivo nos diversos tempos e lugares, não exaure o poder do Verbo de Deus que se fez carne em Jesus Cristo. A operosidade do Verbo ultrapassa os limites que marcam a presença operativa da humanidade até mesmo glorificada de Jesus, como também a pessoa do Verbo ultrapassa o ser humano de Jesus Cristo, apesar da ‘união hipostática’, ou seja, na pessoa. Pode-se descortinar assim de que modo nas demais tradições religiosas do mundo podem estar presentes germens “de verdade e graça” (*Ad gentes* 9) que sirvam, para seus seguidores, de ‘vias’ ou ‘caminhos’ de salvação. Foi o Verbo de Deus que esparziu suas sementes nas tradições religiosas. Nem se deve entender essas sementes apenas como preliminares humanas, dons da natureza, à espera de uma auto manifestação divina a se verificar num futuro indeterminado, mas a título próprio como auto manifestação e autodoação divina, embora inicial e germinal. [...]

Segue-se que as tradições religiosas, nas quais foi codificada a lembrança das experiências com a Verdade divina dos videntes e dos profetas dos povos do mundo, contêm sementes de verdade e de graça semeadas pelo verbo, por meio das quais continuam ativos e operantes o seu poder iluminador e a sua força. O Verbo divino continua ainda a espargir suas sementes no meio dos povos e nas tradições religiosas: verdade revelada e graça salvífica estão presentes neles mediante a sua atividade.

Dessa forma, essas sementes devem ser perquiridas e “que nossa missão como cristão é encontrar as sementes do verbo espalhadas nas outras tradições, bem como seus vestígios em seus textos sagrados e tradições orais”.⁴¹

3.3 Pluralismo

Para o pluralismo religioso, corrente teológica não de menos importância que as anteriores, todas as religiões do mundo são legítimas, válidas, possuindo seu projeto salvífico próprio, que deve ser valorado e respeitado, pois existem outras vias salvíficas, que não a cristã:⁴²

⁴¹ FREITAS, Janaina Santos Reus. *op. cit.*, p. 213.

⁴² BAVARRESCO, Agemir e OLIVEIRA E. Rogel. *op. cit.*, p. 11.

“Já o pluralismo nega a “universalidade” da salvação de Jesus Cristo. Jesus é um caminho de salvação entre outros possíveis, disponibilizados pelas outras religiões. Assim, cada religião tem valor salvífico em si mesma e não em função de sua relação com Jesus Cristo.”

Essa visão pluralista ganhou destaque em 1974 pela Federação das Conferências Episcopais Asiáticas:⁴³

A diversidade religiosa é um dos significativos traços que caracterizam o grande continente asiático. O pluralismo religioso é um dado constitutivo da paisagem asiática, e toca o coração de cada um de seus habitantes. A proximidade com as outras tradições religiosas faz parte do cotidiano dos cristãos que ali habitam, e essa vizinhança tece o modo de viver o cristianismo com uma peculiaridade singular. A riqueza dessa experiência de proximidade e amizade foi bem descrita pelos bispos da Ásia, em sua primeira assembleia plenária, realizada em Taipé (Taiwan) em abril de 1974. Os bispos reconhecem a relevância das diversas tradições religiosas, enquanto „elementos importantes e positivos na economia do plano divino de salvação. 1. Assinalam também o seu respeito e reconhecimento pelos profundos ideais e valores espirituais e éticos que animam tais tradições, traduzindo um valioso „patrimônio de experiência religiosa, de onde os asiáticos tiram força e luz para a sua vida. Em linha de descontinuidade com certa teologia do acabamento, os bispos sublinham que tais tradições não expressam uma simples busca tateante de Deus, mas refletem antes a graciosa iniciativa de Deus que acolhe com alegria a sua presença: é Deus mesmo que atrai para si a nossa gente por meio delas. 2. É Ele, em sua divina hospitalidade, que se coloca em busca das religiões, antes mesmo que elas se inclinem a buscá-lo na história.

Para os pluralistas, como já elencado, o ponto nevrálgico da salvação estaria em Deus e não nas vias e, assim, Jesus Cristo seria apenas mais uma dentre outras:⁴⁴

Nesse modelo a salvação em Jesus Cristo estaria fora da realidade atual, ou seja, a centralidade estaria em Deus. Jesus não seria o mediador da salvação, ele é uma das tantas manifestações generosas de Deus nas diferentes tradições

⁴³ TEIXIERA, Faustino. *Teologia asiática e pluralismo religioso*, p. 194..

⁴⁴ FREITAS, Janaina Santos Reus. *op. cit.*, p. 216.

religiosas. No centro agora está Deus e as diferentes tradições religiosas são estradas que conduzem a Ele, ou seja, o cristianismo é uma delas [...].

Nessa toada, não se pode olvidar que “as religiões não são fórmulas teológicas, elas são formuladas por pessoas dedicadas que, como tal, demandam respeito e atenção”:⁴⁵

As religiões não são teorias: são pessoas crentes, pessoas de carne e osso. E podemos ver o influxo e a transformação que a religião faz em suas vidas, até mesmo sua santidade. Isso nos dá um conhecimento vivencial dessas religiões, muito mais influente que o conhecimento teórico, dado pelos livros, sobre suas doutrinas ou teologias.

Dessa forma, ao se iniciar um diálogo, com a observância do respeito ao próximo, pode-se crescer espiritualmente, sem renunciar às suas verdades:⁴⁶

Não se trata, pois, de “abandonar uma religião e converter-se a outra”, mas tão-somente de a pessoa permanecer, a princípio, na religião original, mas incorporando elementos e dimensões que enriquecerão sua vivência religiosa. Pode haver elementos incompatíveis que exijam uma decisão, porém, esse fato não constitui a regra universal, e sim exceção.

Assim, em pleno século XXI, pode-se nitidamente perceber que o grande desafio para as mais diversas religiões será construir “pontes”, usando como materiais “elementos comuns”, criando condições para que o pluralismo religioso seja alcançado na prática, tornando-se assim uma ferramenta útil para a solução dos vários problemas que assolam a humanidade:⁴⁷

David R. Loy, professor da cátedra Besl de Ética, Religião e Sociedade da Xavier University, em Cincinnati, nos Estados Unidos, explica que, para além das questões teológicas, econômicas e sociais, as religiões também devem prestar atenção ao elemento ecológico, especialmente neste período de crise. “Esses

⁴⁵ VIGIL, José Maria *apud* FREITAS, Janaína Santos Reus, *op. cit.*, p. 213.

⁴⁶ VIGIL, José Maria *apud* BILHALVA, Alexandre O., *op. cit.*, p. 259.

⁴⁷ LOY, R. David *apud* SBARDELOTTO, Moisés. *Paz no mundo, paz entre religiões: os desafios da teologia pluralista.*

desafios urgentes foram provocados pelo ser humano e requerem a melhor resposta possível das tradições religiosas. As religiões não deveriam se relacionar entre si como concorrentes, porque estão comprometidas em uma tarefa comum", diz.

E ainda:

“A prática do diálogo ecumênico e inter-religioso produzirá uma expectativa de convergência da sociedade humana, pois, diante dos desastres, só o que resta é a esperança e ela está na fé do filho de Deus ou na divindade que os não cristãos cultuam. A responsabilidade de ver um mundo melhor recai sobre os ombros daqueles que possuem uma fé viva no Verbo Vivo, cultivando, assim, uma consciência de que todos foram feitos à imagem e semelhança de Deus. Não cabe, então, explicação para tantas injustiças sociais, miséria, conflitos, disputas, corrupção, pois assistimos diariamente ao sofrimento dos menos favorecidos, que sofrem devido os recursos que poderiam lhes trazer alento e esperança e são desviados pelos ricos para sustentar as suas mordomias. Diante disso, o diálogo poderá nos conduzir a uma consciência cristã e justa, promovendo, assim, o reino de Deus na Terra.”⁴⁸

Depreende-se, assim, que o pluralismo deixa de ser um procedimento negativo. Transmuda para algo positivo, uma meta a ser alcançada pela humanidade:⁴⁹

Faustino Teixeira acredita que o pluralismo religioso se apresenta hoje como uma das questões decisivas para a teologia cristã. Assim, segundo o teólogo mineiro, não há como fazer teologia no século XXI fora da interlocução criativa com os diversos caminhos religiosos que se apresentam no tempo atual. Para este autor, a novidade está em reconhecer a dignidade da diferença, acolhendo esse pluralismo como um dado positivo no desígnio misterioso de Deus. A partir dessa concepção, o pluralismo deixa de ser visto como expressão negativa, como dado conjuntural ou expressão de cegueira dos humanos, para ser reconhecido como um fenômeno rico e fecundo. Nesse sentido, acrescenta Teixeira, que um dos mais significativos desafios para o século XXI é o diálogo entre as religiões, não havendo como se desviar desse imperativo essencial da contemporaneidade.

⁴⁸ SILVA NETO, Luiz Guatura da. *Diálogo Ecumênico e Inter-religioso para o Caminho da Paz*, p. 86.

⁴⁹ TEIXEIRA, Faustino *apud* GOMES, Dorcelina do Carmo Alves, *op. cit.*, p. 134-135.

Em assim se entendendo, que todas as religiões possuem seus caminhos próprios de salvação, não há que se falar mais em “seitas, religiões inferiores, segunda categoria...”. Todas ficam em pé de igualdade, “sem distinção de qualquer natureza”, não se podendo mais admitir qualquer discriminação religiosa, principalmente aqui no Brasil, cujas garantias de liberdade de culto estão estabelecidas na Constituição Federal, como já apresentado alhures.

Enfim, que os homens de boa fé, pela graça, sejam também portadores de boa vontade, na eterna construção do reino de Deus, já aqui, no mundo terreno, pois "não haverá paz no mundo, sem paz entre as religiões; e não haverá paz entre as religiões, sem uma visão teológica pluralista".⁵⁰

Conclusão

O processo dialogal passou primeiramente pela fase exclusivista (fora da Igreja Católica não há salvação); a segunda, inclusivista (fora do Cristianismo não há salvação), e a terceira, pluralista (a salvação está em todas as religiões).

Assim, o diálogo das religiões deverá ocorrer por meio do pluralismo religioso, corrente emergente que surge como uma poderosa ajuda, para que as mais diversas religiões abram canais de comunicação, com o intuito de fomentar soluções para os mais diversos problemas que assolam a humanidade.

Desta forma, o importante é o abrir-se com respeito ao diferente. Não se faz necessário renunciar às próprias verdades, tampouco incorporar-se das verdades do outro; apenas respeitá-las, pois o Espírito do Deus Único sopra, onde quer e como quer, para que em todos os homens germinem as “sementes de verdade e de graça”.

⁵⁰ SBARDELOTTO, Moisés. *Paz no mundo, paz entre religiões*.

Referências

- BAVARECO, Agemir e OLIVEIRA, Rogel et al. *Diálogo inter-religioso*, - Exclusivismo – Inclusivismo – Pluralismo. Fi: Porto Alegre, 2018.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988.. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02/06/2019
- CELAM. *Documento de Aparecida* – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 2 Ed, São Paulo: Paulinas, 2007.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. Petrópolis: vozes, 1969.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Declaração Ad Gentes*. Petrópolis: vozes, 1969.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Declaração Dignitatis Humanae*. Petrópolis: vozes, 1969.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Declaração Nostra Aetate*. Petrópolis: vozes, 1969.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Dominus Iesus*. São Paulo: Loyola, 2000.
- DUPUIS, Jacques. *O Cristianismo e as Religiões: Do desencontro ao encontro*, Trad.: Orlando Soares Moreira. Loyola: São Paulo, 2004. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=DbYPCU3TdBwC&pg=PA105&lpg=PA105&dq=%22O+cristianismo+e+as+Religi%C3%B5es%22+DUPUIS&source=bl&ots=IHaz2zGb68&sig=ACfU3U3S6OR3oyTI3zchZG8omIo4cQxbGA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjHiO3g1rmiAhXwHbkGHd5wAyo4FBDoATADegQICBAB#v=one-page&q=%22O%20cristianismo%20e%20as%20Religi%C3%B5es%22%20DUPUIS&f=false>. Acesso em 30/05/2019.
- MIRANDA, Mário de França. *Diálogo inter-religioso e a fé cristã*. disponível em www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/download/907/1338/. Acesso em 23.06.2019.
- PAULO II, São João. *Audiência de Quarta-feira*, dia 09 de setembro de 1988. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences.index.html>, acesso em 30/05/2019.

PAULO VI. Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*. Vaticano, 1964.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO. *Diálogo e Anúncio*. São Paulo: Paulinas, 1996.

SBARDELOTTO, Moisés. *Paz no mundo, paz entre religiões: os desafios da teologia pluralista*. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/40150-paz-no-mundo-paz-entre-religoes-os-desafios-da-teologia-pluralista>. Acesso em 02/06/2019.

SECRETARIADO PARA OS NÃO-CRISTÃOS. *A Igreja e as outras religiões: diálogo e missão*. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interrelg/documents/rc_pc_interrelg_doc_19840610_dialogo-missione_po.html. Acesso em 13/06/2019.

SILVA NETO, Luiz Guatura da, *Diálogo Ecumênico e Inter-religioso para o Caminho da Paz*, Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/7764/2/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20-%20LUIZ%20GUATURA%20DA%20SILVA%20NETO.pdf>. Acesso em 23/06/2019.

TEIXEIRA, Faustino. *Teologia asiática e pluralismo religioso*, Disponível em: <http://oaji.net/articles/2017/6000-1529605279.pdf>. Acesso em 30/05/2019.

WIKIPÉDIA. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1logo>. Acesso em 30/05/2019.

_____. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1logo_inter-religioso, Acesso em 30/05/2019.

WOLFF, Elias. *Caminhos do ecumenismo no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2002.

_____, *Igreja em Diálogo - Teologia do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2018.

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org